

REVISTA MODERNA

NATAL - ANNO-KOM



Nº 26 * DEZEMBRO * 1898

ANNO II

Summario

O SUAVE MILAGRE . . .	EÇA DE QUEIROZ.
HYMNO A LOIE FULLER . . .	MAGALHÃES DE AZEREDO
NATAL RUSSO	B ^{na} DE FREDERISCKSZ
O SONHO DE BÉBÉ	Quadro de S. GNANISTCH
AS ALMINHAS	ABEL BOTELHO
LUIZA ABBEMA	JULIO ADAC
MISS EPAMINONDAS	DOMICIO DA GAMA
MINHA FROTA	ALFONSO CELSO
JESUS DE NAZARETH	XAVIER DE CARVALHO
O NATAL NA SUECIA	ERIK SJOESTEDT
CONCEPÇÃO ESTHETICA DA IMAGEM DO MENINO JESUS	LUIS SERRA
HISTORIA DE UM DRAGÃO	ROUXINOL
FAMILIA FELIZ	Quadro de JULIUS ADAM
OS ESPINHOS	SIRIUS
EXTREMA CRENÇA	THEODORO RODRIGUES
COISAS D'ARTE	JOSÉ DE FIGUEIREDO
SPORT	S. MARCELLO
NOTICIARIO ILLUSTRADO	REPORTER
A ILLUSTRADA CASA DE RAMIRES	EÇA DE QUEIROZ
3 HISTORIAS COMICAS	

Este numero contem

100 ILLUSTRAÇÕES

E UM HORS-TEXTE A CÔRES

EM DUPLO FORMATO



A Virgem, o Menino e S.-João, por Botticelli.

Museo Nacional do Louvre.

Magazine Literario e Artistico : Director M. BOTELHO
Simonidy

Revista Moderna

MAGAZINE
LITTERARIO
E ARTISTICO

ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

CORREIO
DE
ACTUALIDADES

Director : M. BOJELMO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRITORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRACÃO ARTISTICA

DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL

FRANÇA

PORTUGAL

e outros paizes da União Postal

Um anno	50\$000	Um anno	40 francos	Um anno	12\$000
6 mezes	30\$000	6 mezes	24 »	6 mezes	6\$000
Numero avulso	5\$000	Numero avulso	4 »	Numero avulso	1\$000

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS :

AGENCIAS NO BRASIL

Rio de Janeiro	A. LAVIGNASSE FILHO E C ^{ia} , Rua dos Ourives, n ^o 7.	Taubaté	V. COELHO DE CARVALHO.
Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande	CARLOS PINTO E C ^{ia} .	Juiz de Fora e Minas- Geraes	CAPITÃO AVELINO LISBÔA.
São Paulo	CH. HILDEBRAND E C ^{ia} , CASA GARRAUX.	Pernambuco	LIVRARIA CONTEMPORANEA. LIVRARIA DO NORTE, Rua 15 Novembro.
Santos	F. MATTOS E C ^{ia} , Rua 15 de Novembro.	Ceará	J. J. DE OLIVEIRA E C ^{ia} .
Campinas	LIVRARIA ALFREDO GENOUX	Pará	J. B. DOS SANTOS E C ^{ia} .
		Bahia	CATILINA E C ^{ia} .

A REVISTA MODERNA acha-se á venda em todas as livrarias de Brazil e Portugal

EM PARIZ — para as assignaturas e venda avulsa dirigir-se
directamente ao escriptorio da Revista, 48, rue Delaborde

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A REVISTA MODERNA — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar lugar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

Dezembro de 1898

ASSIGNATURAS

47

BRAZIL

Anno	50\$000
6 mezes	30\$000
Numero avulso	5\$000

UNIÃO POSTAL

Anno	40 francs
6 mezes	24 —
Numero avulso	4 —

PORTUGAL

Anno	12\$000
6 mezes	6\$000
Numero avulso	1\$000

EXPEDIENTE

A *Revista Moderna* apresenta aos seus leitores o Numero de *Natal* e *Anno-Bom* que corresponde em tudo ao que promettemos e anunciamos, no precedente. No seu todo elle compõem-se de 60 paginas, comprehendido o duplo *hors-texte* em côres que por si só é uma verdadeira surpresa, que terá estamos certos um grande successo entre o publico em geral.

Na organização do mesmo, e attendendo à epocha da historia da humanidade à qual elle é consagrado, variamos o mais possivel a nossa parte litteraria na qual nomes illustres de Brasileiros, Portuguezes e Estrangeiros assignam brilhantes e bellos artigos. É assim que o leitor começará pela prosa incomparavel de *Eça de Queiroz* lendo o « Suave Milagre » narração cheia de penetrante poesia descrevendo-nos um canto da Santa Palestina quando n'ella appareceu, o filho de deus representado pelo sempre amado e bemdito Nazareno Tambem do grande escriptor continuamos a publicação da *Illustre Casa de Ramires* cujo desenlace romanesco, epilgando o bello romance, prepara-se para o nosso proximo numero. *Domicio da Gama* o litterato brasileiro de bella e estylada escripta, recorda-nos com a Miss Epaminondas, historia cheia de verdade e observação, um desses episodios quotidianos da vida na America. *Abel Botelho* o jovem e tão intelligente escriptor portuguez, cujo successo estrondoso com as *Mulheres da Beira*, é bem recente, assigna uma extravagante phantasia « As Alminhas ». *Afonso Celso* poeta e constructor naval de grande sciencia e ainda maior talento, envia-nos com as festas do Novo-Anno a Sua Frota que n'uma alegre bonança sulca as nossas paginas e festaja o nosso Natal, contando-nos inspirados versos. *Baroneza Elisabeth de Frederiks* jovem escriptora e poetisa russa, honrou-nos sobremodo, com a sua collaboração e o pintor russo Malischeff acompanha o texto de bellissimas reproducções que affirmam o seu inegavel talento. *Xavier de Carvalho* o infatigavel chronista da imprensa brasileira e portugueza, faz um estudo comparativo de religiões indo buscar as tradições do culto christão, nas remotas origens das practicas vedas. *Luisa Abbema* a primorosissima pintora de flores festejada e applau-

dida em todos os salões e exposições parisienses, constitue o assumpto de uma biographia escripta por Jules Adac e na qual encontramos os mais salientes traços da carreira artistica da grande pintora, de cujos bellissimos trabalhos temos o grande prazer de apresentar aos leiteres diferentes e interessantes reproducções. *Oscar Sjoelty* escriptor sueco de merecida reputação, descreve a noute de Natal nas brumosas terras de seo paiz cheias de neve e de pinheiros, de trenós e de patins. *José de Figueiredo* apaixonado

E' bem justo e bastante digno que a lembrança nacional resuscite a figura gloriosa do soldado e do politico que tantos servicios prestou à Patria n'uma longa e trabalhosa carreira, toda cheia dos mais assignalados e meritorios actos de abnegação e sacrificio pelo paiz que elle sempre servio com tão acrysolado amor.

Associando-nos, a essa manifestação que corresponde à inauguração do bello monumento que a capital do Brazil leoanta em memoria do eminente Marechal: A *Revista Moderna*,

illustrado, por interessantes photographias ineditas enviadas obsequiosamente por um dos nossos mais assiduos leitores.

Exposição Falguière. — Teve o mais completo successo esta interessante exposição organisaada no salon do *Nouveau-Cirque* pelos Mrs. Matout e Ivanhoé Rambosson Este ultimo, o tão interessante critico d'arte de *la Plume*, e do *Mercur de France*, prepara sobre Rodin, cuja exposição se seguirá à de Falguière, um estudo que terá a recomendar-o o seu duplo valor de critica e documentação. Agradecemos o convite que os illustres organisaadores a exposição tiveram a amabilidade de nos enviar.

RECEBEMOS

Ensaio Religiosos e Litterarios por José de Andrade Pinheiro — Guilard, Aillaud & C^{ie}. — No prologo da sua obra variada e douta escreve o autor :

« Hoje damos à estampa uns discursos que proferimos em varias epochas no pulpito, e em varias egrejas, já da capital, já do interior do Estado do Pará, onde nascemos.

Aos discursos seguem alguns trabalhos litterarios, constantes de artigos publicados na imprensa, sobre diversos assumptos.

Todos reunidos formam o que chamamos de *Ensaio Religiosos e Litterarios*, e que submettemos à leitura e ao juizo dos leitores.

Quanto aos sermões que publicamos, não temos a vangloria de apresentar à publicidade obra completa, nem de nos collocar ao lado dos abalisados oradores, que brilhantemente têm subido ao pulpito da igreja brasileira; nosso fim é simplesmente offerecer ao benevolito leitor umas breves instrucções sobre assumptos da Religião, bem como sobre algumas festas da Igreja Catholica.

Sobre estas ultimas devemos desde já declarar, que mais de uma vez fomos beber as principaes idéas em obras de reconhecido merito.

A pratica da Natividade de S. João foi quasi toda vasada na obra do Padre Martim, que é uma das melhores do annuario christão.

Sobre a instrucção publica e particular, externamos com toda isenção os nossos juizos, sem comtudo deixar de respeitar o pensar dos outros.

No que diz respeito à educação e instrucção publica somos positivo, e

REVISTA MODERNA

Illustração Brasileira

MAGAZINE LITTERARIO E ARTISTICO

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

48, rue de Laborde, 48

PARIS

Boas-festas e feliz Anno-Novo

AOS SEUS ASSIGNANTES E LEITORES

nado das bellas cousas faz um estudo comparativo da Ceramica Portugueza e Francesa, nas quaes destaca as figuras dos intelligentes artistas Lachenal e Bordallo Pinheiro. *Luiz Serra* acompanha n'um consciencioso trabalho a peregrinação do « Menino Jesus » atravez as variadas interpretações dos grandes mestres da Pintura antiga e moderna « *Rouvinol* adaptou a nossa *Revista* uma terrivel Historia, de um Dragão Encantado, cuja origem remonta ao espirituoso jornal americano « *Puck* ». *Famila Feliz* e o *Sonho de Bibi*, são duas bellas granuras que ornamentam nossas paginas cujos originaes são assignados pelos conhecidos pintores Julius Adam e Granistch completamos o nosso numero com um duplo *hors-texte* deliciosa photo-gravura a cores, reproduzindo o celebre quadro de C. Kiesel pertencente à Galeria de Munich.

O Proximo numero da Revista Moderna o numero 26. — é consagrado à memoria do grande estadista e militar brasileiro Duque de Caxias.

subscrive com praser a essa comemoração nacional e procura no limite dos seus modestos esforços realçar à brilhante e merecida homenagem.

Um distincto diplomata, escriptor competente e grande conhecedor dos nossos estadistas, assignará um documentado estudo sobre a carreira militar e politica do Duque de Caxias. Distribuiremos, juntamente como *hors-texte* à esse numero, um perfeitissimo retrato em grande formato e a côres representando o illustre soldado n'uma das phases culminantes da sua gloriosa carreira.

Diversas illustrações acompanham esse esboço biographico, avivando na memoria do leitor a lembrança dos principaes acontecimentos da Historia Brasileira.

* * *

Tambem no proximo numero publicaremos um magnifico artigo sobre a campanha Rio Grandense devido à amabilidade do distincto compatriota D^e Demetrio Ribeiro. Esse trabalho será originalmente

cremos que poucos haverá que comnosco não concordem.

Emfim, o que ora publicamos não tem o cunho da novidade; mas terá o da boa vontade em tratar também de assumptos por outros já tratados, e talvez com melhor exito.

Terminando este curto prologo contamos com a benevolencia do leitor, no folhear das humildes paginas, que vão seguir.

Conego JOSÉ A. PINHEIRO.
Belem, 22 de Março de 1896.

Estas linhas que são sobremaneira modestas se não dão uma idéa do merito do livro resumem entretanto os assumptos que trata e os fim que visa. Que o leitor curioso de boas obras compre e folheie o magnifico volume do Sr. Conego José Andrade Pinheiro.

A questão do Divorcio. — por Alcides Montano-Fortaleza, 1898, Considerações pessoaes sobre esta grave questão do divorcio, que tanto nos preoccupa no momento actual, feitas com uma certa verdade e independencia que muito valem por serem sinceras e porque têm um fundo de grande amor social, apesar da feição reacionaria do opusculo.

Revue Illustrée. — Ludovic Baschet, editor, Paris. O n.º 1 do 14.º anno d'esta publicação acaba de se publicar com o luxo e o bom gosto que de ha muito assignalam e distinguem esta publicação. Este numero alem do retrato de M^{lle} Lara, traz um summario tão artistico quão variado.

Revista Brasileira. — O 81 Fasciculo d'esta importante publi-

cação traz o seguinte summario.

A primeira Communhão — Afonso Celso; George Marcial — Virgilio Varzea. A Minha formação : (Continuação) — Joaquim Nabuco A Igreja da Candelaria — Dr. A de Paula Freitas; As Molestias do Valle do Amazonas — Dr. Marcio Nery; Historia de Direito Nacional (Continuação) — Sylvio Romero; Septenario das Dores de Nossa Senhora — Alphonsus de Guimaraens; Sylvio Romero — Polemista — Araripe Junior; Bibliographia e Indice do Tomo XV.

Revista Portugueza Colonial e Maritima. — Livraria Ferin — Lisboa — Recebemos o n.º 14 — do 2.º anno que traz o seguinte summario :

A China e a Questão do Oriente

(continuação) — por Arthur Lob d'Avila.

A Alliança de Portugal — por C. Roma do Bocage.

Agricultura Colonial (continuação) — por Julio Henriques.

Um mappa antigo de Mombaça — por Ernesto de Vasconcellos.

A questão da Borracha em Anpola — por Alfredo Andrade.

Direito Internacional — A propriedade particular nos mares e a guerra maritima (fim) — por Carneiro de Moura.

Notas Navaes — por E. de V.

Revista Ultramarina — por Tito de Carvalho.

Publicações Recebidas.

Informações — Generos vindos d'África para o mercado de Lisboa. Cambios e generos coloniaes.

Brinde da Revista Moderna

Como annuciámos no nosso ultimo numero, a *Revista Moderna* offerece aos seus assignantes e leitores que renovarem ou tomarem uma assignatura por um anno antes do dia 31 de Janeiro proximo

UM EXPLENDIDO BRINDE

consistindo n'uma bellissima gravura a côres copia perfeita e admiravel do

Celebre Quadro de BOUCHER

O NINHO

(DO MUSEU NACIONAL DO LOUVRE)

uma das melhores composições do grande mestre francez do seculo XVIII, cuja reprodução artistica é rarissima e attinge preços consideraveis nos mercados europeos. Tivemos a felicidade de poder obter uma limitada tiragem d'esta obra prima que pomos a disposição dos nossos leitores nas condições acima indicadas.

Os nossos assignantes e leitores, que habitam nas localidades onde a *Revista* tem agencias, basta, para o obterem que se dirijam a esses agentes quanto aos que habitam em outras localidades terão a bondade de fazer o pedido por escripto a esses agentes e juntar 1000 reis para as despezas da remessa postal.

O SUAVE MILAGRE!

N'ESSE tempo Jesus ainda se não affastara da Galilea e das doces, luminosas margens do Lago de Tiberiade :— mas a nova dos seus Milagres penetrára já até Enganim, cidade rica, de muralhas fortes, entre olivae e vinhedos, no paiz de Issachar.

Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados, passou no fresco valle, e annunciou que um novo Propheta, um Rabbi formoso, percorria os campos e as aldeas de Galilea predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos. E em quanto descansava, sentado á beira da *Fonte dos Vergeis*, contou ainda que esse Rabbi, na estrada de Magdala, sarara da lepra o servo d'um Decurião Romano, só com estender sobre elle a sombra das suas mãos; e que n'outra manhã, atravessando n'uma barca para a terra dos Gerasenios, onde começava a colheita do balsamo, resuscitara a filha de Jaira, homem consideravel e douto que commentava os Livros na Synagoga. E como em redor, assombrados, ceareiros, pastores, e as mulheres trigueiras com a bilha no hombro, lhe perguntassem se esse era em verdade o Messias de Judea, e se deante d'elle refulgia a espada de fogo, e se o ladeavam, caminhando como as sombras de duas torres, as sombras de Gog e de Magog — o homem, sem mesmo beber d'aquella agoa tão fria de que bebera Josué, apanhou o cajado saccudio os cabellos, e mettu pensativamente por sob o Aqueducto, logo sumido na espessura das amendoeiras em flôr. Mas uma esperança, deliciosa como o orvalho nos mezes em que canta a cigarra, refrescou as almas simples : logo, por toda a campina que verdeja até Ascalon, o arado pareceu mais brando d'enterrar, mais leve de mover a pedra do lagar : as creanças, colhendo ramos d'anemonas, espreitavam, pelos caminhos se alem da esquina do muro, ou de sob o sycomoro, não surgiria uma claridade : e nos bancos de pedra, ás portas da cidade, os velhos, correndo os dedos pelos fios das barbas, já não desenrolavam, com tão sapiente certeza, os dictames antigos.

Ora então vivia em Enganim, um velho, por nome Obed, d'uma familia pontifical de Samaria que sacrificara nas aras do Monte Ebal, senhor de fartos rebanhos e de fartas vinhas — e com o coração tão cheio d'orgulho como o seu celleiro de trigo. Mas um vento arido e abrazado, esse vento de desolação que ao mando do Senhor sopra das torvas terras d'Assur, matara as rezes mais gordas das suas manadas, e pelas encostas onde as suas vinhas se enroscavam ao olmo, e se estiravam na latada airosa, só deixara, em torno dos olmos e pilares despidos, sarmentos, cepas mirradas, e a parra roida de crespia ferrugem. E Obed agachado á soleira da sua porta, com a ponta do manto sobre a face, palpava a poeira, lamentava a velhice, ruminava queixumes contra Deus cruel.

Apenas ouvira porem d'esse nosso Rabbi de Galilea que alimentava as multidões, amedrontava os demonios, emendava todas as desventuras — Obed, homem lido, que viajara na Phenicia, logo pensou que Jesus seria um d'esses feiticeiros, tão costumados na Palestina, como Appoloniou ou Rabbi Ben-Dossa, ou Simão o Subtil. Esses, mesmo nas noites tenebrosas, conversam com as estrellas, para elles sempre claras e faceis nos seus segredos : com uma vara afugentam de sobre as cearas os moscardos gerados nos lodos do Egypto : e agarram entre os dedos as sombras das arvores, que conduzem, como toldos beneficos, para cima das eiras, á hora da

sesta. Jesus de Galilea, mais novo, com magias mais viçosas, de certo, se elle largamente o pagasse, sustaria a mortandade dos seus gados, reverdeceria os seus vinhedos. Então Obed ordenou aos seus servos que partissem, procurassem por toda a Galilea o Rabbi novo, e com promessa de dinheiros ou alfayas, o trouxessem a Enganim, no paiz d'Assachar.

Os servos apertaram os cinturões de couro, — e largaram pela estrada das Caravanas, que costeando o Lago, se estende até Damasco. Uma tarde, avistaram sobre o poente, vermelho como uma romã muito madura, as neves finas do monte Hermon. Depois, na frescura d'uma manhã macia, o lago de Tiberiade, resplandeceu deante d'elles, transparente, coberto de silencio, mais azul que o ceu, todo orlado de prados floridos, de densos vergeis, de rochas de porphiro, e de alvos terrassos por entre os palmares, sob o voo das rôlas. Um pescador que desamarrava preguiçosamente a sua barca d'uma ponta de relva, assombreada d'aloendros, escutou, sorrindo, os servos. O Rabbi de Nazareth? Oh! desde o mez de Ijar, o Rabbi descera, com os seus discipulos, para os lados para onde o Jordão leva as agoas.

Os servos, correndo, seguiram pelas margens do Rio, até adiante do Vau, onde elle se estira n' um largo remanso, e descanca, e um instante dorme, immovel e verde, á sombra dos tamarindos. Um homem da tribu dos Essenios, todo vestido de linho branco, apanhava lentamente hervas salutareas, pela beira da agua, com um cordeirinho branco ao collo. Os servos humildemente saudaram-o por que o povo ama aquelles homens de coração tão limpo, e claro, e candido como as suas vestes cada manhã lavadas em tanques purificados. E sabia elle da passagem do novo Rabbi de Galilea, que como os Essenios ensinava a doçura, e curava as gentes e os gados? O Essenio murmurou que o Rabbi atravessara o Oasis de Engaddi, depois se adeantara para alem... — Mas onde, « alem »? — Movendo um ramo de flores roxas que colhera, o Essenio mostrou as terras d' Alem Jordão, a planicie de Moab. Os servos vadearam o rio — e debalde procuraram Jesus, arquejando pelos rudes trilhos, até ás fragas onde se ergue a cidadella sinistra de Makaur... No Pôço d'Yakob repousava uma larga caravana, que condusia para o Egipto, myrra, especiarias e balsamos de Gilead : e os cameleiros tirando a agoa com os baldes de couro, contaram aos servos de Obed que em Gadara, pela lua nova, um Rabbi maravilhoso, maior que David ou Isaias, arrancara sete demonios do peito d'uma tecedeira, e que á sua voz, um homem degolado pelo salteador Barrabas se erguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto. Os servos, esperançados, subiram logo açodadamente pelo caminho dos Peregrinos ate Gadara, cidade d'altas torres, e ainda mais longe até as Nascentes de Amalha... Mas Jesus, n'essa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcara no Lago, n'um batel de pesca, e á vela vogara para Magdala. E os servos d'Obed descorçoados, de novo passavam o Jordão na Ponte das Filhas de Jacob. Um dia, já com as sandalias rotas dos longos caminhos, pisando já as terras da Judea Romana, crusaram um Phariseu sombrio, que recolhia a Ephraim, montado na sua mula. Com devota reverencia detiveram o homem da Lei. Encontrara elle por accaso esse Propheta novo de Galilea que como um Deus passeando na terra, semeava milagres? A adunca face

do Phariseu escureceu enrugada — e a sua colera tumbou como um tambor orgulhoso :

— Oh escravos pagãos! Oh blasphemos! Onde ouvistes que existissem prophetas ou milagres fora de Jerusalem? Só Jehovah tem força no seu Templo. De Galilea surdem os nescios e os impostores...

E como os servos recuavam ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de dísticos sagrados — o furioso Doutor saltou da mula, e, com as pedras da estrada, apedrejou os servos de Obed, uivando, *Racca! Racca!* e todos os Anathemas rituaes. Os servos fugiram para Enganim. E grande foi a desconolação d'Obed por que os seus gados morriam, as suas vinhas seccavam, — e todavia, radiantemente, como uma alvorada por detraz de serras, crescia, consoladora e cheia de promessas divinas, a fama de Jesus de Galilea.

Por esse tempo, um Centurião Romano, Publius Septimus, comandava o forte que domina o valle de Cesarea, até á cidade e ao mar. Publius, homem aspero, veterano da campanha de Tiberio contra os Parthas, enriquecera durante a revolta de Samaria com prezas e saques, possuía minas na Attica, e gosava, como favor supremo dos Deuses, a amizade de Flaccus, Legado Imperial da Syria. Mas uma dor roía a sua prosperidade muito poderosa como um verme roe um fructo muito succulento. Sua filha unica, para elle mais amada que vida ou bens, definhava com um mal subtil e lento, estranho, mesmo ao saber dos esculapios e magicos que elle mandara consultar a Sidon e a Tyro. Branca e triste como a lua n'um cemiterio, sem um queixume, sorrindo pallidamente a seu pae, definhava, sentada na alta esplanada do forte, sob um velario, allongando saudosamente os negros olhos tristes, pelo azul do mar de Tyro, por onde ella navegara d'Italia, numa galera enfeitada. Ao seu lado, por veses, um legionario, entre as ameias, apontava vagarosamente ao alto a flecha, e varava uma grande aguia, voando d'aza serena, no ceu rutilante. A filha de Septimus, seguia um momento a ave, torneando, até batter morta sobre as rochas : — depois, mais triste, com um suspiro, e mais pallida, recomeçava a olhar para o mar.

Então, Septimus, ouvindo contar a mercadores de Chorazin, d'este Rabbi admiravel, tão potente sobre os Espiritos, que sarava os males tenebrosos da alma, destacou tres decurias de soldados para que o procurassem por Galilea, e por todas as cidades da Decapola, até á costa e até Ascalon. Os soldados enfiaram os escudos no sacco de lona, espetaram nos elmos ramos de oliveira — e as suas sandalias ferradas apressadamente se affastaram, resoando, sobre as lages de basalto da estrada romana, que desde Cesarea, até ao Lago, corta toda a Tretarchia de Herodes. As suas armas, de noite, brilhavam no topo das collinas, por entre a chama ondeante dos archotes erguidos. De dia invadiam os casaes, rebuscavam a espessura dos pomares, esfuracavam com a ponta das lanças a palha das medas : e as mulheres, assustadas, para os amansar, logo accudiam com bolos de mel, figos novos, e malgas cheias de vinho que elles bebiam d'um trago, sentados á sombra dos sycomoros. Assim correram a Baixa Galilea — e, do Rabbi, só encontraram o sulco luminoso nos corações. Enfastiados com as inuteis marchas, desconfiando que os Judeus sonegassem o seu feiticeiro para que Romanos não aproveitassem do superior feitiço, derramavam com tumulto a sua colera, atravez da piedosa terra submissa. Á entrada das pontes detinham os peregrinos, gritando o nome do Rabbi rasgando os veus ás virgens : e á hora em que os cantaros se enchem nas cisternas, invadiam as ruas estreitas dos burgos, penetravam nas Synagogas, e, battiam sacrilegamente com os punhos das espadas nas *Thebahs*, os Santos Armarios de cedro, que continham os Livros Sagrados. Nas cercanias d'Hebron arrastaram os Solitarios pelas barbas, para fóra das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se occultava o Rabbi : — e dois mercadores Phenicios

que vinham de Joppé com uma carga de malobatro, e a quem nunca chegara o nome de Jesus, pagaram por esse delicto cem drachmas a cada Decurião. Já a gente dos campos, mesmo os bravios pastores de Idumea, que levam as rezes brancas para o Templo, fugião espavoridos para as serranias, apenas luziam, n'alguma volta do caminho, as armas de bando violento. E da beira dos eirados, as velhas saccudiam como talegos a ponta dos cabellos desgrenhados, e arrogavam sobre elles as Más-Sortes, invocando a vingança d'Elias. Assim tumultuosamente erraram até Ascalon : não encontraram Jesus : e retrocederam ao longo da costa, enterando as sandalias nas areas ardentes.

Uma madrugada, perto de Cesarea, marchando n'um valle, avistaram sobre um outeiro, um verde negro bosque de loureiros, onde alvejava, recolhidamente, o fino e claro portico d'um templo. Um velho, de compridas barbas brancas, coroado de folhas de louro, vestido com uma tunica cõr de açafraõ, segurando uma curta lyra de tres cordas, esperava gravemente, sobre os degraus de marmore, a apparição do sol. Debaixo, agitando um ramo de oliveira, os soldados bradaram pelo Sacerdote. Conhecia elle um novo Propheta que surgira em Galilea, e tão destro em milagres que ressuscitava os mortos e mudava a agoa em vinho? Serenamente, alargando os braços, o sereno velho exclamou por sobre a rociada verdura do valle :

— Oh romanos! pois acreditaes que em Galilea ou Judea appareçam prophetas consumando milagres? Como pode um barbaro alterar a Ordem instituida por Zeus?... Magicos e feiticeiros são vendilhões, que murmuram palavras oucas, para arrebatam a esportula dos simples... Sem a permissão dos Immortaes nem um galho secco pode tombar da arvore, nem secca folha pode ser sacudida na arvore. Não ha prophetas, não ha milagres... Só Apollo Delphico conhece o segredo das cousas.

Então devagar, com a cabeça derrubada, como n'uma tarde de derrota, os soldados recolheram á fortaleza de Cesarea. E grande foi o desespero de Septimus, por que sua filha morria, sem um queixume, olhando o mar de Tyro — e todavia a fama de Jesus, curador dos languidos males, crescia, sempre mais consoladora e fresca como a aragem da tarde que sopra do Hermon e atravez dos hortos reanima e levanta as assucenas pendidas.

Ora entre Enganim e Cesarea, n'um casebre desgarrado, sumido na prega d'um cerro, vivia a esse tempo uma viuva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres d'Israel. O seu filhinho unico, todo aleijado, passara do magro peito a que ella o creara para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete annos passados, mirrando e gemendo. Tambem a ella a doença a engilhara, dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E sobre ambos, espessamente a miseria cresceu como o bolor sobre cacos perdidos n'um ermo. Até na lampada de barro vermelho, seccara ha muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão ou codea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro seccara a figueira. Tão longe de povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só hervas apanhadas nas fendas das rochas, cosidas sem sal, nutriam aquellas creaturas de Deus na Terra Escolhida onde até ás aves maleficas sobrava o sustento!

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartio do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira coçando as feridas das pernas, contou d'essa grande esperanza dos tristes, esse Rabbi que apparecera em Galilea, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as creancinhas, e enxugava todos os prantos, e promettia aos pobres um grande e luminoso Reino, de abundancia maior que a Côte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E esse doce Rabbi, esperanza dos tristes, onde s'encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce Rabbi! quantos o desejavam, que se desesperançassem! A sua

fama andava por sobre toda a Judea como o sol que até por qualquer velho muro se estende e se gosa; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aquelles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por toda a Galilea para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim: Septimus tão soberano destacara os seus soldados, até á costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem, por seu mando, a Cesarea. Errando, esmolando por tantas estradas, elle topara

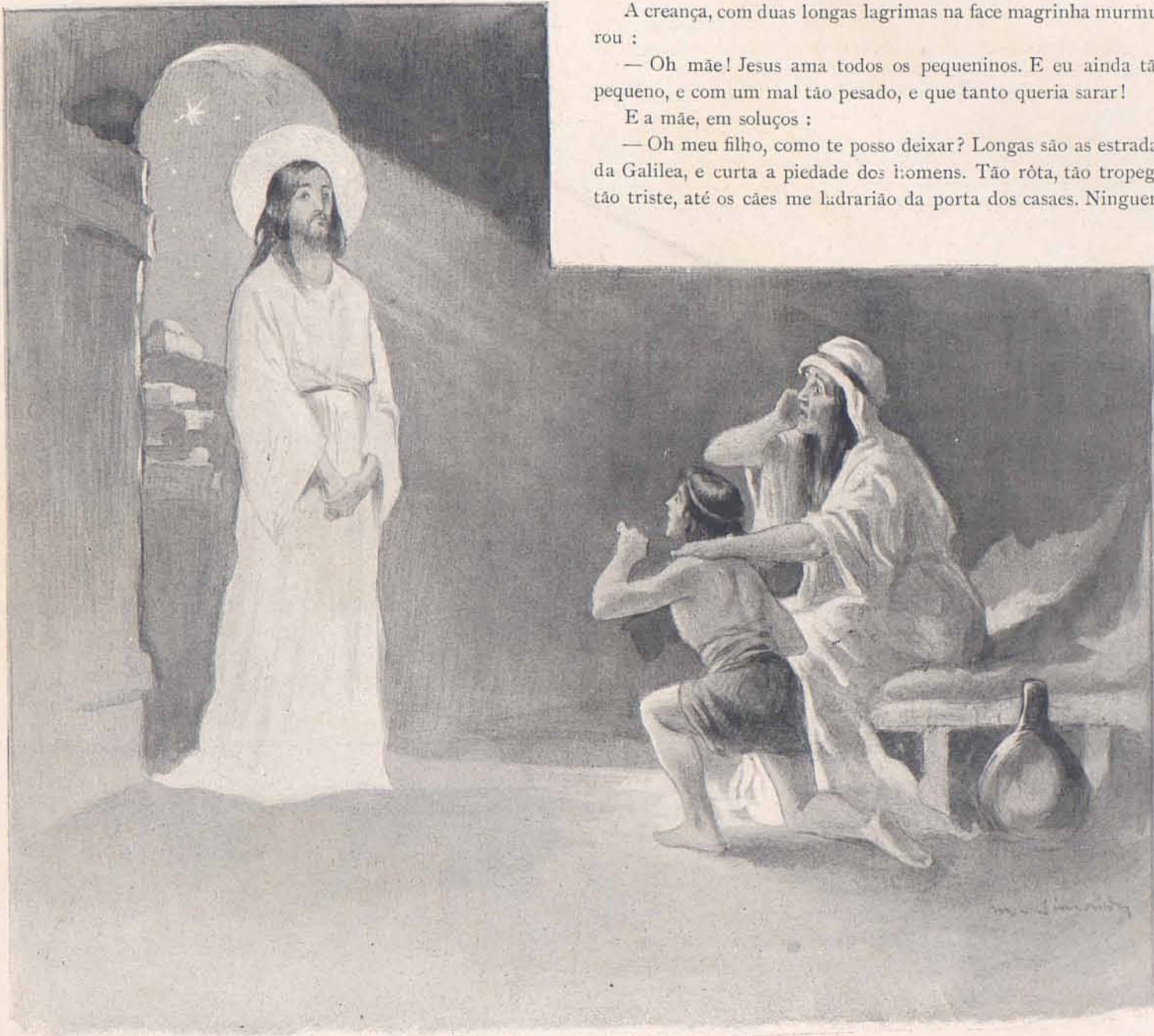
nhos, á procura do Rabbi da Galilea. Obed é rico e tem servos, e de balde buscaram Jesus, por areas e collinas, desde Chorazin até ao paiz de Moab. Septimus é forte, e tem soldados, e de balde correram por Jesus, desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dôr mora conosco, dentro d'estas paredes e dentro d'ellas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabbi tão desejado por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse, atravez das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho, tão pobre, sobre enxerga tão rôta.

A creança, com duas longas lagrimas na face magrinha murmurou:

— Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

— Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galilea, e curta a piedade dos homens. Tão rôta, tão tropega tão triste, até os cães me ladrarião da porta dos casaes. Ninguém



os servos de Obed, depois os legionarios de Septimus. E todos voltavam, como derrotados, com as sandalias rotas, sem ter descoberto em que malta ou cidade, em que loca ou palacio, se escondia Jesus.

A tarde cahia. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então, o filhinho, n'um murmurio mais debil que o roçar duma aza, pediu á mãe que lhe trouxesse esse Rabbi, que amava as creancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— Oh filho! e como queres que te deixe, e me metta aos cami-

atterneria o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabbi. Oh filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O ceu o trouxe, o ceu o levou. E com elle para sempre morreu a esperanza dos tristes.

D'entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãosinhas que tremiam a creança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse á creança:

— Aqui estou.

Hymno a Loïe Fuller

Do seio d'este rumoroso e glorioso Paris, por onde eu ando sempre á busca de sensações esthéticas, chegue a ti o meu cantico de entusiasmo sem mescla de materiaes instinctos, ó nobre e intangível encarnação da Belleza pura!

Que frémito correu subtilmente os meus nervos todos, quando, apagadas num instante as lampadas do theatro, eu te vi surgir ao longe, no fundo das trevas murmurantes, como um phantasma luminoso, como a alma de uma estrella cadente!

Mulher? Não. Que tinhas tu de mulher? Nem as perturbadoras curvas das espaldas e da cintura, nem os braços que sabem apertar fortemente, nem os seios turgidos, nem a bocca de avidez insaciavel como a morte... ah! nem os olhos que entornam effluvios de paixão... os teus pobres olhos já quasi não vêm, crestados pelas chammas da tua transfiguração, ó Victima de um generoso ideal — o de offercer aos homens um espectáculo digno dos deuses!

Mulher? Não. Eu não vi sequer o teu rosto... És uma forma, impessoal, impalpavel, incognoscível — és a propria forma numa das suas expressões mais limpidas... És a filha e a herdeira do mythico Prometheu; o fogo do ceu, para ti o roubou elle; na rocha abrupta do Caucaso, enquanto o abutre vingador lhe devorava o figado ás bicadas, o heroe com voz serena, desdenhando a dor, sorrindo á ira de Jupiter, te ensinou a arte de cultivar esse thesouro divino, tirando da chamma a luz, e a côr e o movimento.

A Noite nos envolve — a Noite profunda e negra, sem um vislumbre. E do regaço da Noite tu nasce, fluctuante nas tuas vestes diáphanas, de uma gaze mais fina e leve que a neblina errante

pelas cristas dos montes em madrugada de outomno. E dansas, lentamente, sem ruido, sem esforço, com uma tal harmonia que semelhas uma pluma brandamente meneada no ar pela viração mais branda. Dansas, e a musica de uma orchestra invisível te embala, como remoto concerto angelical. Dansas... ou voas? Dize: foi de sylphos e sylphides, pelos jardins encantados, que aprendeste a dansar assim? ou foi das Willis enamoradas, das melanchólicas virgens do Rheno, que tal segredo colheste, no bosque de algum castello germanico, ao branquejar de um d'esses luazes intensos que fazem desfallecer de poesia o coração!...

Agora começa, como um fabuloso ser, as tuas metamorphoses. Oh! em que brusco incendio tu ardes! As labaredas te cercam, te tocam, como linguas vorazes e convulsivas; e tu mesma és uma labareda viva, de purpura triumphal. Abrindo os longos braços, ondulando o corpo envolto em veus de lava, tomas a forma

de uma serpente de fogo, enquanto a orchestra invisível toca uma fanfarra bellicosa.

Mas as chammas empallidecem e desmaiam; as papoulas sanguineas se mudam em rosas de nacar, frescas do orvalho matinal. Es a Aurora, num dia de Maio nascente; dir-se-hia que passaros cantam, nas flautas, nas harpas, nos violinos da orchestra invisível; e as proprias flores desabrocham numa fecundidade esplendida, pois sobre as tuas vestes, agora de um

verde de agua corrente sobre musgos frescos, reveem-se em projecções luminosas, grupos phantásticos de jasmins e cysanthemas, de orchideas e magnolias, de dhalias e hortensias, de azaléas e heliotropos...

Porfim, condensando, todas as forças da Primavera creadora, tu te ergues, esbelta e fina, metamorphoseada num grande lyrio. O nobres pétalas de transparente tecido, que penumbra de somno e sonho espalhaes! ó cálice profundo e defêzo que delicia seria, para uma nympha ou para um poeta, adormecer no teu silencioso regaço côr de leite!

Mas o calice se alarga, as pétalas se alongam, e o que era lyrio é borboleta; enorme borboleta impaciente e febril, que sacudindo as azas variegadas, levanta um turbilhão de poeira de ouro semelhante ás areias de uma praia, batidas do vento e beijadas do sol. E adeja sem descanso, numa grande ancía de vida, seguindo em seu compasso rapido a valsa da orchestra invisível.

Valsa! mas é uma valsa de Chopin... Suspiros ardentes a entrecortam, prantos, curtos ais de anciedade, coisas de sentimento infavel e impossivel que o coração d'esse mystico voluptuoso soube pôr ahí entre nota e nota... E' por isso que a borboleta vae lentando o vôo, que frouxas lhe descahem as azas, e em dobras se lhe espalham pelo solo.

Melanchólica visão que do seu cadaver surgiste, fada ou alméa vestida de um sendal rôxo, és tu a alma do Crepúculo, assistindo á agonia da Natureza? Conversas tu com Vesper nas clareiras desertas? banhaste ás escondidas, ao entardecer nas fontes solitarias que enchem de queixumes todos os echos da floresta? vaes despertar, em recessos de ti só conhecidos, os gonios demoniacos e angélicos das trevas, que nas horas interminaveis da vigilia inflammam os sentidos dos amantes e excitam morbidamente a imaginação dos vates?

Quem o pode saber? Do teu sendal rôxo fizeste sem transição um amplo pedaço de ceu azul escuro, cravejado de estrellas; e como se estas, de chôfre, expandindo-se, invadissem todo o firma-



mento, em ti nada mais vemos que um núcleo de luz branca, immaculadamente branca e tão violenta que nos offusca os olhos. A própria orchestra se cala, hypnotizada.

Fulguras um instante, Diamante de pureza, Astro de gloria divina, e desapareces.

Uma sombra apenas empanou o reflexo de tua imagem no meu

espírito — foi o pezar de te ver no tablado banal de um café concertos nesse proscenio pisado antes e depois por athletas e acrobatas vestidos de malha, por impudica, mulheres de saíotes curtos e peitos ostentosa-mente nus, que frisavam com picantes inflexões de voz e gestos felina-mente lubricos a graça do scéptico Boulevard...

Por que assim te profanas? Não te doe o teu proprio sacrilegio? Não é digno de ti aquelle impuro ambiente; pois tu não nos attrahes com as rédes da sensualidade que colhem cegos ap- plausos, nem, como as domadoras de tigres e

leões, com a seducção do perigo, cujos frémitos doentios agradam aos nervos pervertidos. Tu só nos effereces a formosura ideal, extranha a todas as fragilidades humanas.

Não é digno de ti, acaso, este século em que vivemos, traba- lhado de calculos frios e análises irritantes, que difficulta por mil modos a idéa simples da Harmonia, a impressão limpida e perene de Belleza... Por que não vieste ao mundo naquellas felizes eras da Grecia antiga, em que sob o ceu propicio, no meio da paizagem ideal, onde nenhuma aresta dura quebrava a doçura dos campos verdes e dos montes de amethysta, um culto solemne e sincero se prestava á Natureza e á Arte?.. Tu serias um nume

tutelar, uma gloria nacional; viverias nimbada de adorações; e, como a columna de fogo guiou a marcha de Moysés e do seu povo através do deserto, tu guiarias pelos caminhos tapizados de fo- lhagem, as longas theorias votivas; e, nos Panathenás, entraria em triumpho pelo mar, dansando na prôa do navio sagrado, e, para o resguardar do sol, mãos respeitosas estenderiam sobre tua cabeça o mesmo peplo alvo e recamado de Minerva.

Os Hellenos fariam de ti uma deusa; dar-te-hiam altares e templos; em tua honra festões de myrto e verbena seriam suspensos entre as co- lumnas de rubro póphyro, e novellos aromaes de incenso afagariam as cornijas de bronze la- vrado. Por que elles em ti descobririam, com o seu innato sentimento do symbolo, a mais sub- til e perfeita encarnação de Psyché, da Alma uma e varia, homogenea e contradictoria, propria e alheia, com tanto de si mesma e tanto do mundo exterior que não se distingue sempre o que lhe pertence e o

que é de outrem-espelho original e phantasioso que reflecte todas as coisas do universo, modificando-lhes infinitamente as formas, sem lhes alterara essencia!...

Ah! não; odes de Alceu e Pindaro, idyllios de Anacreonte, idyl- lios de Theocrito e Bion, hymnos de Callimaco e Proclo elegias espirituaes de Simonides não te irão acariciar os ouvidos, consolar- te no teu isolamento, quando as chammas da tua auréola gloriosa acabarem de crestar-te as pupillas, cerrando-as á claridade do dia!

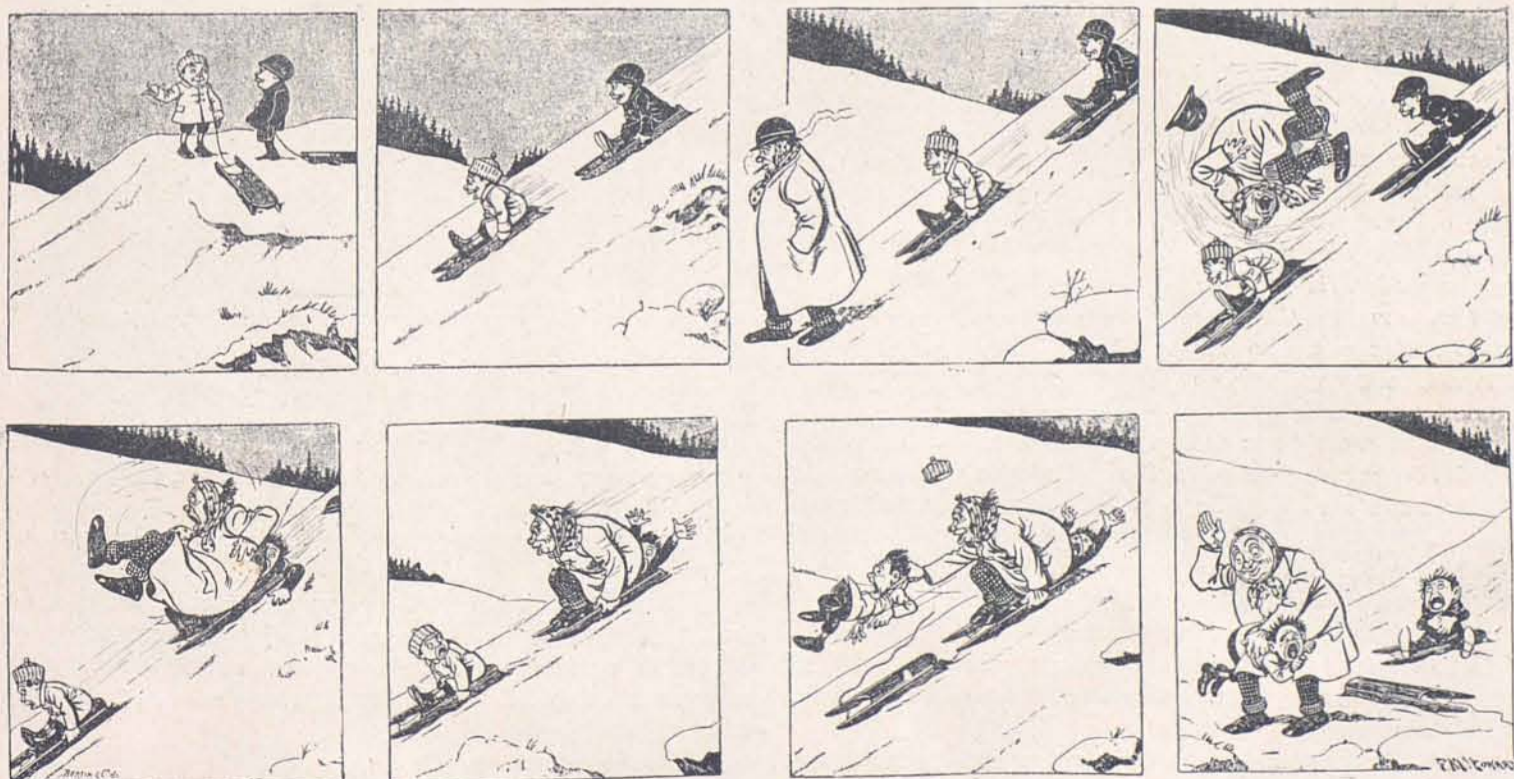
Março 1898.

(Das *Balladas e Phantasias*.)

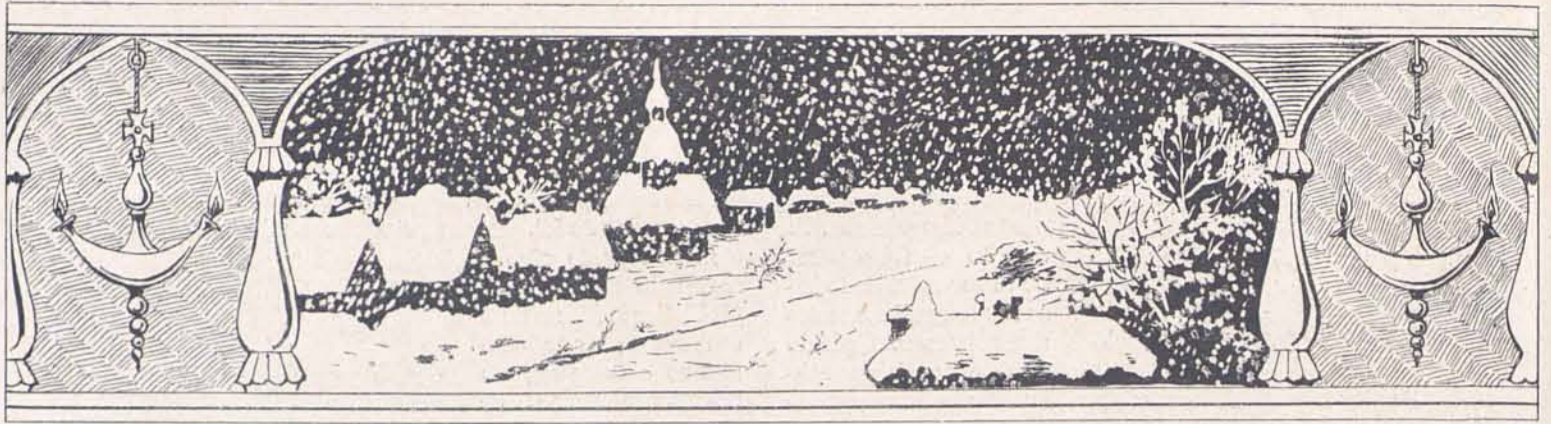
MAGALHÃES DE AZEREDO.



BRINCADEIRAS DE INVERNO



Uma Combinação Malograda.



NATAL RUSSO

ABRIGADA pela vasta floresta prateada de neve, sepultada em alvissima mortalha, a pequena aldeia toma uma festiva apparencia, pois que se approxima o grande dia da Natividade do Salvador, e amanhã, na tardia aurora de Dezembro, o sol sorrirá, segundo a ingenua crença campezina, trahindo n'esse sorriso luzente a sua participação nas alegrias humanas. N'essa noite o bom *domowoi*, genio familiar dos tranquillos lares, percorrerá os estabulos, lançando aveia ás mangedouras, e habilmente entrançando a cauda longa e a espessa crina dos cavallos.

Sómente o semblante do pequeno Wania denuncia tristeza, porquanto lhe fôra por sua mãe recusada áquella manhã a primeira refeição. «Jejuarás, do mesmo modo que nós, até a primeira estrella», dissera-lhe ella; mas a fome, que o torturava, é facilmente olvidada na absorvente preparação de uma lanterna, á qual o irmão mais velho consagra seus cuidados. Muitas outras no mesmo instante se fazem na aldeia, e dentro em pouco um grupo de rapazes irá de casa em casa glorificar o Christo e receber, a titulo de apreciavel dadiva, nozes, maçãs ou uma diminuta moeda.

Wania por mais de uma vez envolveu-se no manto de sua mãe, afim de ir á escola, onde o joven professor iniciava os discipulos nos canticos sagrados. N'esses dia de forte inverno elle teve de supportar o assalto dos companheiros, a projectis de neve. A voz afinada de Wania domina o conjuncto das outras vozes, e o cura funda n'elle grandes esperanças para solemnidade. No anno precedente, fôra simples auditor; hoje, eil-o o primeiro d'entre os cantores do côro.

Cahia a noite. Wania approximou-se do avô, que junto á mesa lia um grande livro á luz vacillante da lampada, insufficiente para os seus fatigados olhos de octogenario.

Elle e a creança acham-se a sós na *isba*, porquanto a mãe foi á egreja, assistir ás vespervas, depois da qual far-se-ha a derradeira refeição do Advento.

Fitando o ancião, a creança se absorve na contemplação d'essa figura calma, cujos labios murmuram indistinctas palavras; Wania se repousa, após a agitação das ultimas horas.

— Onde estão os outros? interroga o avô.

— Costia termina n'este momento a lanterna, Marfa e Doria assistem á operação, elucidou o menino.

— Porque não te achas ao lado de teus irmãos?

Wania fez um gesto negativo, e meigamente achegou-se ao velho lavrador, que acaricia, com a mão rude, os finos cabellos do neto.

— Conta-me o nascimento do Salvador, pediu a creança.

Accedendo á supplica, o velho começou:

— Nós devíamos morrer sob o peso dos peccados; mas Deus,



...elle teve de supportar o assalto dos companheiros, a projectis de neve...

em sua infinita bondade, quiz que a consciencia accordasse no coração dos homens, e, n'um momento de divino amor, enviou á terra o seu Filho unico... »

Durante muito tempo resôou na *isba* a voz fraca e rhythmica do ancião.

Wania dedicava á narrativa a sua atenção inteira, mas, de subito, julgou vêr uma grande estrella balançar-se entre as vigas da parede, e perante ella grandes personagens que se inclinavam reverentes... Depois... O bom avô interrompêra a narração, sorrindo; o neto adormecêra...

E de novo recommçou a lêr...

Quando Wania despertou, reinava na casa a effervescencia dos ultimos preparativos.



Pinado por S. Guarnicchi.

O SONHO DE BEBÉ.
MODERN KUNST.

Revista Moderna.

São tres horas. Cantam-se as matinas. As janellas da pequena igreja scintillam ao longo, na noite. No interior a temperatura é suffocante; o incenso se mistura á pelle de carneiro e o cheiro peculiar dos cirios junta-se ao alcatrão dos couros.

Wania canta com a sua voz aflautada e malleavel, mas quando acha inutil o seu concurso, observa a assistencia. A um lado vê o grupo aparamentado dos proprietarios das circumvizinhanças; atraz, separados d'elles pela balaustrada, frescas e sadias meninas, e mais longe o agrupamento das mães e das irmãs mais velhas.

O lado direito é reservado aos homens, entre os quaes se destaca o *starosta*, tendo ao peito a sua placa de cobre, e o estalajadeiro, ostentando a corrente de ouro massiço.

um d'elles lhe dirá doces blandicias, e ella, o acompanhará na senda da vida...

A noite estava calma e fria; um circulo irisado circumdava a merencorea lua; a neve estalava aos pés dos transeuntes numerosos.

Dentro em pouco, a grande *isba* do estalajadeiro regorgitava de amigos.

Com perolas de vidro e ambar ao pescoço, de largas mangas e tranças enfeitadas, as raparigas entoam as primeiras canções, cujos estribilhos são repetidos pelo côro, ao som do acordeon.

A alegria toca ao auge; mas Irina, alheia aos risos, espera sempre...

Subitamente, uma gargalhada irrompe nos ares, e a mascarada tradicional apparece.



„Vê-se, então, o urso, conduzido por um guia espirituoso...

Entre as fronteiras que se prostam, nenhuma mais baixo se inclina, que a de Irina. O seu olhar claro procura o olhar da Virgem que desce grave e sereno dos painéis do iconostase.

Baluciam timidamente os labios angelicaes d'essa menina e sua mão, ao traçar o signal da cruz, visivelmente treme.

Wania contempla tudo isso, attento; e em seu espirito formula a interrogação seguinte, a que em vão procura satisfazer:

— Que pôde Irina com tanto fervor supplicar ao Todo-Poderoso?

O primeiro dia de Natal passou como um sonho.

Wania estava contente; a sua voz sobresahira, e essa festa, a primeira a que consagrara o seu concurso vocal, deixara-lhe uma impressão suavemente saudosa.

Mas Irina, a filha estremecida do rico estalajadeiro, sentia n'alma uma indizível sensação, vaga e perturbadora, pois sabe que n'aquella noite, entre os meninos que visitarão a casa de seu pae

Vê-se, então, o urso, conduzido por um guia espirituoso; a cabra figurada por um rapaz agil, e para o qual a acrobacia não constitue arriscado exercicio.

Mas o urso, fugindo das mãos que o governam, corre a Irina, e, simulando raptal-a, diz-lhe em voz baixa duas phrases de amor. Em seguida, desapparece o animal, apupado pelas raparigas, que recommencam as dansas e os canticos, nos quaes toma agora parte, enrubescida pelo calor e por intimas sensações intraduziveis, a meiga filha do estalajadeiro.

A jovialidade reina em toda a sua expansão na *isba* de Irina; mas o dia lentamente despontava...

As suas amigas cordialmente se despediram; e Irina até a porta as acompanhou e ahi, indifferente ao frio, fitando o céu em que a luz ia pouco a pouco desenhando as nuvens tenues, ella pergunta a si mesma, n'um vago sonho de ventura, se o urso lhe murmurou ao ouvido as desejadas palavras de amor ou se apenas em sua alma perpassou o sopro de uma dourada illusão.

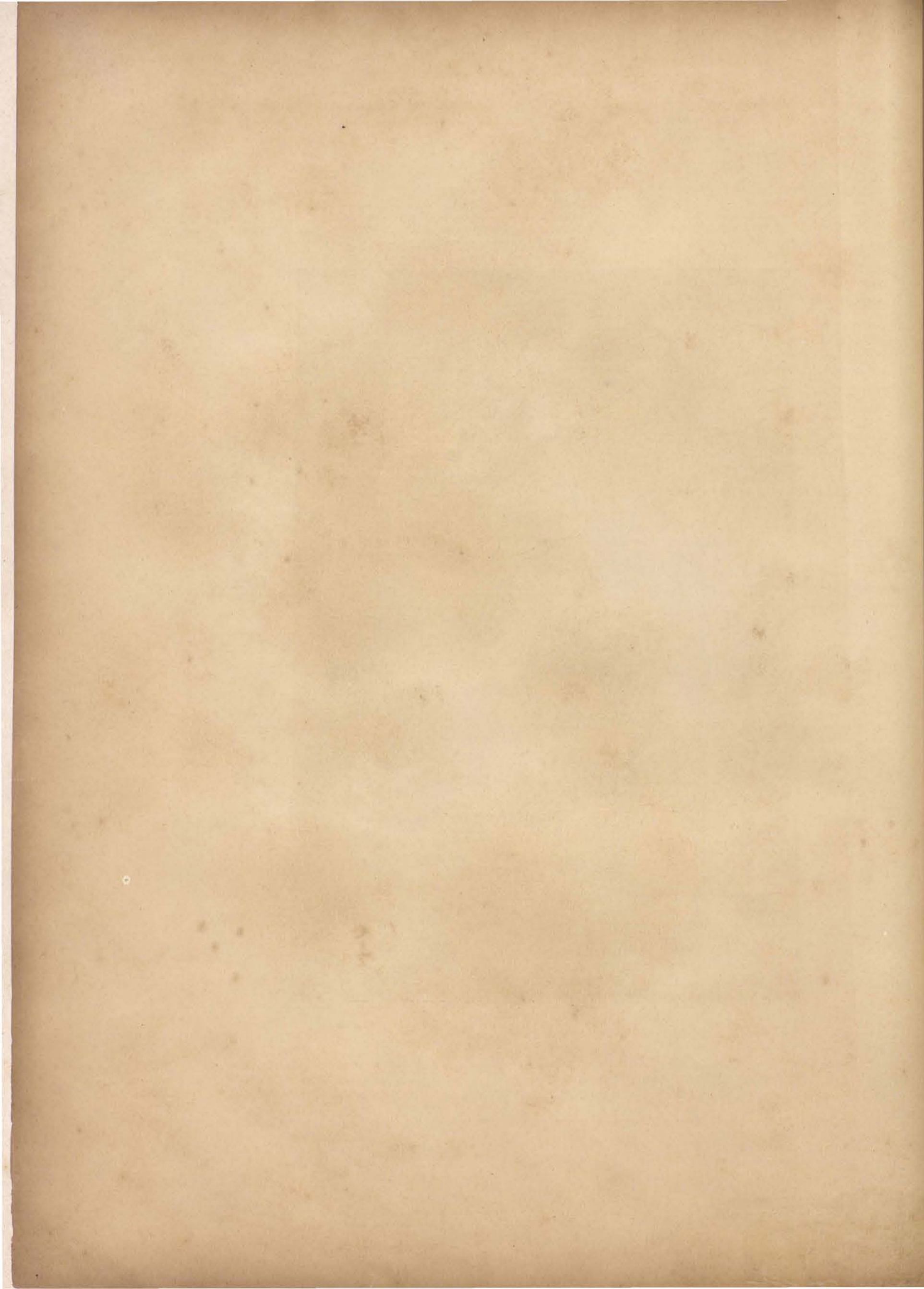
BARONEZA ELISABETH DE FRÉDÉRICKSZ.



Copyright 1896 by Franz Hanfstaengl, Munich.

A TRIPLICE ALLIANÇA
QUADRO DE JULIUS ADAM

Revista Moderna.



As “Alminhas”

ERA no plexo sinuoso d'um caminho que eu as via, pelas tardes melancolicas do outomno, — barbara mancha de terror n'um pequenino rectangulo de madeira carcomida, aninhado na penumbra d'uma concha tosca de granito. Tinham o que quer que fosse de impressivo e triste na sua rude ingenuidade primitiva. Revêjo-o agora ainda muito bem, esse tostado nicho de pedra, — uma das preoccupações basilares da minha infancia, — crescendo para mim, gibboso, adusto, na infinita desolação do Espaço, e cujo tragico perfil se balanceava em negro no flanco a prumo da montanha.

Erguido ali n'uma situação dominadora e evidente, no coto-vêlo fulvo da ladeira, com os flancos amparados ao muro da herdade do Fidalgo, esse padrão piedoso soltava desamparadamente no ar impassivel a sua linha esguia e longa como um esquite, onde nem mesmo as avezitas tinham alma de poisar... Por traz d'esta sinistra lagea, lordida do tempo e picada de escabiosagens redondas do musgo, — a gangrena da solidão, — havia uma encosta frondente de castanheiros, que a cada carícia da aragem choravam folhas sêccas, e cuja base rugosa as primeiras chuvas tinham voluptuosamente afimbrado de cogumelos. E aquella hora do meu passeio habitual, o sol poente, incidindo de raso, dava uma torturada fulguração de agonia ás figuritas aridas do painel a cuja vida, a cuja intenção acrescentava ainda um destaque mais mordente a opacidade de noite em que ia já mergulhando, aresta do caminho abaixo, o temeroso e immenso algar que perpendicularmente seguia a morrer, muito longe, muito ao fundo, na toalha algida do rio.

Ácerca d'estas *Alminhas* corria na aldeia uma pavorosa e phantastica versão. Não poucas vezes me povôou o somno de afflictivas visões a commovida narrativa da nossa velha Anna, quando nos longos serões de inverno, — os pés na brazeira, dando ao fuso, a luzidia roca á ilharga, entalada no cós do avental, — com os olhos grandes de intimativa ella me desfiava os incontaveis horrores d'essa noite de exterminio em que uma partida de ladrões n'aquelle sitio ferozmente assassinára, roubára e mutilára toda uma familia... pacifico rancho de romeiros que vinham, descuidosos e felizes, de cumprir uma promessa ao Bom Jesus. — Que noite, que noite aquella!... Os bérros de dôr dos desgraçados ouviam-se em baixo, a dois kilometros, na aldeia; mas o susto pregára no leito os mais animosos, d'entre os poucos que acordára do seu somno de pedra o arranque d'esses clamores afflictivos! Seria obra do dêmo, seriam almas penadas... Cruzes! — E vá de embrulhar ainda melhor o rosto na roupa, fazendo a tremer o signal da cruz...

No dia seguinte é que se topou com o horroroso espectáculo. Toda a aldeia, numerosas gentes da redondeza vieram vêr... Arripiava! Os corpos dos desgraçados ali assim ao léu, todos em franjalhos, nusinhos, ás postas de sangue... todos... até um anjinho de dois annos! — Obra de coisa má, por força... qu'anté que alma christã seria capaz de um horror assim!... — E a atormentada visionação d'esse madido destroço de cadaveres vergastava depois, n'um relampago sanguinolento, acordando-me de estremeção, o calmo e lucido luar dos meus sonhos de creança.

Ora de uma tarde succedeu que tendo-me eu sentado, como de habito, ao pôr do sol, junto ás *Alminhas*, se deu então comigo uma aventura bem singular... Eu vinha d'um longo passeio fatigante. Extenuado e lasso, pesava-me o cerebro n'uma espessidão de impotencia, a custo retendo as impressões do exterior. Mal abrangia, n'um froixo de sonho, a paisagem. E, conjugada com esta minha incapacidade de objectivação exacta, vinha ainda a meia-tinta vaga do crepusculo, immaterializando as coisas, e fazia-me dançar as imagens na retina, adoçava os contornos mettia-me umas pelas outras as côres e as linhas em promiscuidades indecisas.

No emtanto, frente a mim, ainda resistente e nítido, aprumava-se o tragico retabulo, superado pela sua cruz rudimentar, beijado em tons de oiro velho pelo ultimo raio do sol, subindo, subindo por elle e esmaecendo... Parecia maior, mais leve... Quatro figuritas apenas: um militar, um velho, uma mulher e um cardeal. Quatro côres igualmente, — a oca, o zarcão, o azul e o preto, — davam toda a composição e trabalho do painel. Na base, em

grossas versaes negras sobre uma fita de cal, corria esta supplica:

O'almas piedosas que passendes
Orae por nós. P. N. A. M.

Os bustos das figuras emergiam, duros e hirtos, das labarêdas, que um diabito aticava com um tridente, n'um esgar triumphador. Riscadas todas em grossos contornos, á moda dos *frescos* etruscos, sem sombras, sem relevo, eram d'uma ingenuidade que dava riso, tinham uma rudeza de trabalho incompativel com a emoção, ainda mesmo para a bronca gente dos campos. Isto quando examinadas de perto. Um pouco na distancia, porém, se apprehendiamos o grosseiro retabulo no conjuncto, mudava de aspecto esse primitivo quadro, nobilitava-se. A atenuação do detalhe, a mancha collectiva impunha-o. Ganhava agora uma intenção, uma razão de ser, proporção, logica, harmonia; tinha uma eloquencia de instincto; o seu forte symbolismo penetrava-nos, abria-nos na alma clareiras de sympathia imprevistas.

Foi esta a autoimpressão de muitas das minhas peregrinações ali; foi o que, com uma intensidade e um encanto que jamais esqueceri, n'essa memoravel tarde me succedeu... E' que, — não imaginam! — mas agora, grado a grado, o tósco moimento deante de mim animava-se, adelgaçava e vivia... Uma como que pantheista ideação irmanára e fundira as nossas duas essencias n'uma sobrenatural e mutua conformidade. Mais eu arregalava os olhos, e mais a extranha mystificação se accentuava; mais os rostos das pobres figuritas, como mascaras de emparedados, se desmanchavam em visagens, e os bracos ao alto renhiam na desapoderada ancia de abalar, de fugir ao supplicio... A mitra do prelado cahira, os cabellos soltos da peccadora crepitavam em faúlas... e o diabo a mexer o lume, todo centente!

Porfim, o tosco blóco destaca-se do muro, cujo arbitrario arranjo de pedrinhas se desenvaginou, — como uma renda, — córta o caminho, está junto de mim... e eu já sem surpresa, eu a palpar de interesse, eu familiarizado a dar-lhe as boas noites, — como a um visinho amigo, que da ardua labuta do dia regressasse, enchada ao hombro, á frugal ceia do lar.

Perguntei-lhe a sua historia. E logo elle, com seu mysterioso ar: — A minha historia, a minha origem, não... Estás farto de a ouvir, — não vale a pena. Mas vou, sim, vou-te ensinar algumas coisas... — Sou muito velho, sabes? tenho a philosophia da experiencia. Ha tanto anno aqui assim, noite e dia, ao sol ao relento, ás intemperies, commum campo de visão immenso, — o céu deante dos meus olhos, a terra debaixo dos meus pés, os homens, os animaes desfilando sem cessar na minha frente, — já vês, algo devo ter aprendido, basta-me olhar... e coordenar. Por muito passiva que houvesse de ser a minha função, as excepcionaes condições do meu viver fizeram de mim um sabio. Do passado deduzo o futuro. Não ha segredos para mim. Leio claro no coração dos homens, conheço uma a uma as estrellas. Póssos-te desfiar tudo quanto ha de mais complicado e abstruso na Vida, estou na posse plena da propria alma das coisas!

O tom potente e convicto como estas coisas eram ditas, repassava-me a alma de mysterio. Ao mesmo tempo, a progressiva atenuação do real, que tinham estendido em volta de mim as sombras, punham-me de frente com esse problema avassalador do Infinito... deixavam-me ali só, em meio da muda immensidão das trévas, só com a minha pequenez e a minha ignorancia; então de instincto procurando, como uma creança perdida, o amparo e a lição do meu imprevisto interlocutor, que continuava:

— Assim, por exemplo, tu cres que tens um grande amor á vida. O futuro apresenta-se-te convidativamente festoado por uma capella branca de illusões... Não admira: és moço. E'isso uma questão de physiologia, afinal. A riqueza globulina do sangue reflue em assoalhadas visionações do exterior. Mas d'aqui a uns annos mais... — E tinha um incredulo sorriso de piedade. — Porque, ora dize-me, o que ha ahi que vos dê uma solida noção de felicidade? que valha a pena de viver?... A Saude?... Depende d'um certo numero de phenomenos materiaes e aggregados organicos, longe do vosso conhecimento, por completo alheios ao vosso querer; é portanto uma condição commum com o mundo inanimado, uma

questão de dinamica molecular, de polarização de cellulas, em ti como nas arvores, nas flôres, nas pedras, das quaes sôb este ponto de vista tu não fazes differença nenhuma. A Riqueza?... Mas é uma fonte perenne de dissabores, luctas, odios, sobresaltos. Por cada prazer a mais que te grangeia a abundancia multiplicam-se os perigos, centuplicam-se-te os inimigos. O Amor?... Olha : fêz n'esta primavera um anno, todas as tardes vinha aqui arrôlar seus ternos madrigaes um garboso par de namorados. Eram noivos : se tu visses! que sinceridade, que enlêvo, que paixão... Pareciam ligados *ab aeterno!* Vae elle tirou as sortes, teve que marchar... e a noiva acompanhou-o até aqui, onde, após uma scena dilacerante, caiu com um deliquio, arrancada a estrebuchar dos braços do noivo que partia. Esteve semanas doente; nada que a consolasse... queria ir tambem... ou morrer! O rapaz sentou praça e breve lhe coube por escala destacar para a Africa. Que penas ahi fóram, santo Deus!... Pois ainda bem o *sete-estrello* não havia tido tempo de dar a sua volta completa, no mesmo dia em que a mãe de pobre soldado tinha noticia de ella haver sido trucidado ás mãos dos pretos e já a sua noiva inconsolavel se entregava, ahi debaixo d'esses castanheiros, testemunhas fieis do seu primeiro amor, ao mais tórpe delirio sensual com um satyro de occasião... Vi eu!

Tangeu em baixo *Avé-Marias*, no campanario gothico da freguezia. Tirando o chapéu, machinalmente, ergui-me, enquanto o poetico trinado ia rolando plangente pelas quebradas. E commovidamente disse :

— Como explicas tu então o encanto d'esta hora singular? a mystica emoção que, a um signal tão simples, nos encandeia a alma e avassalla o espirito?... Tambem não haverá verdade na Religião?

— A Religião?... E', como toda a instituição humana, no fundo uma questão de interesse. Em geral, nas classes educadas constitue um meio seguro e commodo de escalar a fortuna; para os rusticos ella é uma especie de tabellionato ao divino, cada santo é um vosso procurador nato perante o Eterno. Vossês podem-lhes tudo. Interventores que não recebem commissão, — vê tu que mina! Os viandantes que, ao attentarem na minha piedosa legenda, seguem resmungando recolhidamente um PADRE NOSSO, vão no intimo pensando em si... Não ha rito, solemnidade, romaria, offerenda que a mira não leve n'um beneficio. A prece é uma lettra a descontar no céu.

— Mas então os ascetas, os fanaticos das missões, os sublimes evangelisadores, os martyres?

— São excepções. Admiraveis, sem duvida... mas são filhos de anormalidades que teem seu registro na pathologia, assim como conquistaram uma menção nos *canones*.

— E então a Honra?

— E' uma substancia tenuissima que só se encontra entre o cotão das algebeiras de algum tólo, ou por acaso misturada co'as cinzas de nossos avós.

— E a Esperança?

— Especie de sôpa economica espiritual, que se ministra aos pretendentes que não desejaes servir.

— E o Trabalho?

— A mesma phantasmagoria : uma das formas civilizadas de enganar. Modelo do systema — a empreitada... Tu sabes, passamme aqui assim, em épocas certas, numerosos ranchos de trabalhadores : os serranos para as vendimas, os *ratinhos* para Hespanha e as mondas de Aleintejo, os contrabandistas das feiras, os emigrantes, os vendilhões, os almocreves. Pois se da exterioridade limpa e brilhante de suas folias e descantes eu mergulho a vista nos negros refólhos de suas almas, não descortino ahi senão a preocupação, o plano, o desejo innato e constante... de enganarem os patrões em alguns vintens.

— Não tens então saudades d'esta vida?

— Nenhumas!

— O Purgatorio é melhor?

— Decerto... E' mais tranquillo, é uma coisa definida, ao menos E é uma região de Verdade. Aqui attingimos uma tão alta, exacta e larga comprehensão das coisas, que a relatividade desaparece! Tudo é para todos : o ponto está em que no eterno fluxo da evolução a cada um chegue a sua vèz. A' força de ser immanente e absoluto, o proprio movimento converte-se para nós em repouso. Temos dos destinos, das causas, das origens de tudo quanto existe um tão lucido e completo videntismo, uma visão tão illuminada e transcendente, que perante esse criterio supremo tudo se eguala p'ra nós...

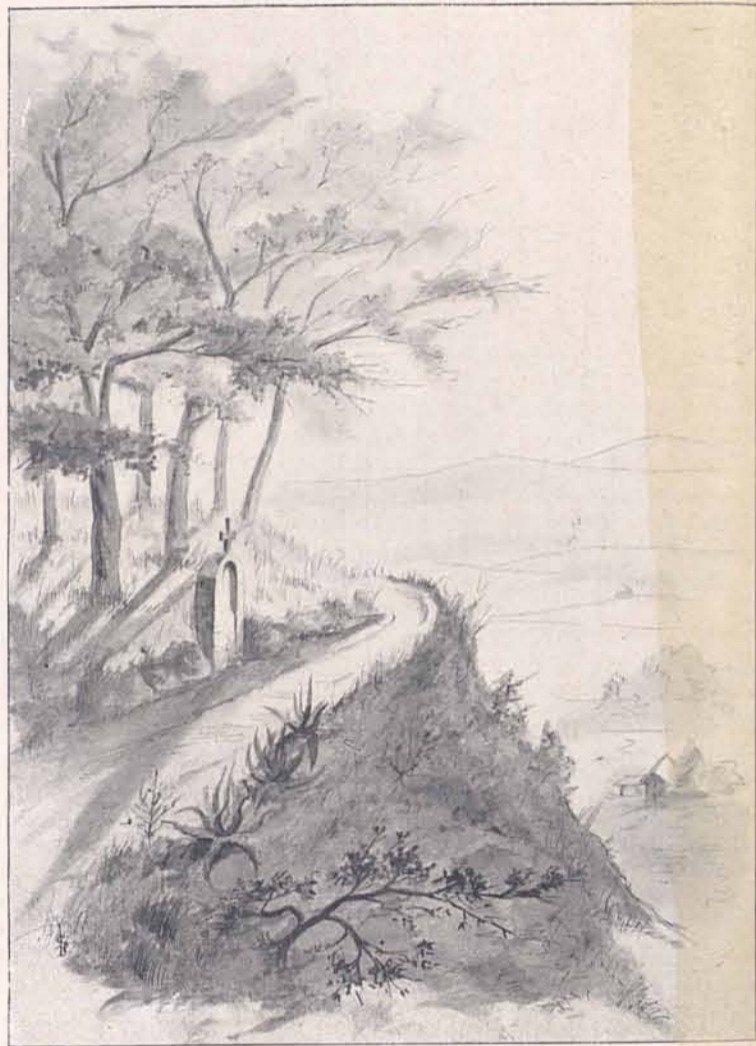
— E, assim, não soffrem?

— Não! E chegamos a esta formula synthetica do conhecimento, a este summo apuro do sentir, perante o qual nem a gloria é premio, nem a expiação é soffrimento... A parte finda-se, oblitera-se, apura-se no todo. A consideração de nossos mesquinhos males dilue-se em meio da embriagante harmonia do movimento universal!

— O quê! ? Certo, pois pôde-se chegar a um tão feliz estado?...

— Basta-te deixar esse mundo... morreres. Ah, tu verás! quando p'ra cá viéres... O verdadeiro Purgatorio é a terra!

Haviam-me estes dizêres profundamente abalado. Tomava-me um frio de terror, um esmorecimento tedioso e triste. — Rompêra, entretanto, o luar... Dissipando as trévas, a sua luz carvôava de novo em grosso a paysagem, repunha no seu logar as coisas. Cava-vam-se abysmos, rasgavam-se horisontes, todo erijado em traços

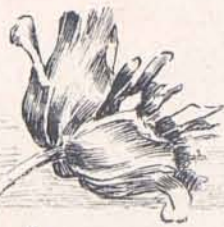


No cotovelo fulvo da ladeira... esse padrao piedoso...

lividos revelava-se a meus pés o fundo valle, com espelhamentos no alizar das louzas, crespo do bronze dentado das carvalheiras. E já o meu extranho interlocutor voltara á sua posição habitual, entaliscado no muro outra vèz, gibboso, livido tambem, a sombra da sua cruz longa e obliqua em diagonal na estrada.

Vagarosamente, eu ia arripiando caminho em direcção á aldeia. Esfumada e mansa, a perspectiva alongava-se-me a um e outro lado, toda em suaves transparencias, mysteriosa e larga no seu desdobramento de prata e de velludo. Ringia longe o pachorrento chiar d'um carro. O macio occarinar dos sapos e das rãs cantava pelos valles em affautadas resonancias. Cahia do alto uma grande paz adormecida. — Tanto bastou para breve me fazer esquecer os pessimismos agoirentos do retabulo, para delir no meu espirito a impressão das tristas coisas que ouvira. Voltava a vida a parecer-me doce, convidativa e bella. Arrogante e feliz, á medida como ia descendo, a minha mocidade latejava de ambições, via o infinito deante de mim... n'um quente alento interior sonhava projectos novos. E mais de ponto subiu a minha alacridade confiante, a minha epicurea segurança no Futuro, quando, entrado em casa, sobre a alva toalha da mèsa, posta para a ceia, eu vi o caldo verde nas malgas e ao centro o panellão das castanhas, fumegando.

ABEL BOTELHO.



Louise Abbema

LUIZA ABBEMA

UMA PINTORA DE FLORES

QUINTA-FEIRA, ás 10 horas, 47, rua Laffitte.
 — M^{lle} Abbema?...
 — No quinto andar.
 — Não ha ascensor?
 — Não.
 — Ah!... Emfim...

O prazer completo é tão raro na vida, que corajosamente decidimos galgar

os cento e quinze degrãos.

— M^{lle} Abbema?...

— Sahiu.

— Oh!...

— Mas se o Sr. quizer falar a Madame...

Posto que não fosse esse o objectivo de nossa visita, accetámos a proposta e, seguramente, não lamentámos essa resolução.

Depois de termos atravessado a sala de jantar, coberta de aquarellas e de recordações artisticas, penetrámos no *atelier*.

A começo não suppõe o visitante achar-se no gabinete de trabalho de uma mulher que tão bem pinta o coquetismo feminino. Tudo ahí é sobrio, masculino e de bom gosto.

M^{me} Abbema longamente referiu-se á filha, relatandonos a sua estréa, as luctas que

travou, e, finalmente, o apogéo, quando o successo veio corresponder ao trabalho e ás fadigas.

Iniciou-nos igualmente na existencia de toda a familia de M^{lle} Abbema.

Vivendo na suave intimidade dos seus mais proximos parentes, ella só os deixa quando se vê forçada a sahir, no interesse de sua arte.

Em casa, o *atelier* a absorve, e na sua vida de artista, dedicada inteiramente ao ideal, ella não dispõe de tempo nem de attenção para os cuidados domesticos.

Felizmente, sua mãe se consagra de maneira com-



Retrato nős Campos Eliseos. — Quadro d'Abbema.



Louise Abbema

pleta a essa tarefa, arranjando o que a filha altera na ordem dos moveis ou dos diversos objectos.

E se alguém deseja uma estampa ou uma photographia, não se dirige a M^{lle} Abbema, mas sim á bondosa senhora, que, sem hesitar, encontra, entre mil, uma gravura ou uma carta.

Com piedoso empenho, o pae, por seu turno, collecciona todas as reproducções dos quadros da filha, do mesmo modo que as noticias dos jornaes e os artigos relativos á pintora illustre.

Ha, assim, cerca de dez volumes que resumem essa carreira artistica, que embora curta, tem sido mais gloriosa que outras longuissimas.

* * *

Foi na Italia que se revelaram as suas primeiras disposições para a pintura. Creança ainda, acompanhava ella seu pae nas visitas aos musêos, e a lapis ten-



tava reproduzir os quadros que mais a impressionavam. Á noite, junto á mesa, copiava a menina, com uma facilidade que a todos surprehedia, as illustrações dos jornaes francezes.

Circumstancias de ordem intima tendo

attrahido a familia a Paris, aqui começou M^{lle} Abbema a desenvolver as suas faculdades; foi ainda nos musêos que ella buscou os modelos.

Toda a gente se detem, ao percorrer o Louvre, ante um quadro representando uma creança de saia curta, installada n'uma poltrona, e seriamente embevecida na leitura. Isto se passava em 1874. Um dia, estando M^{lle} Abbema a esboçar a *Infanta*, de Velasquez, foi observada por alguém que exerceu sobre a sua carreira uma influencia decisiva

Esse desconhecido, que o talento tão pessoal da menina vivamente impressionára, era Carolus-Duran...

Interessando-se pelo trabalho da joven artista, comprehendeu elle o futuro que estava reservado a quem tão facilmente manejava o pincel; e a partir d'esse dia, protegeu-a com os seus conselhos.

O seu primeiro mestre foi Devedeux; o segundo foi Chaplin.

Começou, então, para M^{lle} Abbema o periodo da lucta.

Emquanto ella, sem uma direcção, pintava ao capricho de sua fantasia, os resultados correspondiam sempre ao trabalho; mas desde o dia em que se viu obrigada a obedecer ás regras de uma tarefa determinada, a sua natureza artistica se revoltou.

Mas como hoje confessa, não teve um só instante de desalento. Deixando Chaplin, accitou as lições de Henner e Carolus-Duran. Não foi, porém, boa discipula, no sentido restricto da palavra, porquanto o seu instincto de liberdade não lhe permitia a necessaria submissão.

E, abandonando o *atelier* dos dois mestres, decidiu-se a trabalhar sózinha. Data d'essa resolução a brilhante carreira da eximia pintora.

Nas exposições do Salão dos Campos-Elysêos os seus



Luiza Abbema no seu atelier.



quadros têm sido sempre proclamados entre os melhores.

Seu primeiro sucesso foi um retrato de Sarah Bernhardt, de quem a artista de que tratamos, é amiga dedicada. Em 1884, enviou á exposição annual quatro paineis decorativos, representando as *Quatro estações*, que foram para ella o raiar da celebridade.

Desde então seu nome se tornou universal,

da mesma maneira que suas producções são em todo o mundo conhecidas.

Todos os annos, ella organiza na casa Georges Petit uma exposição das scenas que no periodo de doze mezes imprimiu na t'ela.

No *Salão* ultimo pudemos admirar a sua derradeira obra prima, a *Musa moderna*, uma mulher de tamanho natural, composição que parecia indicada para a ornamentação da Opera-Comica, ainda não concluida n'essa data.

* * *

M^{lle} Abbema é adversaria do casamento para os artistas; para as mulheres, bem entendido. Os cuidados da casa, as preocupações do lar e do futuro dos filhos



Um canto do Atelier.



só pódem, pensa ella, prejudicar a arte.

Assim, está firmemente resolvida a dedicar o seu exclusivo amor á pintura. Não; esqueçiamo-nos de Fatma, uma interessante cachorrinha que interrompe, muitas vezes, com os seus latidos, a mais interessante conversação.

M^{lle} Abbema conversa com uma clareza de idéas e de expressões verdadeiramente masculina, e a sua compreensão é viva e malleavel em todas as questões artisticas.

Traz ao peito a fita violeta da uma condecoração que será, certamente, muito em breve, suplantada por outra superior.

Simple, desprenhenciosa, recorda, no emtanto, com visível prazer, os louros que



A Cheminé do Atelier.

tem colhido em sua laboriosa carreira.

Refere-se muitas vezes á alta estima que lhe dedicava o Imperador do Brasil, que subia ao quinto andar de sua casa, todas as vezes que visitava Paris. D'esse soberano fez a pintora um bellissimo retrato.

M^{lle} Abbema é parisiense no seu modo de pensar, como na sua maneira de pintar. Entretanto, a familia paterna é de origem hollandeza. Seu avô, porém, fôra por longos annos embaixador na capital franceza, e ella é bisneta de Luiza Contal, a celebre comediante, e do conde Luiz de Narbonne.

Remontando, pois, na sua genealogia, encontram-se artistas, que lhe transmittiram o talento artistico.

Se eu não fosse pintora, seria tragica, diz ella.

Paris a estima; e, adorando Paris, só escolhe para modelo a parisiense. Não é, de facto, M^{lle} Abbema a pintora das elegancias femininas? Quem adorna a mulher, já com uma flôr, que ella tão intelligentemente reproduz, já no quadro elegante e luxuoso de um *boudoir*?

Empregou dezoito annos a achar o processo de que se serve hoje nas suas aquarellas, porquanto, a esse



Estudo de Flores.



processo que é seu e que ver
constitue senão uma escola pelo

dadeiramente
menos um ge-

nero, em que é inexcédível, ella só se
consagra ha cinco ou seis annos.

Durante o verão, no campo, col-
lecciona flôres variadas, que ao
acaso vae collocando n'um grande
album, e que em Paris, mais
tarde, vão ser os apreciados
modelos.

Terminaremos este per-
fil rapidissimo por uma
anecdota. Um pintor, cujo
nome occultaremos, desti-
nava ao *Salão* um quadro
no qual devia salientar-se
essa flôr enorme e com-
mum chamada gyra-sol. O
seu trabalho estava quasi
findo, e só lhe faltava dese-
nhar a flôr, para a qual —
estava elle certo — dois dias
seriam sufficientes. Foi grande
a sua decepção, quando o seu
jardineiro, a rir, lhe declarou
que seria impossivel fornecer-lhe o
gyra-sol, que n'aquella epocha do anno
não tinha mais de um centimetro de
diametro.

O quadro ficou em casa do pintor, que teria,
talvez, obtido uma medalha, se colleccionasse,
como M^{lle} Abbema, cautelosamente e previa-
mente, todas as flôres desejaveis, e se, como ella,
tivesse o particular condão de fazel-as reviver na
tela.

JULIO ADAC.



MISS EPAMINONDAS

ERA grande e graciosa e muito linda a loura Annie. Mas, alta e viçosa como era e apesar dos seus dezoito annos, não passava de uma menina de cabeça pequena e coração ingenuo, propensa ás illusões. Até na boquinha de rosa sempre entreaberta como n'uma expressão admirativa e nos olhos azues muito apartados, cheios de scisma, era visível a sua alma innocente, vivendo na serenidade da ignorancia. A ignorancia da gente inquieta e curiosa é cheia de suspeitas e conjecturas, que são como as frestas incertas por onde entra na alma a claridade do saber. Annie não era curiosa e os seus olhos tão limpídos e claros como dous lagos azues só reflectiam o ceu vazio e calmo. Como quem mal acabou de ser creança, gostava de ser alta e bella, para vestir-se e fazer de dama. Os sentimentos da idade lhe faltavam e com elles os seus tormentos.

Apenas uma sombra enturvava por vezes o luzimento dos seus dias de moça : achava fria a deferencia cortez com que a tratavam mesmo os que a conheciam dos tempos de menina ; parecia-lhe demasiada a reserva das formulas e maneiras do respeito mundano. Só a mãe ainda a tinha por menina, ralhando com ella quando a cabecinha inexperta lhe desajudava a tenção de bem fazer, ou, nos bons momentos, pegando-a ao collo e amimando-a, com as mesmas palavras e as mesmas caricias das effusões antigas.

Da outra gente : as mulheres tinham ido gradualmente diminuindo de familiaridade, com esse receio vago de offender os adolescentes nos seus melindres de grandes pessoas ; os homens, uniformizados n'uma amabilidade exagerada, que a constrangia, tentavam fazel-a rir com tolices, ou então lhe falavam com descabida gravidade de cousas profundas e obscuras, que ella mal podia perceber que tinham subentendidos ; todos lhe pareciam desafinados e extranhos, muito longe da sua sympathia. Com as creanças era ella quem desafinava, se ainda as procurava para brincar. Com o crescimento tinha mudado de gostos e já lhe não interessavam as peripecias simples e facéis de prevêr dos jogos, nem mesmo a violencia dos que outr'ora mais lhe davam a febre do movimento. Sómente, d'esses guardara a excitação quando dansava. A cadencia e o rythmo ainda a embriagavam, quando não era um homem que a pegava pela cintura. As precauções ceremoniosas dos seus pares masculinos lhe desagradavam ; faziam-lhe cocegas aquellas mãos sem firmeza. Ainda n'isso preferia a decisão brutal das creanças. E com essa facilidade de generalisação propria dos ignorantes, concluiu que na verdade não valia muito a vida da gente grande.

Como era saudavel e robusta, despreoccupada de reflexões, pouco lhe alterou o modo de vêr as cousas essa conclusão pessimista. Nem mesmo a conclusão foi bem formulada. Continuou a sua vida descuidosa de futuros, resumida de aspirações, agazalhada entre a affeição sufficiente da familia.

Uma tarde, entrando de sopetão na sala que suppunha vazia, encontrou a mãe conversando com um estrangeiro « Minha filha, Sr. Campos ». Essas quatro palavras de apresentação ficaram na memoria de Annie para sempre. O estrangeiro levantou-se e, cortejando, disse palavras amaveis, phrases galantes que ella não

entendeu, desattenta do seu sentido para só lhes gostar o som. Elle falava lenta e cuidadosamente, com essa escolha de expressão que têm os que não são familiares com a lingua. A pronuncia rigorosa tinha um sotaque estranho, ao mesmo tempo surdo e forte, como voluntariamente constrangido. Mas em certas réplicas mais calorosas a emphase, que devia ser o fundo da sua lingua natal, sopravalle na garganta em syllabas rugidoras e prolongadas, em notas de buzina de caçador perdido, retumbantes e doces. Annie olhava para elle e para a mãe alternativamente e corava e sorria, cheia de confusão, e por fim sentou-se de frente d'elle e bebeu-lhe as palavras, já captiva.

O estrangeiro dizia as suas impressões de recémchegado, com a viveza e a justeza de quem traz na memoria ainda fresca o vulto nitido das cousas lá familiares e aqui extranhas. A Sra. Brooks, que tinha viajado, ouvia-o com indulgencia, ria nos parallellos pittorescos, accentuava as differenças das cousas que o viajante achava novas e que a Annie pareciam tão naturaes

e universaes como o sol brilhando de dia e os bicos de gaz durante a noite. De outro ella facilmente tomaria por injuria ou irreverencia a critica dos seus usos e costumes ; não d'aquella bocca sonora e varonil, em que o riso não podia ser de escarneo. Era grande e forte e tinha as mãos brancas e finas. Tinha o gesto sobrio e apropriado, sem hesitações, e o olhar direito e franco dava a impressão de que fossem claros os seus olhos pretos profundos e sombreados, como olhos de agua.

Terminou a visita, o estrangeiro despediu-se, emprazado para logo, pois era um recommendado da familia na Europa ; e mal atraz d'elle fecharam a porta da entrada, Annie dizia para a mãe, n'uma explosão de enthusiasmo :

— Que homem encantador, maman !

A Sra. Brooks poz-se a rir :



...continuando a mesma vida de passeios...

— Ora graças! que a minha Annie começa a enamorar-se.

E' que a isenção da filha até tão tarde a affligia como um signal de estupidez mais do que de reserva de coração. N'esse ponto preferia ter de ralar com ella e reprimir-lhe os desmandos de sentimento a vê-la perpetuamente creança de vestidos compridos e olhos innocentes.

O estrangeiro voltou, fez-se de casa, acompanhou as senhoras ao theatro e a festas na sociedade, onde ellas o apresentavam. Para a gente de fóra que os via frequentemente juntos elle era o *beau* de Annie. Esta mesma para considerar-se d'elle nem sequer pensava que jámais tinham conversado senão de cousas divertidas ou sem interesse, nunca sériamente pessoas, tratando d'elles directamente. Campos, porque não era fatuo e não via na menina nenhum signal de affeição mais terna do que a simples amizade e imaginava que o abandono confiado em que ella vivia fosse usual entre a gente da sua nação, nunca pensou em se retrahir nem em levar a um desfecho aquella situação deliciosa. Sómente, um dia veio em que, tendo conversado longamente sobre um concurso hippico e as mulheres elegantes e as modas novas da proxima estação mundana, que alli se estreitava, foi preciso falar na separação breve, na sua volta á terra, e, gracejando imprudentemente, elle perguntou se, para se não separarem, Annie quereria casar com elle.

Annie respondeu "Quero" como se dissesse "Naturalmente". Campos, que ia sahir e não se lhe dava de ter a sua companhia até a região das lojas de modas e armazens de luxo, pegou no chapéu :

— Pois ha uma igreja catholica alli no canto da rua 23. Venha commigo.

A menina não pareceu entender a brincadeira. Muito séria empallidecendo e corando, e sem se mover da cadeira, declarou :

— Agora não, que não estou prompta.

Campos sahiu e não pensou mais n'isso. Não assim a Sra. Brooks, a quem a filha contou n'essa noite que o seu namorado era tão impaciente que já a queria levar á igreja, sem prevenir ninguem. O gracejo, sem importancia para qualquer outra rapariga experta, lhe pareceu imprudente para aquella, que era tão sensível e lhe parecia em caminho de se apaixonar sériamente, como a sério tudo fazia. Mas logo se tranquillizou quando os viu juntos continuando a mesma vida de passeios e festas, sem mais apparencias de ternura que a natural entre amigos de sexos differentes. Só quando, passado o inverno, veio o momento em que Campos não poudes mais adiar a sua partida e tomou passagem n'um pequeno vapor da linha hollandeza, lhe voltaram as apprehensões, vendo a filha diminuir de alegria e mais frequentemente se lhe escurecerem os olhos claros com a sombra das reflexões penosas. Depois, na manhan do mau dia, a menina, muito pallida e fatigada da sua noite de insomnia, disse :

— E' bem preciso que a gente soffra pelos que ama.

Era a resignação salutar.

O estrangeiro partiu e Annie ficou pensando n'elle. « Toda a vida », ella dissera no aperto de mão da despedida, que foi muito simples, sem choro nem juramentos.

Foi em Hoboken, na Gamboa de New Jersey, que Annie viu entrar o seu sol, quando puxaram a prancha de comunicação do barco ao caes e a espia da proa veio açoutar a agua suja da doca, onde a helice do *Maasdam* começava as suas rotações, que só cessariam d'ahi a dez dias, no outro lado do mar. Entre a longa fila de cabeças arrumadas sobre a amurada já ella não poudes distinguir de terra os olhos negros que lhe tinham trazido a luz e agora lh'a tiravam. O vapor dobrou a ponta do molhe, pequenino contra os immensos paquetes allemães entrados de manhan ou tambem se preparando para sahir, e a Sra. Brooks notou a differença. Annie disse então a sua grande phrase de paixão :

— Pequenino como é, ainda assim cabem n'elle as minhas alegrias e todas as minhas esperanças.

E como a mãe, sem reprochar-lhe a amargura do lamento, se inclinasse para beijal-a, a rapariga colheu-a pelo pescoço e, com o rosto escondido no peito materno, chorou longamente.

Voltaram para casa lentamente, através das ruas estreitas e

sujas de Hoboken, opprimidas entre a fumaceira das fabricas e a lama negra das sargetas, sob o mormaço já ardente de Maio, sem falar ou falando de cousas indifferentes. Na barca ferry uma cigana leu nas mãos de Annie uma fortuna brilhante de rainha, longas viagens e longos tormentos de amor, de que sahiria afinal triumphante. A Sra. Brooks aceitou a boa predicção como um pretexto para se desafogar do desgosto da filha. Mas esta continuou amoretada, de olhos perdidos, scismando profundamente. Tinham um convite para jantar e theatro n'essa noite. Annie conversou sem tristeza, mas ouviu a peça distrahidamente e ao abrir a porta da casa, á meia noite, declarou como conclusão das suas reflexões :

— E' preciso fazer alguma cousa por mim, melhorar minha sorte.

A mãe sorriu :

— Melhora-te primeiro, filhinha. Assim em ti mesma encontrarás consolo.

No dia seguinte a menina entrou para um curso de linguas e trouxe para casa uma lista de livros em que todas ou quasi todas as sciencias se achavam representadas. Annie explicou aos amigos e parentes que ia estudar litteratura e com tanta seriedade o disse que ninguem escarneceu de seu proposito. A Sra. Brooks approvou o projecto, como uma diversão salutar, e pensou que, em vindo o verão, os divertimentos da beira-mar e da montanha substituiriam e acabariam a cura começada pelos livros. Era mal conhecer o character da filha. Esta puzera os olhos n'um objectivo longinquo e para lá caminhava através da enredada das grammaticas e das montanhas de noções scientificas, que por vezes a fatigaram sem desanimal-a. Houve desordem no seu trabalho emquanto não percebeu — era preciso que percebesse por si mesma — que não basta adquirir noções, é preciso fazel-as render. E no dia em que ambiciosamente architectou o seu primeiro « systema do universo, em que fez a primeira generalisação e sentiu o prazer do estudo productivo, concluiu que estava no bom caminho para se melhorar. Essa segurança lhe tirou um pouco da sua graça submissa de menina ignorante. Ella passou a ser muitas vezes affirmativa, para discutir e aprender com a gente sábia. Ainda não sabia o que era uma convenção politica, já discutia os programmas dos partidos em luta. Apenas um professor lhe deu os primeiros lineamentos da etymologia, aventurou a unidade das linguas, conduzindo á affirmação da origem commum das raças. Passava facilmente do particular para o geral, como é de costume entre os aprendizes de philosophia. Mas a cada rebatimento das suas ambiciosas generalisações, a cada facto novo que lhe era revelado em conversa ou em lição, Annie alargava o seu programma de estudos, até que, consultando a materia dos cursos, descobriu com terror que estaria velha antes de os ter completado. Foi isso na occasião de partir para a montanha, e entre a fadiga da arrumação das malas e o enervamento do calor intenso de Junho a pequena philosopha teve uma crise de desalento e cedeu ao conselho da mãe de que deixasse os livros na cidade.

Lá em cima, porém, os pic-nics, o tennis, as dansas do hotel e a conversa rasa e repousante dos veranistas lhe pareceram insupportaveis. E menos supportavel ainda a côrte que entrou a lhe fazer um rapaz elegante e intelligente, mas presumido. Annie maltratou-o quando elle, sentado no chão junto da rêde em que ella se aninhava sob os carvalhos á beira da torrente, chegou á declaração, que suppunha esperada e aceita de antemão.

Era uma noite linda de luar e da sombra das arvores parecia ainda mais mysteriosa a claridade phosphorea que lavava os relvados pertos e as florestas ao longe, e fundia as montanhas na leve bruma azulada subindo das grotas e embebendo toda a paisagem no ambiente magico dos sonhos de encanto. Annie pensava no *Sonho da noite d'estio*, no canto de Ariel, na voz de Campos, repassava o seu sonho de poesia no coração tumido de suspiros de saudade, quando o companheiro lhe dirigiu uma phrase galante, que lhe pareceu já sua conhecida. Deixou-o continuar. Era uma tirada de romance francez, que provavelmente o moço pensava que ella não lera. Preparava-se para se divertir á custa da sua eloquencia de segunda mão quando o sentiu que pontuava o discurso com um beijo na mão esquerda que ella deixara pender. Levantou-se brusca-mente e, pondo os pés no chão, disse encolerizada :

— Eu me estimo demais para consentir em ouvir declarações que não sejam feitas pela minha medida. Certamente não me servem as que assentam ás heroínas de Octave Feuillet.

O moço também se poz de pé, embaraçado.

— Peço perdão, a situação é a mesma... As palavras...

— Não são as palavras que me offendem, é a comédia de sentimento, que não admitto que se queira representar commigo!

O tom era desabrido; o namorado repellido balbuciou, resmungou uma explicação e por fim retirou-se.

Annie tornou a se recostar na rede, perturbada, irritada contra si mesma, por ter dado tanta importancia ao incidente insignificante e commum nos namoros de verão. Mas de repente a sensação do beijo na mão, do beijo falsamente respeitoso, porque era um simples gesto obrigado da comédia, feriu-a de novo nos seus melindres, nas suas repugnancias de virgem, e ella sentiu a miseria do primeiro contacto consciente com a mentira e a maldade. O grito que então deu pela mãe foi realmente um grito de socorro. A Sra. Brooks, que conversava n'um grupo de senhoras sob a varanda do hotel, respondeu inquieta, e a rapariga, cahindo em si, não soube senão propôr-lhe que se fossem deitar. E no quarto, ainda muito excitada e commovida, referiu á mãe o incidente da declaração.

A simples senhora começou se divertindo e acabou por se assustar com a exaltação da filha. Em vão lhe quiz explicar que não era um crime em materia de sentimento adoptar um namorado a tirada de romance que lhe ficara na memoria e que lhe parecia melhor exprimir-o do que a que lhe dictasse a propria inspiração. Mas que, além d'isso, mesmo admittindo que o rapaz não fosse sincero, as mentiras na comédia do namoro fazem quasi sempre parte do processo que tantas vezes leva ao casamento. A nada quiz Annie attender, e, com a ferocidade do coração cheio pela paixão absorvente, declarou que, sincero ou não, ella odiava esse homem que lhe fazia a injúria de lhe falar de amor com phrases feitas.

— Odeio disfarces, imitações de maneiras alheias, odeio a mentira sob todas as formas, seja qual fôr a tenção; mas odeio sobretudo o homem bastante estúpido para não vêr que estou apaixonada, que dei o meu coração a outro.

— Tu cuidas que isso se vê?

— Deve se vêr! Pois eu não tenho mudado tanto desde o outomno passado! E, se não se vê, vou começar amanha mesmo a dizel-o a toda a gente, para que me deixem em paz.

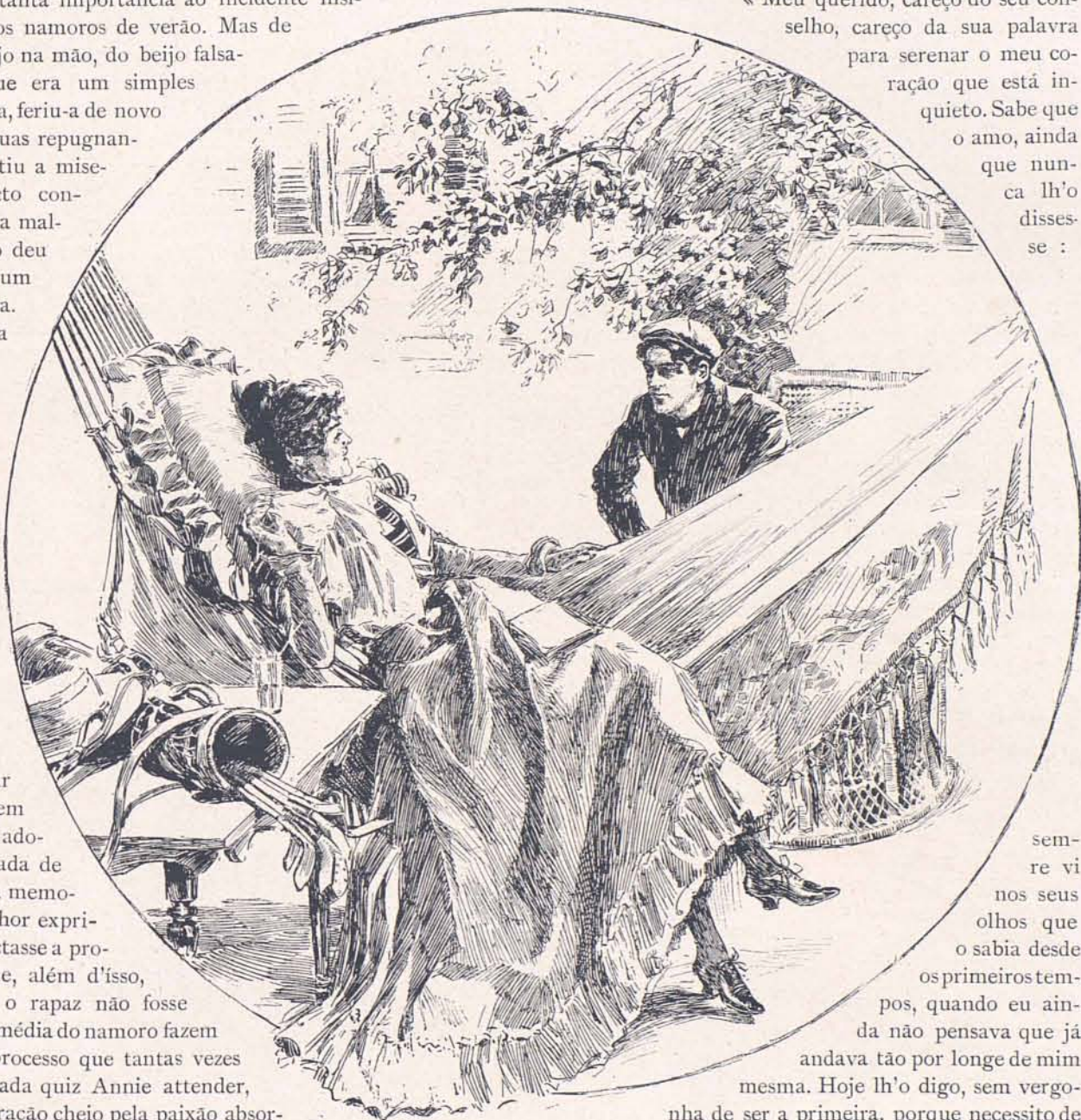
A Sra. Brooks calou-se, aterrada com aquella explosão do sentimento, que a diversão dos estudos não tinha atenuado, antes parecia ir crescendo temerosamente no silencio. E só se tranquillizou quando viu a filha, na manhan seguinte, sentada á secretária, escrevendo a Campos.

Elles se carteavam espaçadamente, como por simples obrigação de cortezia, para conservar as relações entre pessoas que têm de se tornar a vêr. Comparadas com as da rapariga, breves e apenas noticiosas, sem grandes mostras de ternura, as cartas de Campos, pro-

gressivamente mais expansivas, como se fosse ganhando confiança com a reserva d'ella, eram quasi amorosas, e a derradeira, que falava de um passeio ao campo nos arredores de Pariz, parecia escripta á sombra amorosa dos choupos de High Bridge, onde ambos tinham inaugurado a primavera.

A essa, n'um prolixo e confuso desabafo da affeição longamente reprimida, respondia Annie. Depois de contar o caso da vespera, com simplicidade e sem insistencia nem odio, já acalmada pela reflexão e, mais ainda, pela preocupação do seu problema sentimental, ella passava ao ponto essencial :

« Meu querido, careço do seu conselho, careço da sua palavra para serenar o meu coração que está inquieto. Sabe que o amo, ainda que nunca lh'o dissesse :



Annie pensava no "Sonho da noite d'estio".

a mentira é de regra nas relações entre homem e mulher. Eu não posso imaginar que V. fosse capaz de mentir á sua Annie. Seria o mesmo que eu mentir á mamã. Entretanto ha as brincadeiras, as brincadeiras imprudentes que pódem quebrar um coração que crê. Perdoe-me a suspeita, que não é injuriosa e nasceu apenas agora da minha afflicção, — e eu só desejo que ella seja infundada — tenho medo que não falasse seriamente quando me propoz casamento e me quiz levar á igreja da rua 23. Eu de certo lhe respondi mal n'aquelle momento, se lhe respondi : devia ter ido, devia me ter deixado levar, que já era sua. Mas não tive forças para me levantar, fiquei acabrunhada de ventura, e dentro da claridade que começou então a me rodear na vida eu só desejei ficar quietinha, imovel como uma santa no seu altar, ouvindo a prece, a musica da sua voz. Se eu tivesse morrido então... Sou louca! Teria perdido o gozo dos dias que ainda passámos juntos, dias sem sombra, sem aurora nem crepusculo, em que vivi n'um clarão, mergulhada no

sem-
re vi
nos seus
olhos que
o sabia desde
os primeiros tem-
pos, quando eu ain-
da não pensava que já
andava tão por longe de mim
mesma. Hoje lh'o digo, sem vergo-
nha de ser a primeira, porque necessito de
saberse sou paga do meu amor. Isso me daria
a segurança que o miseravel incidente de hon-
tem me tirou, desde que mamã me disse que

esplendor de um meio dia radioso. O passeio a High Bridge, com aquelle sol de ouro nas folhas novas e a alegria dos passaros cantando e a felicidade da terra com a volta da primavera e as montanhas longe e o mundo tão grande, que eu sentia pela primeira vez... O vento ia e vinha, sem pressa, passeiando como nós, brincando, perfumando-se com as flôres, coixando ás vezes e outras vezes sussurrando alto essas cousas que nós não entendemos e que os poetas adivinham. Você me disse as terras d'onde o vento vinha, as paizagens, as scenas que tinha visto em caminho e que, bem contadas, são a poesia. E eu pensei que o vento era como o estrangeiro, encantador, mysterioso e vagabundo, falando em lingua desconhecida, envolvido no prestigio dos céus extranhos, e não podendo parar sem morrer. Foi n'esse dia que a minha alma se dilatou com o desejo de o acompanhar, de se dispersar pela terra que illuminasse o clarão dos seus olhos, que povoasse o canto da sua voz. E me preparei para as durezas das separações, para os tormentos das ausencias prolongadas. Mas, ó meu amor, não podia me preparar para o horror da mentira, e essa primeira que descubro tentando me tocar bastou para me envenenar o ar que respiro. Por isso lhe escrevo, para me certificar. Tenho medo, não que me enganasse, mas que eu me enganasse, e que a sua tenção não seja de me tomar para si. Note que a palavra casamento para mim não representa a cerimonia realizada e a vida de casados, os direitos e os deveres de que fala o padre. Não, ella seria apenas uma promessa, a esperanza ineffável, o signal de que eu sou a sua escolhida, sem que eu possa reclamar jamais o cumprimento da promessa. Entretanto, por mais virtual que ella pareça, não quero que a minha esperanza seja van e infundada. Eu tenho o culto do meu amor, e, coroado ou infeliz, não soffro que a mentira o toque. D'ella sempre ficaria o tisme nos longos veus, nos botões brancos da minha grinalda de noiva, que sua noiva hei de ser toda a vida. »

Quando acabou de escrever Annie tinha quasi recuperado essa segurança que pedia ao amado. E tanto que, vendo passar pela varanda o desgraçado adaptador de Feuille, o namorado da vespera, chamou-o com um amavel bom dia e os olhos risonhos. O rapaz parou, embaraçado, depois entrou na sala, de chapéu na mão e ar confuso :

— Miss Brooks, peço-lhe humildemente perdão...

— Vamos, vamos! quer que fiquemos amigos? não falemos mais n'isso...

E deu-lhe um energico aperto de mão, como de homem a homem.

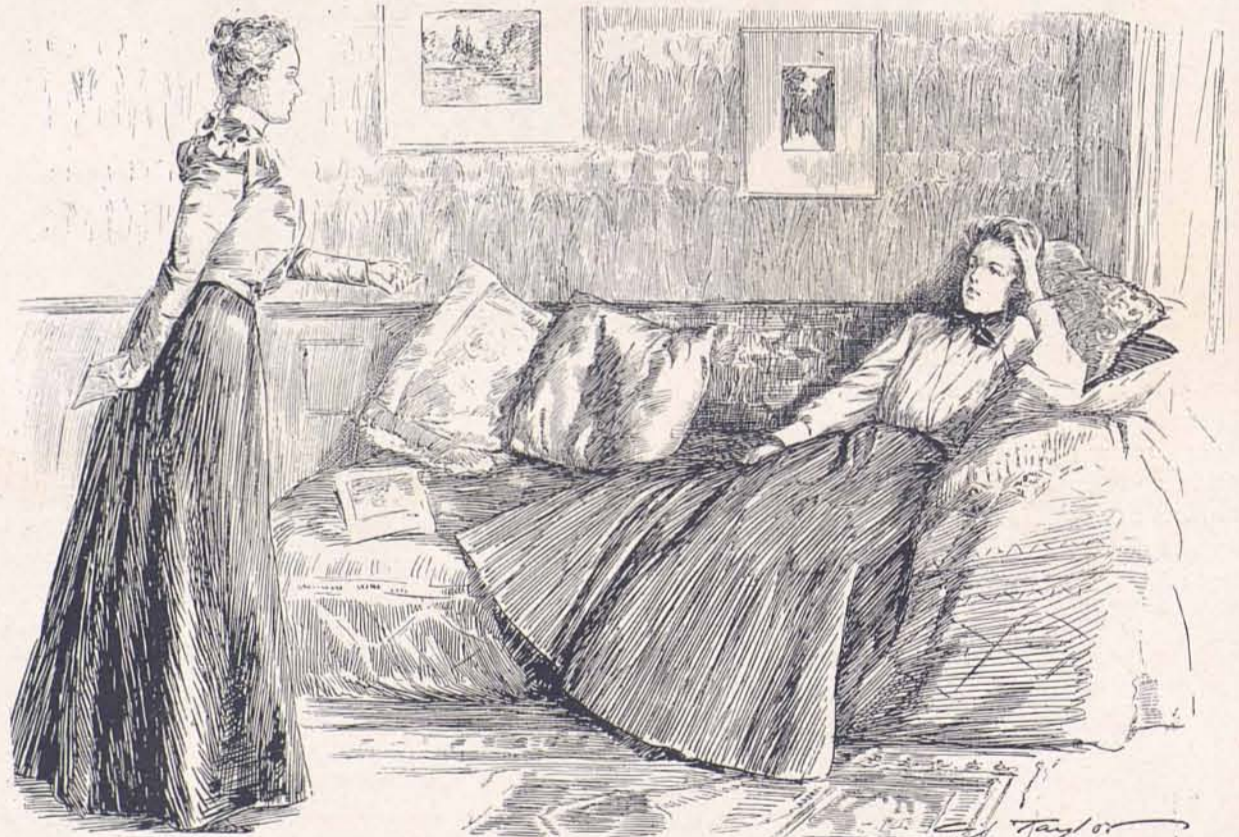
Ficaram amigos. Além de intelligente, o homem era instruido : trocaram idéas e conceitos e ella estimou a honestidade e precisão do seu juizo, a linguagem clara e firme do homem de estudos, tão differente da do galanteador, e elle conheceu a generosidade do seu coração, que lhe dominava e conduzia o espirito á descoberta prompta das verdades moraes, como por presentimento ou por intuição poetica. Uma tarde elle resumiu os seus pensamentos de moral applicada áquelle caso particular :

— Na vida ha duas cousas sempre novas, sempre interessantes, de que a gente se não fatiga nunca, porque não são um fim, são um modo de ser, o gesto familiar de um caracter : são ellas o amor

e a lida pela verdade. Uma não exclue a outra, mas é raro que se possa accumular. Ha os santos, mas sem duvida não convém que haja muitos santos, para não desanimar a gente modesta ou mal aquinhoadá em virtudes. Não se case, Miss Brooks : não encontrará de certo o homem que a ame como deve e que mereça o seu amor. Mas funde um jornal, para exercer o apostolado de cuja vocação eu fui o primeiro a conhecer o ardor, quando tão duramente repelliu a minha infeliz declaração. Funde um jornal para a defesa da causa unica e multiforme da revelação da verdade. Os seus olhos claros sabem vel-a melhor do que muitos que parecem bem preparados para descobri-la sob os disfarces. O material, em breve adquirirá pelo estudo, que a armará para a lida. O estímulo, se d'elle precisasse, encontraria no trabalho de cada dia, que lhe parecerá afinal a sua unica razão de ser. Agora, uma observação : não faz objecção aos olhos? elles são fataes. Eu vejo-a encantadora assim ; mas pôde ser que essa lhe seja a provação mais dura...

O joven conselheiro se enganava : o que mais ia custar a Annie era a sua esperanza de amor.

Posto á vontade pela situação que se lhe fazia, deante da largueza illimitada do prazo e encorajado pela distancia, Campos respondeu á carta da que se dizia sua noiva com uma carta inflamada e sem commedimento. Depois passou elle a ser o que falava de amor, variando de formulas e phrases ardentes e ternas, como se lhe quizesse entreter e avivar a paixão. A falta de sinceridade o fazia deshonesto. Mas a menina, cégamente confiada não mudava de tom. Escrevia-lhe simplesmente, brevemente, sem phrases, dando noticias, mesmo dos estudos, que a absorveram, desde que voltaram para cidade, durante o outomno e todo o inverno. Apenas uma vez ou outra lhe falava nos olhos de professora que usaria quando tivesse um diploma, uns olhos redondos e pesados, de vidros fortes, d'esses que consomem os olhos a pretexto de os ajudar e acabam por ser os parasitas do rosto, addidos permanentes á physionomia.



Mas de repente olhou para a mãe...

Antes, porém, que fosse obrigada a usal-os, a exacerbação nervosa dos excessos de estudo lhe impoz um repouso forçado. Os médicos lhe aconselharam a diversão das viagens por mar, a mudança de clima e de vida e a Sra Brooks propoz a viagem á Europa

Annie aceitou com a condição de irem primeiro fazer uma

surpreza a Campos, que se installara em Pariz, como agente de negocios incertos com a Hespanha e as duas Americas, e, no perpetuo provisorio da sua vida, tomara uma companheira tambem provisoria. A viagem lhe pareceu interminavel e cada vez mais lenta á medida que se approximava do fim. O trem expresso do Havre a Pariz se arrastava pesadamente, em vez de voar como o seu desejo. E apenas chegadas ao hotel, depois de um leve almoço, para tiram á procura de Campos. Elle morava n'uma rua triste e pouco transitada, nas faldas de Montmartre. A escada era ingreme, escuro e sem tapete. No quarto andar tocaram varias vezes a campainha. Por fim veio uma creada abrir.

— Mora aqui o Sr. Campos?

— Sim, senhora. Mas não estão em casa. Foram almoçar a Saint-Germain...

— Elle mais quem?

— Elle e a senhora.

— O Sr. Campos é casado?

— E' casado...

Annie recebeu o golpe em cheio no peito, no seu peito de virgem robusta, e ficou um momento calada, meio atordoada, pensando que se podia ter enganado de casa e que moraria alli outro Campos. Mas o olhar vagando pela pobre salinha de visitas, que tambem servia de escriptorio, deu com o seu retrato ao lado do do seu Campos, feito n'um photographo da Quinta Avenida.

Teve uma ancia, que logo reprimiu. E procurando na carteira o bilhete de visita da mãe escreveu n'elle o seu nome, a data e um P. P. C. bem claro. Depois, entregando-o a creada :

— Pois diga ao Sr. Campos que aqui estiveram as suas amigas da America, que o vieram vêr entre dous trens e ralham muito com elle por se ter esquecido de lhes dar parte do seu casamento.

Conservou a firmeza até ao quarto do hotel. Ahi desatinou,

n'um grande pranto, chorou a sua miseria, quiz morrer. Mas de repente olhou para a mãe, que não sabia como a consolasse, inteiramente desamparada na terra estrangeira, deante de um soffrimento que ella bem comprehendia e avaliava. Annie teve remorsos. Lembrou-se então da predicção da cigana e dos conselhos do moço que plagiava Feuillet. E se inteiriçando contra a dôr dilacerante, fez ao seu futuro de apostola e á sua dignidade de mulher o sacrificio do amor incompativel :

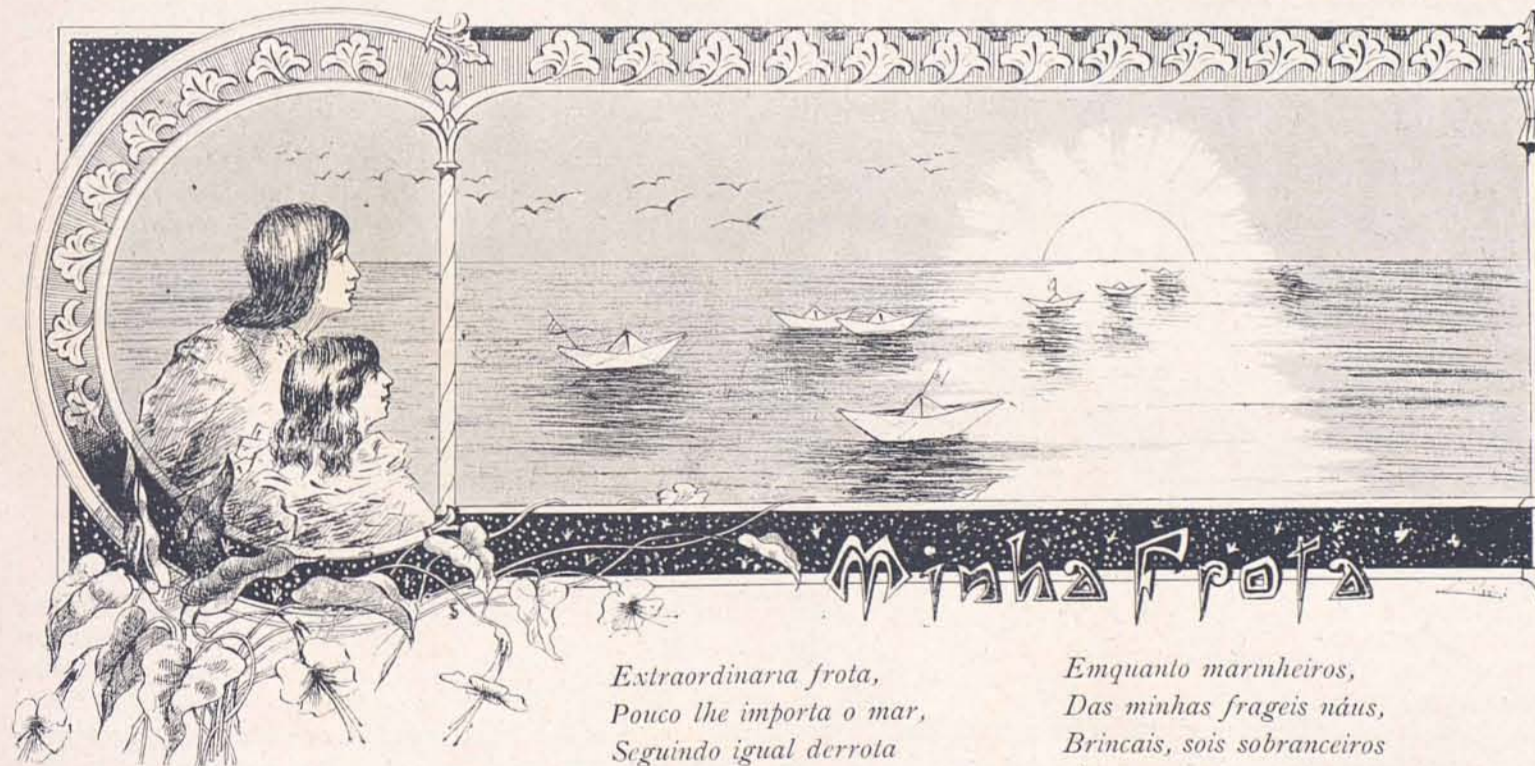
— Vamos amanha para a Italia, maman. Na volta eu lhe prometto que estou curada. Depois, n'este outomno, iremos para Boston. Vou estudar com ordem e moderação. Em dous annos quero estar jornalista.

Cumpriu a promessa. O *Brooks' Weekly*, fundado e dirigido por ella, é um dos mais massadores jornaes para familias que ha na America. E' austero, intransigente e secco. Trata muito de educação, de religião, de hygiene e de grandes questões insolúveis do desequilibrio necessario das massas sociaes, da desigualdade na repartição da riqueza, dos destinos das raças e das nações. Tem uma secção amena confiada ao homem que plagiava Feuillet, o qual se quiz associar á empresa de Annie Brooks, diz elle que para assistir á inauguração dos olhos. Ella, porém, ainda não se decidiu a passar do *face-à-main* e isso mesmo no theatro ou nas exposições de bellas-arts, por impostura de critica. Por vingança da sua rude sinceridade de apreciação entre o mundo das letras e artes a chamaram de Miss Epaminondas. Mas só a mãe se offende com isso. Durante a ultima guerra Annie falou em conferencias publicas, fez parte de comités patrioticos, deu combate á iniquidade e á mentira hespanholas.

Esqueceu-me dizer que Campos era hespanhol.

DOMICIO DA GAMA.

Pariz, 7 de Dezembro 1898.



*Extraordinaria frota,
Pouco lhe importa o mar,
Seguindo igual derrota
Por terra ou pelo ar.*

*Vai ter a qualquer plaga,
Sem vèla e sem vapor
E fica, si naufraga,
Murcha, como uma flôr.*

*É para vós, meus filhos,
Que assim tanto batel
Constrúo... Tombadilhos
E o mais, tudo papel.*

*Emquanto marinheiros,
Das minhas frageis náus,
Brinçais, sois sobranceiros
Aos pensamentos máus.*

*Quizera que arredios
Do mundo sempre, em paz
Vogasseis nos navios
Que o vosso pai vos faz.*

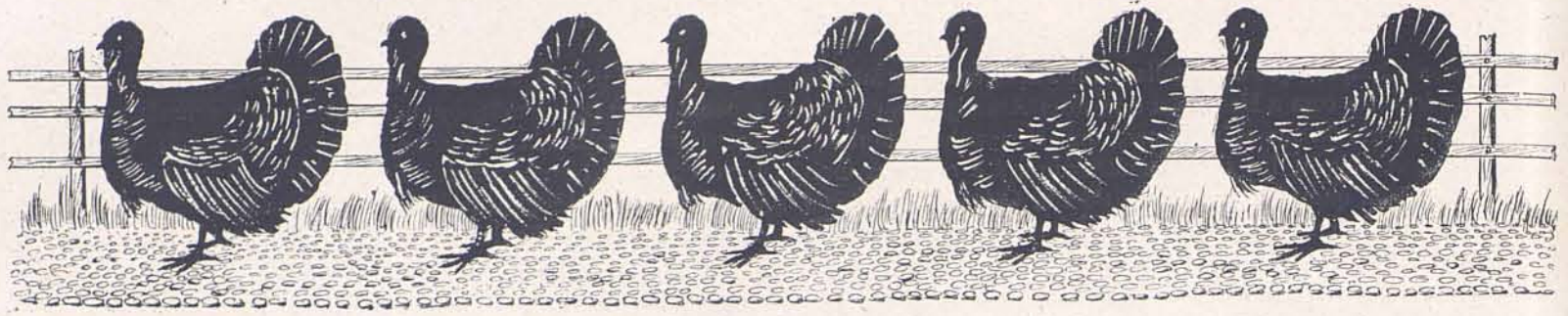
*Bem haja quem navega
Nessas embarcações,
Da vida na refréga
Mantendo as illusões!*

*As vezes, minha meza
Transformo em arsenal
E me consagro á empreza
Da construcção naval.*

*Fabrico lindas naves
Cuja tripulação,
Mais leve do que as aves,
Tem singular condão.*

Villa Petiotte-Petropolis.

AFFONSO CELSO.



O NATAL NA SUECIA

As festas do Natal na Suecia têm um caracter particularmente intimo e emocionante. São como a apothese da familia, celebrada por occasião da natividade do Menino Deus.

E', principalmente, o Natal a festa das creanças e dos avós. As primeiras são abundantes na Suecia, onde as familias de seis filhos constituem a média.

Para a infancia esses dias, porquanto a festividade dura alguns dias, são uma excursão por demais rapida aos encantados jardins dos contos de fadas.

Julgo recordar-me de que n'essas narrações phantasticas as montanhas são de caramelos e os rios de reluzente e dourado assucar.

E os annos que passarem, não enfraquecerão a luz radiosa que brilha sobre a lembrança d'esses dias joviaes.

Quando um sueco saudosamente relembra a familia e a patria, á sua memoria acodem sempre as festas do Natal a que assistiu em sua meninice.

Quer uma tradição sempre respeitada que n'essa epocha todos os filhos, casados ou não, regressem ao ninho d'onde se originaram, junto aos paes que contemplam, orgulhosos, a sua posteridade.

N'esse paiz de emigrantes, não é raro vêr-se chegar das longes terras da America o representante de uma familia, com o objectivo unico de celebrar em companhia de seus irmãos o nascimento do Salvador.

São os fortes contrastes que dão aos nossos prazeres o seu caracter mais peculiar; e n'essa data do anno, a Suecia parece verdadeiramente o reino da neve e da noite.

Durante os dois ou tres dias que precedem a solemnidade divina, os lojas magnificamente illuminadas scintillam, invadidas pela multidão, activa e sorridente, occupada em mil aquisições; e esse movimento extraordinario dá á cidade um aspecto pittoresco.

Na manhã de 24 de Dezembro os pequenos camponeses dos arredores chegam, trazendo á mão novos pinheiros escolhidos nas sombrias florestas que adornam o sólo sueco.

Nas pequenas cidades, principalmente, e nas aldeias, tem-se a impressão de que a floresta a caminhar vem em conquista da localidade, porquanto os pinheiros, que em breve, illuminados, tornar-se-ão as arvores de Natal, contam seguramente dois metros de altura e occultam a pessoa que os transporta.

Installados nas casas, são dignamente ornados, e n'essa tarefa todos igualmente concorrem.

Longo, minucioso trabalho é sempre esse, que dura até seis horas da tarde. Primeiramente festões e grinaldas de papel dourado e prateado são suspensos aos galhos; em seguida, são adaptadas

abundantes vélas coloridas, longas e grossas, em numero superior a trinta.

Juntam-se tambem pequenas lanternas venezianas e balões luminosos; e o pinheiro é enfeitado, supplementarmente, de bandeiras diminutas, representativas das diferentes nações.

Este facto, de natureza minima indica as preoccupações internacionaes da Suecia e traduz a sua sympathia por todos os povos civilizados.

A bandeira brasileira ahi tambem não é olvidada e,

n'essa semana do Natal, em todos os pinheiros que no melhor salão das casa se ostentam, varrendo o tecto com o seu verde pennacho vêr-se-ão as côres auri-verdes do Brasil, em meio da collecção dos pendões universaes.

Emfim, é completada a ornamentação com figos e laranjas, tamaras e doces de toda a especie, delicadamente envoltos em papel cõr de ouro.

A festa se enceta antes da ceia, com a distribuição solemne dos presentes. Oito dias antes já circula no ar um persistente odor de lacre, que parece haver invadido a cidade inteira.

Isto se explica pelo facto de ser cada presente mysteriosamente sellado em doze ou quinze envolucros sobrepostos, cada um dos quaes contem versos amaveis ou satyricos, — o mais das vezes no ultimo caso —, na intenção do destinatario.

E não se calcula, certamente, o despendio de poesia e de inspi-



As Montanhas Russas na Suecia.

ração que essa festa reclama. Desde que o mez de Dezembro começa a raiar, os cerebros em acção tentam rimar uma quadra espirituosa ou subtil.

Eis chegado o decisivo momento! Um cofre immenso é trazido ao salão em que familia e os convidados se acham reunidos.

Junto d'elle marcha o « bóde de Natal » (Julböck), representado, quasi sempre, por um adolescente, que tem á cabeça grandes pontas douradas, uma longa barba de cabrito e uma mascara do animal.

Tenho em vão buscado a origem d'esse personagem symbolico; e ao sabio mythographo que me elucidasse a questão eu gratissimo ficaria.

Que significa, nas brumas do Norte, essa mascara de Pan ou de satyro, nos cortejos das festas que commemoram a natividade de Jesus?

A sua presença pouca surpresa causaria nas margens mediterraneas, onde, muitas vezes, a piedade ingenua dos povos mesclou as lembranças do antigo berço pagão ás emoções da nova fé. Mas, entre os filhos de Odin, que póde querer isso interpretar?

Não creio que o pantheon scandinavo tenha conhecido deuses de longa barba e dotados de appendices corneos.

O emprego do Julböck é de algum modo o de um official de justiça, destinado a determinar as pessoas ás quaes serão confiados os presentes que os multiplos envolucros enigmaticamente encerram.

São, então, lidas em alta voz as divisas que os acompanham, e que, com frequencia, provocam a hilaridade, e não poucas vezes fazem brotar o rubor em delicadas faces femininas.

E' largo o emprego de quiproquos; e quando, depois de ter inutilizado dez ou mais envolucros, julga ter alguem a posse do presente, não raro lê o seguinte: « Isto não te pertence, mas sim ao sr. X ou á sra. Y. »

A importancia d'esses objectos é mais devida á quantidade do que a qualidade, e, devo acrescentar, são, em geral, artigos de utilidade pratica, porquanto n'esse paiz, a despeito do modernismo europeu, os costumes são tão singelos quanto é franca a hospitalidade.

Luvas, peças de vestuario, cujos nomes simples escandalisariam o pudor britannico, são os presentes mais vulgares. A's vezes, no emtanto, algumas joias apparecem, sem levarmos em conta os brinquedos destinados ás creanças, para as quaes a festa tem especial attractivo.

Cumpre não esquecer que, depois da distribuição alludida, os creados, que se conservaram grupados á porta, percorrerão toda a casa, em jovial farandola; e, dando as mãos ás creanças, symbolisarão a paz e a amizade na alegria domestica.

Essa antiga tradição, que em certos meios tem sido um pouco abandonada, é nas familias aristocraticas preciosamente respeitada ainda, e de modo particular nos castellos, nos quaes o Natal é não só a festa da familia, mas igualmente dos servidores.

Será estranho, talvez, dizer que o prato obrigatorio do Natal sueco é o bacalhão fresco, considerado como um alimento de penitencia no sul da Europa. Após, é servida uma especie de pudim de arroz, tambem tradicional.

Não deixarei de mencionar a circumstancia de ser a refeição, como sempre, precedida do *smorgasbond* nacional,

hors-d'oeuvres variados, a que acompanha a fortissima aguardente sueca.

Bebem-se, durante a ceia, o famoso punch de arack e as « cervejas de Natal », fabricadas em cada casa especialmente para a solemnidade.

São cervejas aromatisadas, outr'ora de uso diario nas regiões do Norte.

Esse liquido perfumado é servido em torno á mesa, e no mesmo receptaculo todos bebem, tendo á mão o creado um pequeno guardanapo, cujo fim é enxugar as bordas do grande copo, antes de passara outro conviva.

Nas familias favorecidas pela fortuna, em vez do *hanap* ou immensa taça a que nos estamos referindo, usam-se essas famosas cornucopias, de que se serviam, em seus sumptuosos festins, os antigos Vikings ou reis do mar, e das quaes se vêm modelos, em prata ou em metal dourado, nas salas de jantar mais luxuosas.

Depois daceia, a dança exige as suas prerogativas.

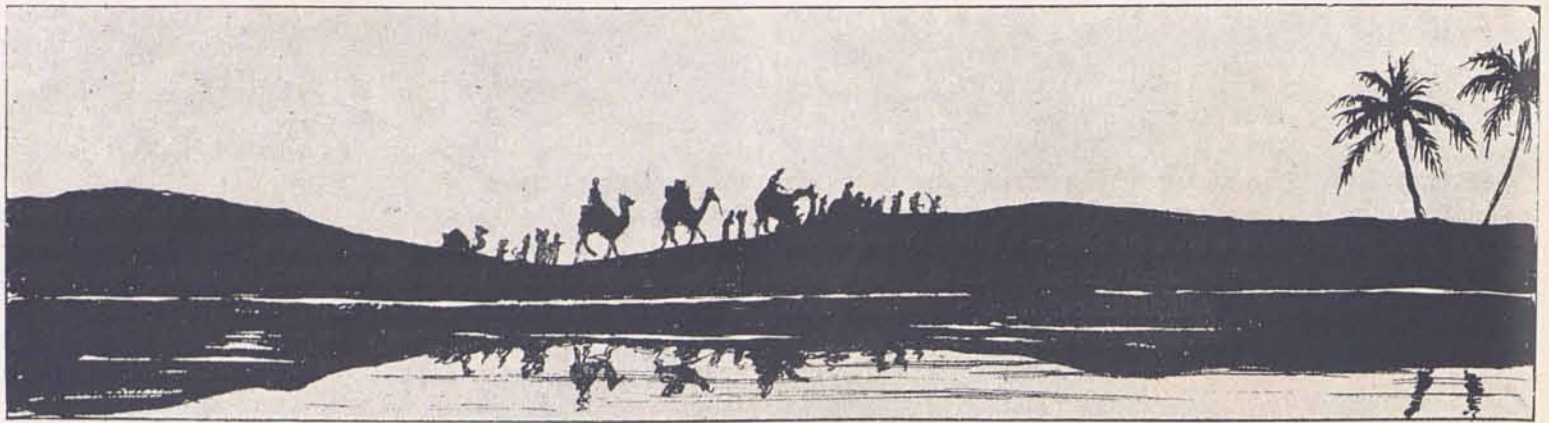
Inutil é acrescentar que o Natal constitue uma epocha favoravel aos noivos.

Na manhã de 25 de Dezembro, e não digo aurora, pois este nome não merece a pallida luz que ás dez horas alveja levemente as trevas, os trenós agitam jovialmente os guizos nas estradas cobertas de neve, vagamente esclarecidas sob o céu estrelado.

A população dirige-se á igreja, a fim de render graças A'quelle que n'essa noite nasceu humildemente entre o boi e o asno, e que uma luz benefica accendeu no coração dos homens.



Percorrerão toda a casa em jovial farandola...



JESUS DE NAZARETH

O CULTO DA NATIVIDADE — O MESSIAS — A OBRA DE JESUS

É N'ESTE dia festivo para a Igreja que nos devemos occupar do amoroso e sobre-humano Jesus, o filho do pobre carpinteiro José e da boa e doce Maria, tambem de humilde condição, — nascido ha cerca de 2000 annos n'essa branca cidade-sinha de Nazareth, colonia romana da Syria, durante o imperio d'Augusto. A grande figura d'esse philosopho genial que enche a historia toda e a sua doutrina de misericordia e de fraternidade, depois de ter revolucionado o mundo romano, abriu durante seculos um largo periodo d'extraordinaria agitação, fundando um novo typo de sociedade que se prolonga até hoje e que tem ainda enorme vitalidade.

Quem entretanto diria, n'essa epocha distante, nos confins da biblica provincia do Povo de Deus que essa creança, o filho d'uns operarios judeus, nascido n'uma cidade da colonia romana, governada pelo tetrarcha Antipas Herodes e pelo procurador imperial Poncius Pilatos, — devia ser mais tarde, após alguns seculos, a Força que hoje ainda domina tantos milhões de crentes?

Mas vamos fallar do Natal, — a festa de hoje! — Principiaremos por restabelecer alguns dados seguros e indispensaveis para nos affastarmos de todas as preoccupações confessionaes e encararmos a soberba figura do Amigo dos Homens, á luz imparcial da critica e da razão humana, fóra de todas as lendas, mesmo as mais docemente poeticas.

* * *

Se estudarmos a evolução da lithurgia e aprofundarmos as manifestações exteriores dos mythos, vemos logo que a lenda da estrella dos Magos, da natividade n'um estabulo, da *mise-en-scène* da vaquinha mansa e do burrico branco da Syria é apenas uma variante do symbolismo vedico e do culto pagão dos Romanos. Os christãos seguiram quasi passo a passo a lenda vedica e o Natal que hoje celebramos, com o seu fundo decorativo de tocante ingenuidade, é uma transformação do culto que ha milhares d'annos os padres astronomicos celebravam : o solsticio do inverno, — isto é, a epocha em que o sol parece recommear uma vida nova. Como no mytho

solar dos Vedas, o sol e o fogo se consubstanciavam n'uma unica divindade, os dois nascimentos, o do fogo e o do sol, eram celebrados conjuntamente. O sol era o pae da vida! quer para os iniciados nos mysterios da deusa Isis no Egypto; quer para os sacerdotes da profunda e religiosa India; quer para os Romanos, Gaulezes, Chinezes, Persas, Assyrios, homens de todos os climas e de todas

as raças, nas primeiras idades da evolução religiosa do mundo. Segundo o auctor da *Origine de tous les cultes*, os Romanos celebravam no dia 25 de dezembro o nascimento do deus novo e por essa occasião as confrarias de Baccho, de Mithra, de Venus e d'Isis percorriam as ruas e as estradas com a imagem do deus-menino, deitado n'um berço, e os sacerdotes e o povo gritavam *Evohé, Baccho!* ou então : *Annenalou*, palavra tirada do hebreu *Annoel* que segundo Hochard, nos seus *Etudes d'histoire religieuse*, significava : *nasceu-nos um deus!* Veja-se a deusa Isis que temos presente n'uma gravura da obra de Malvert : é uma mulher nua amamentando um menino tambem nu, sentado nos seus joelhos. N'outra, gravuras, esta virgem-mãe (como depois a do christianismo) tambem se encontra vestida á romana, offerecendo o peito cheio de leite ao menino-deus que está ao seu collo.

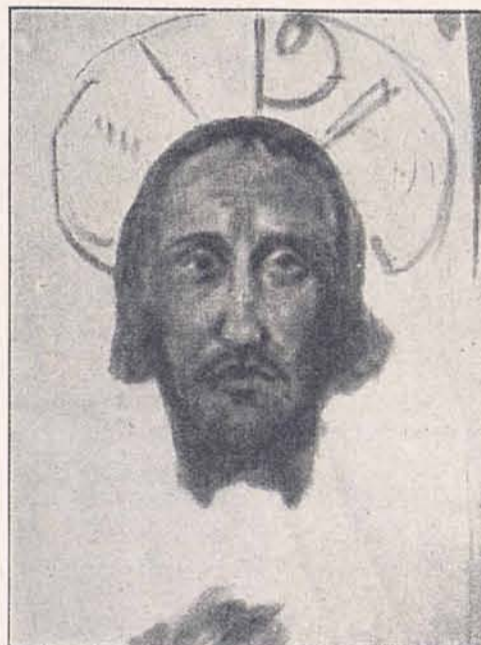


Imagem do Christo.

Que se supõe feita por um Contemporaneo (Basilica de S. Pedro-Roma.)

Mas onde o symbolismo christão recalcou a tradição pagã, reproduzindo quasi ingenuamente o mytho primitivo da natividade vedica foi na *mise-en-scène* do estabulo de Bethlem, o berçosinho cheio de palha onde repousa sorrindo para a virgem-mãe o divino menino, a vaquinha d'olhos doces que bafeja o recém-nascido e o burrico calmo e amoroso. E' a decoração identica do nascimento do deus menino da mythologia vedica, a mesma vaquinha, o mesmo burrinho e o mesmo berço cheio de palha onde ri, com o seu sorriso perlado de luz, o menino symbolico. No quadro christão falta apenas o homem que abana com uma especie de leque as palhas d'onde sae um fiosinho de fogo, para reanimar a chamma mal extincta. Leia-se sobre o assumpto Barnouf, Hochard, Dupuis e Ferrière.

Os christãos no começo de era moderna celebravam o nascimento de Jesus, isto é, o Natal a 6 de Janeiro, para não confundirem a sua festa religiosa com a dos romanos pagãos que era a 25 de Dezembro. Mas segundo Malost, o bispo Tiberio no anno de 354 ordenou que se começasse a celebrar o Natal a 25 de Dezembro, — o que se tem sempre feito até hoje.

A theoria do Messias, filho de Deus, é tambem um mytho vedico, transmittido ás seitas judaicas no decorrer dos seculos. Esse mytho do salvador existe tambem no budhismo e penetrou no circulo das ideias dos greco-romanos por meio dos missionarios budhistas vindos do golpho Persico e das caravanas da Azia central. Mesmo na Syria e na Macedonia a influencia do budhismo infiltrou-se por via dos missionarios egualmente.

Mas a legenda budhica, como diz Senart (*Essai sur la légende du Boudha*) repousa sobre o mytho vedico. No budhismo a virgem-mãe Maya dá ao mundo um salvador, em concebendo Budha Como na lenda christã, Maya (exactamente a Virgem Maria do christianismo) concebeu por obra e graça d'um espirito alado, e mesmo depois do parto, ficou immaculada.

Ainda outras aproximações entre a lenda da fundação do budhismo e a lenda do fundador do christianismo : o budha Cakyamemi antes d'andar a prégar, jejuou 40 dias no deserto onde soffreu os assaltos do espirito maligno e tentador de Mârâ. Jesus Christo antes de principiar a sua propaganda doutrinarista esteve no deserto 40 dias, jejuando e soffrendo as tentações de Satanaz. Como Jesus, o Budha teve tambem um discipulo traidor que se chamava Devodatta, em vez de Judas Ischarioth, como o traidor de Jesus.

Draper, no seu bello volume *Les Confits de la science et de la Religion*, demonstra-nos como o mytho vedico tambem soube inspirar as mythologias grega e romana. Romulo era filho da virgem Rea Sylvia, e Platão era tambem filho d'uma virgem que o concebera sem macula.

Mas Jesus era para a alma simples d'alguns galileus o Messias anunciado pelas prophcias judaicas, por Elias e pelo revoltado João Baptista a quem Herodes para satisfazer o apetite sensual da sua bem-amada mandou degolar, — esse lokanan terrivel do ergastulo de Makers!

No emtanto para os phariseus, respeitadores escrupulosos da Lei e do Templo, rabbi Juchoua que fazia milagres mas que na estrada de Sichem ousara fallar á beira d'um poço a uma Samaritana e se proclamara filho de David, era o impostor que devia ser crucificado, como effectivamente o foi, após os mezes d'agitação e de predica.

Não existem comtudo documentos seguros sobre o nascimento do Messias christão, a não ser o trecho de Tacito, durante o reinado de Caio Tiberio sobre a condemnação á morte d'um certo Christo, pelo procurador imperial Poncius e a carta de Plinio a Trajano, tambem por muitos contestada, como uma invenção dos mosteiros na Renascença. As quatro epistolas de São Paulo são do seculo II. O evangelho de São João é um *remaniement* gnostico d'essa epocha, pouco mais ou menos. Foi só depois da destruição de Jerusalem, isto é, após o anno 75 que se principiou a escrever e a redigir em lingua semitica as parabolos e as citações propheticas dos evan-

gelhos, diz Jules Soury no seu ultimo volume *Jésus et la religion d'Israel*, — facto este já indicado por Renan.

Os evangelistas não estão sempre d'accordo na genealogia do Messias. Segundo Matheus, Jesus descendia de David por Salomão e os reis de Judá; e segundo o evangelho de Lucas, descendia de David por Natham. Mas ligar José, o pae de Jesus á descendencia de David pela linha de Salomão é consagrar o adulterio de Bethsela. Lucas foi mais comedido por que evitou na arvore genealogica antepassados que deshonrariam o Messias.

Sobre os antepassados de Maria, mãe de Christo, é que os apóstolos nada deixaram. Estamos em plena tradição judaica : é o filho de seu pae e não da sua mãe que herda em Israel os direitos da propriedade. Por isso se explica como apenas só conhecemos o bem contestado parentesco de José, o obscuro carpinteiro judeo da Galiléa, com os soberbos reis da casa de David.

Jésus é um nome commun a todos os salvadores, o nome com que eram conhecidos na Judeia os prophetas que se faziam passar por Messias. *Christo* quer dizer *ungido do Senhor*, como na mythologia vedica em que Christo (o *Chrisna* da India) era a antiga qualificação d'Algui, o salvador do mundo. Como nas margens do Ganges, — Vishnou, — o Padre Eterno, fez baixar á terra o seu filho Chrisna que morreu como o heroe christão para salvar o mundo. Mais uma vez a tradição hebraica soffreu a influencia da India, — até no nome de Jesus Christo.

Eis o que nos ensina sobre o Messias a Antiguidade, pela analyse dos seus symbolos, muitos dos quaes são d'uma poesia tão doce, tão amorosa, tão deliciosamente bella!

Se não receiassemos enfatiar o leitor com estudos aridos, poderíamos desenvolver aqui a historia das migrações semiticas, o estudo comparado da religião christã e da religião israelita, a origem dos cultos e das legendas piedosas. Mas o assumpto não é apropriado para uma revista litte-

raria e d'informação para o grande publico. Não é por falta de documentos e de livros cheios de factos e de controversia : possuímos sobre as origens do christianismo os materiaes sufficientes para um trabalho de longo folego que mais tarde publicaremos, baseando-nos na obra colossal de Renan, desde a *Historia do Povo d'Israel* até á sua immortal *Vida de Jesus*, na obra não menos interessante de Havet (*le Christianisme et ses origines*); o *Jésus* de Proudhon; *Jésus et la religion d'Israel*, de Jules Soury, e as *Essais de critique religieuse* do mesmo auctor; os obras dos Allemães Ventori, Reimarus e sobretudo Strauss; e ainda nas obras francezas de Maurice Vernhes (*Histoire des idées messianiques*, e o *Jésus Christ*, de Sabatier. Para um estudo critico moderno é preciso pôr de parte, porque são inspirados por estreito e acanhado espirito confessional os trabalhos protestantes do Colani e de Pressensé e as obras catholicas mesmo as melhores, como a do abbade Fovard e a do Padre Didon. Convem no emtanto não esquecer, porque de certo não podemos deixar de as consultar n'um trabalho d'esta ordem, quando se trata da historia de Jesus e das origens do christianismo, — as obras de E. Burnouf, de Ferrière, de Dupuis, de Malato, de Letourneau, de Guyau, de Veron, de Mortillet, de Zel-



A Luz do Mundo

Quadro de Holman Huht.

ler, de Baur, de Schwegler, de Adelberto Lipsius, Joséphe, Malvert, Kuenem, Maspero, Smith, Draper, Buchner, de Greef, Hochart, Calvin, Plancy, Dulaure, Hovelacque, Gustave Le Bon, Mortillet, Picart, Senart, Paul Parfait, etc., etc.

Mas que amada e doce figura ideal não é, através da legenda piedosa da christandade, esse pallido rabbi Jesus de Nazareth que andou prégando pelas montanhas da Judeia, debaixo dos pomares da Galiléa, nas margens do lago de Tiberiade, nos porticos do Templo, diante das synagogas dos phariseus, — a doutrina do perdão, da misericórdia e do amor, e que morreu heroicamente pela sua ideia, como ainda hoje depois de proclamar aos quatro ventos do espirito a doutrina da integral liberdade, expiram na guilhotina republicana ou na forca cesarista os Homens de Sonho e d'Acção, saudando a aurora sangrenta do dia d'amanhã, nivelador e terrível.

A turba ignobil que no pretorio pedia, ganindo, a crucificação do rabbi Jeschoua, esses lanzudos phariseus que no pateo lageado de Poncius Pilatus sob o pesado velario, diante do procurador de Tiberio nas terras tributarias de Roma, clamavam pelo sangue de Justo; os escribas, os legionarios da Syria, os mercadores das margens do Jordão e de Galiléa, a escoria da synagoga que uivava como a hyena em cio pela morte do Philosopho eram os antepassados dos mesmos phariseus de hoje da burguezia satisfeita e dos mesmos escribas da plebe inconsciente e covarde que Zola tão maravilhosamente descreveu n'um dos seus ultimos capitulos do *Paris*, os que de longe ou de perto, no fundo dos seus luxuosos palacetes dos hierarticos *faubourgs* ou nas lugubres noitadas da praça da Roquette, applaudem por terror ou por atavismo d'escravos, a morte do libertario que soube obrar n'um momento de corajoso e logico desespero e que morre, como outr'ora o Amigo dos Homens sobre o outeiro agreste d'urzes e rochas, não com os olhos voltados para o azul vasio procurando antevêr o Pae que está nos Céos, msa mordendo a serradura do cesto infamante, cortada na garganta pelo gume do triangulo d' aço a derreira apostrophe, — como um archote a arder de raios! — da Annunciação redemptora...

Na nossa mente resurge, — durante a ingenua e poetica festa de Natal Christão — toda a agitada vida d'esse pobre rabbi que só os humildes e os simples comprehenderam, todos os episodios, mesmo os nunca documentados da sua maravilhosa existencia, desde a sua infancia na pittoresca cidadezinha de Nazareth, ao lado dos seus irmãos, os olhos perdidos no horizonte franjado d'oiro da Palestina, pensando já na missão a cumprir, em quanto de cantaro vermelho ao hombro, airosa, no ar fresco das macias tardes orientaes, Maria, a sua mãe bem amada e as suas irmãs, trigueirinhas judias, desciam as tortuosas vielas que iam dar á fonte; e o pae o pobre e austero carpinteiro José, aplainava o tosco cedro dos valles do Jordão ou da Bethania, ao fundo do casebre mal caiado; e vêmol-o depois, com o seu perfil hebreu, a começar prêdicas, nos seus idyllios d'amor com Suzanna que o seguiu até Cesarea, com Joanna, a adúltera esposa do serviçal de Herodes e com essa loira peccadora galiléa de Magdala que a doçura da sua doutrina miseri-

cordiosa purificou e que foi o seu amor até além: da morte; e vêmol-o ainda fallando á Samaritana, prégando nas estradas de Galiléa o divino amor pelos fracos, pelos desherdados, pelas creanças, pelos que soffrem, com melhores palavras, mais ternas e mais doces das que empregara outr'ora o Iokanan, das que pronunciara Hillel, das que empregara o filho de Sidrah e das que ensinára Schemaia. Era elle quem traz o *Pão da Verdade*. Não era um terrível demolidor politico, porque nunca o ouviram prégear a insurreição contra os romanos que escravizavam a divina Sião e era mesmo o primeiro a aconselhar a que se pagasse o tributo a Cesar, porque, Visionario, nada lhe importava os tributos rituaes, os dizimos da colheita, os interesses dos phariseus. O que elle queria era limpar o Templo da infamia dos sacerdotes judeus, mesquinhos e azedos, era illuminar as almas com um clarão d'esperança. *O meu reino*, pobre allucinado da eterna illusão! *não é deste mundo*, dizia elle na lingua chaldaica dos galileos ao Pretor que o interrogava em nome de Caio Tiberio, o imperador soberano. Como os essenios, o doce Jesus prégava o desprezo dos bens terrestres e os phariseus odiaram-n'o desde logo. Terno e ingenuo visionario! o paraizo e o inferno estão sobre a terra, é a aclamação de hontem entre palmas verdes na entrada triumphal de Jerusalem e depois mais tarde o madeiro infamante do Calvario, agonizando entre dois ladrões, n'uma tenebrosa sexta-feira do mez da Festa Paschal.



A Imagem do Christo
atribuida a S. Lucas, em Roma.

compacta que extravaza pelas arterias bitumadas dos *faubourgs*. Todos correm aos confeitarios, ás salchicherias, aos restaurantes festejar com doces, perús de recheio e trufados, vinhos cáros e champanhe o nascimento do filho do modesto e pobre carpinteiro de Nazareth. Os que vivem na torre de luar da graça e da illusão, — como diz o genial Poeta, — esses vão á ermidinha branca, cheia de lumes como estrellinhas do céu, para ouvir a Missa do Galo. Para esses não existem nem Renan, nem Strauss, nem Soury, e como Junqueiro, diremos:

Roubar-vos da voss'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga,
As tres achas que leva á noite para o lar!

Oh! a encantadora noite do Natal! O *réveillon* dos ricos e dos felizes do mundo, ou a pequena ceia dos remediados, ou os dois *sous de frites*, regadas com um decilitro *à seize*, nas baiucas do bairro Mouffetard ou Menilmontant. Mas indistinctamente para todos, para ricos e pobres, para archiduezas e mendigos, elle, o lindo bebé divino distribue, com igual encanto, a benção des seus olhos esplendosos.

Noite de festa, noite d'alegria, noite d'amor! — é o radioso anniversario do nascimento do bem amado Jesus de Nazareth.

XAVIER DE CARVALHO.

A Photographia Artistica



P. le Roux.

No convento da Grande Chartreuse

capaz de obter trabalhos que apresentassem um valor real.

O desenvolvimento tomado em todo o Universo n'estes ultimos dez annos pela photographia de amadores, provocou nas grandes cidades e capitães a organização de centros e associações que reunissem os apaixonados da *pose* e dos *instantaneos* estimulando entre elles um natural aperfeiçoamento,

temer, nem a severidade do Jury de admissão, nem a grande publicidade e a inevitavel critica resultantes de uma importante e concorrida exposição.

Doce illusão! Pois d'essa enorme quantidade recebida a escolha foi minusiosa e rigorosa, não deixando passar senão as obras consideradas, verdadeiramente dignas d'esse nome.

Uma exposição é sempre uma escola; ella prepara a opinião, educa o gosto publico, e indica aos novos

que cheios de bôa vontade trabalham, o verdadeiro caminho a seguir, foi pois, necessario para o bom successo d'essa primeira tentativa e ainda mais, para que ella correspondesse aos



H. Desmarest.

Caçada na Floresta de Fontainebleau.



CH VALIN CAEN

A. da Cunha.

Pescadora.



R. Demachy.

Estudo.

E' assim que desde muitos annos o Photo-Club de Paris convida os amadores e proffissionaes do mundo inteiro a enviarem as suas obras ás exposições annuaes que elle organisa devendo as mesmas justificar, como unico direito de admissão, um verdadeiro cunho artistico.

O primeiro convite, feito pelo *comité*, em França e a diversos outros paizes, teve como resposta uma remessa de dois mil *clichés* que pareciam não

seus fins, um attencioso julgamento da parte d'aquelles que com autoridade aceitavam ou recusavam as remessas enviadas.

O Salão de Photographias, começado em 1894 n'uma dependencia da « Galerie Georges Petit » foi obrigado a aumentar e desenvolver o seu quadro.

A bôa vontade de que dão provas cada anno o numero sempre crescente de expositores, mostram que os iniciadores do con-



As ervas Damninhas.

Petit.



Ophélie.

R. Demachy.

lhante successo d'essas duas tentativas.

Não se quiz acreditar, em 1894, quando pela primeira vez, fallou-se em França, na possibilidade de uma arte photographica.

Não podiam admittir, tambem, como cousa possivel que uma serie de operações puramente mechanicas e postas ao alcance de todos fosse o ponto de partida de manifestações artisticas. Foram portanto forçados a reconhecer a evidencia dos factos que tão altamente provavam aos mais recalcitrantes, apresentando os maravilhosos resultados obtidos.

E' necessario frequentar as exposições



Um chapeo.

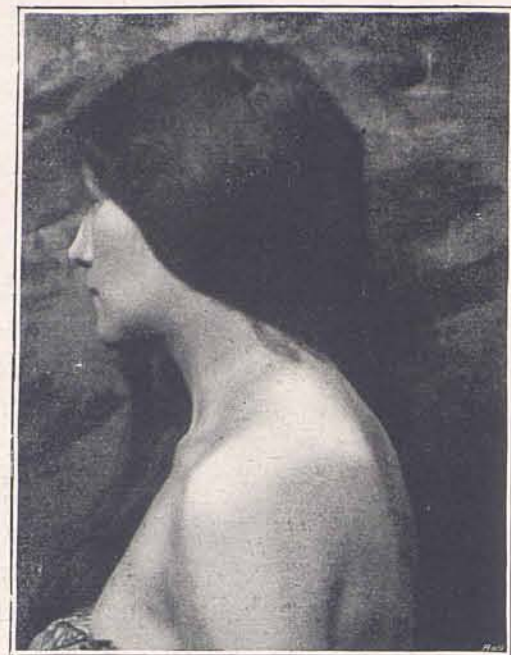
C. Puyo.

curso da Photographia não erraram considerando esta, como um meio de aperfeiçoar a Arte.

As duas ultimas exposições tiveram lugar na immensa galeria dos Campos Elyseos, em pleno quarteirão elegante e cujos vastos salões, cheios de luz, contribuíram em grande parte para bri-

acordo é geral, a arte na photographia. Comtudo, predomina sempre uma divergencia muito notoria sobre a questão de saber-se como a ideia representada sobre o papel sensível nasce e desenvolve-se.

Uma grande maioria pretende



Estudo.

M. Bremard.



Mlle C. de M.

que o photographo como o pintor pode prever a sua obra. O assumpto dizem elles deve formar-se inteiramente no cerebro do artista antes de apparecer a luz do dia, é preciso tel-o sentido antes de dar começo a execução.

Outros, contrariamente, sustentam que a ideia não vem senão depois... o que, procuro explicar. Seria preciso segundo a opinião d'estes ultimos, ter completamente terminado o seo trabalho para saber e julgar o que elle vale e o que elle representa; e esse modo de pensar creio eu ser o mais racional e o verdadeiro.

Na pintura muitas vezes a indecisão predomina,

d'arte photographica para bem poder-se julgar do merito d'esses novos artistas, identificar-se com o seu modo de ver para se chegar a pensar e admittir como elles, que a photographia tanto como a pintura e a gravura é um meio de exteriorisar a ideia. Existe um ponto em que não ha discussões e que o

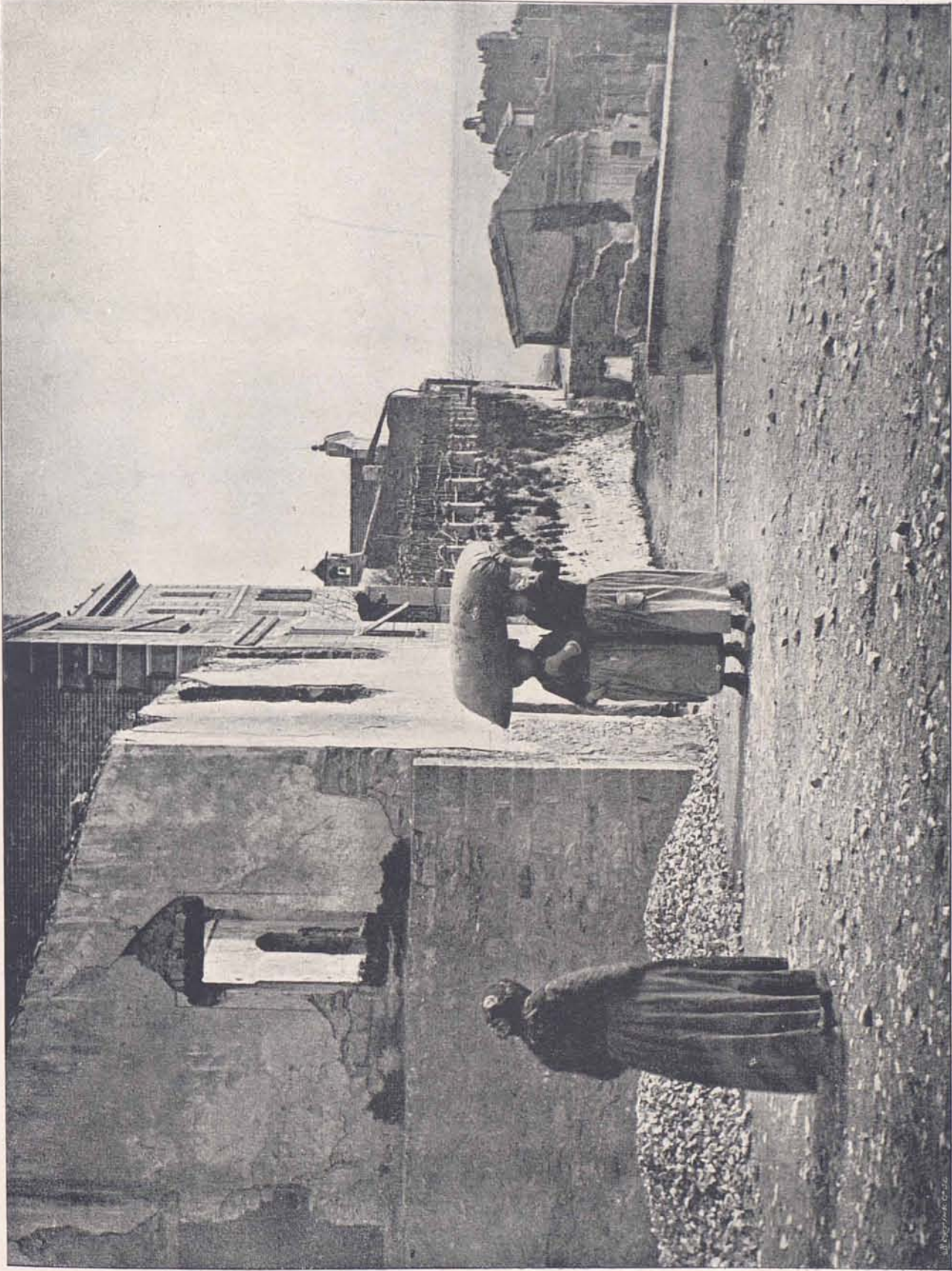
parte-se para executar um trabalho, cujo assumpto é deantemão fixado e cujas principaes linhas estão traçadas na imaginação do auctor, mas em caminho por uma ou outra causa muda-se completamente de direcção. Na escultura produz-se o mesmo facto, e todos conhecem esculptores muito celebres e cujo



Estudo.

A. da Cunha.

A. DA CUNHA.



SAN-REMO.
ITALIA

Revista Moderna.

blóco mudou trez vezes de concepção para chegar a mesma composição. Isto está bem longe de ser uma regra, mas o que em principio é considerado verdade



Estudo. Bergou.

mais nos casos de produzir uma feliz impressão.

Dá-se-lhe então um titulo, mas é bem difficil saber-se de antemão o que com segurança produzira um determinado assumpto que tem-se deante dos olhos, o



O Canario. Magron.

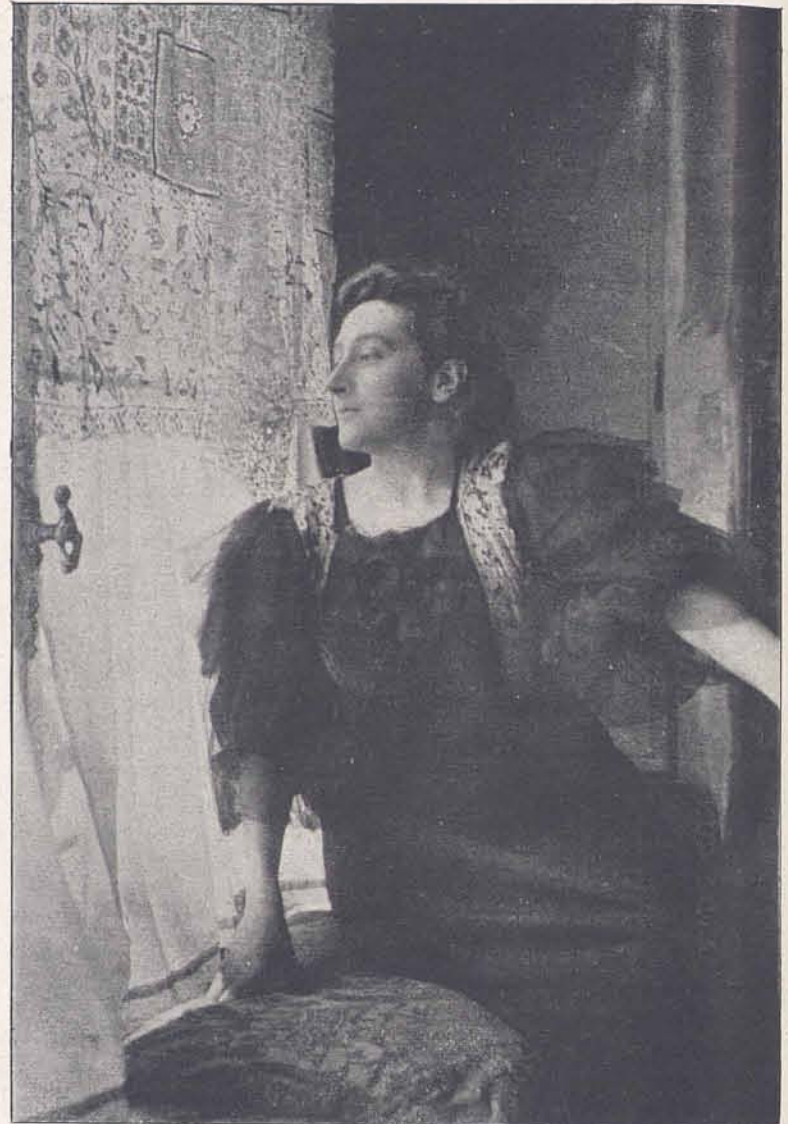
objectivo é um reflector de surpresas que em geral quasi tudo muda; idealisa muitas vezes o conjunto de umam paysage transformando os mais pequenos detalhes em bellos tons que completam a maravilha o pensamento do artista, mas a realidade reproduzida é uma decepção, pois a maior parte das vezes esse mesmo objectivo supprime a sensação de vida e a belleza das proporções que unicas podem dar a opposição das côres e a intensidade do relevo.

O publico que contempla e que julga, inquieta-se pouco do modo pelo qual a obra foi concebida. Sempre prompto para admiral-a quando o desenvolvimento foi perfeito, interessa-lhe muito pouco saber os meios empregados para se obter um tal resultado. O ponto de partida desaparece e o essencial é o successo da prova final.

Para produzir um verdadeiro trabalho photographico interessante, são precisas duas condições indis-

quanto as artes em geral ainda com mais rasão deve ser para a photographia: todos nós temos um certo numero de clichés, apanhados pela esquerda e direita, hontem, como ha dez annos e a um momento dado, procura-se escolher os melhores, aquelles que são mais susceptiveis de exprimir uma ideia e que ao ponto de vista da composição e da disposição estão

pensaveis, possuir um bom assumpto para um cliché e depois saber interpretal-o. A primeira é na maior parte das vezes o resultado de um acaso feliz; pode-se correr inutilmente a procura de um assumpto que offereça essas vantagens sem encontral-o e um bello



Retrato de Madame M.

A. da Cunha.

dia quando menos se espera tem-se deante dos olhos uma scena original, uma magnifica paysage ou ainda um maravilhoso effeito de luz, que deve ser com avi-



A grande alta.

Mathieu.

dez aproveitado como um bom achado. O artista é todo aquelle que saberá tirar proveito das circumstancias felizes que se lhe offerecerem. A interpretação



Uma ponte no Tamisa.

X...

é uma questão muito mais delicada e que presta-se a dissertações muito extensas para que nós procuremos abordá-la n'este resumido e limitado artigo. Para se fazer um estudo instructivo e serio sobre a photographia o melhor meio é seguramente acompanhar com regularidade as exposições d'Arte Photographica.

N'ellas se encontrará todos os processos de execução racionalmente adoptados pelos mestres amadores de todos os paizes, e a comparação e o exame d'esses mesmos processos empregados por essa nova escola



Os primeiros Sulcos.

A. da Cunha.



Edade Feliz.

CH VALIN CAEN
A. da Cunha

d'arte na applicação feita a cada um dos seus generos é o unico meio pelo qual se poderá julgar dos melhores effeitos obtidos.

A photographia é a primeira a beneficiar das nume-



O Somno do Justo.

A. da Cunha.

rosas visitas as suas exposições e que estas sejam especialmente feitas por pessoas de gosto e intuição delicada que possam reconhecer n'esta bella arte um objectivo bem mais elevado que o de reproduzir paysagens e eternisar figuras pois ella tem hoje a pretensão de immortalisar ideias pela perpetuação do Bello.

A. DA CUNHA.



Fin do Dia.

CH VALIN CAEN
A. da Cunha.

Concepção esthetica da Imagem do Menino Jesus

Um dos mais delicados prazeres espirituaes para o amator de especulações artisticas consiste, sem duvida, em seguir um thema lendario ou historico, na sua interpretação e desenvolvimento estheticos, pelos seculos fóra. Ganha-se n'este estudo como que uma sensação de vida eterna, communhão de almas que á mesmaideia vibraram em epochas remotamente distantes e se succederam no rasto de uma luminosa e infinita estrella.

Desce-se primeiramente á fonte d'onde brotou a inspiração : factu ou mytho — com pressa e despreocupação por que esse é o caminho do historiadór que lê na pedra ou no papel — e logo que se chega e se aprofunda a origem, se estuda o meio e se evoca a scena — pobremente com a nossa imaginação pobre — começa-se a peregrinação á volta, visitando, cada grande artista na sua obra, tentando adivinhar como elle recebeu a inspiração e a traduziu ou procurou traduzir, com esforço ou genial facilidade.

Na pintura, principalmente, esta romaria é deliciosa, porque se desenrola na resplandecente alegria das côres, por veredas floridas, ora ladeadas da verde trama e fructos de oiro das arvores dos primitivos ora assombreadas pelas frondosas e desgrenhadas ramarias da renascença, ora cortando os arejados e vastos horizontes da perspectiva moderna ; e porque o peregrino de arte não raro encontra prodigiosas surpresas que o detêm no caminho e o fazem quedar-se em extatica contemplação, alegrar-se ou commover-se, viver emfim de um incidente como na propria vida, entender-se com um artista que, ha seculos, perante a sua tela, o quadro de cobre ou de madeira, o muro de gesso ou de pedra, teve a mesma emoção, mais violenta porque era artista e porque era artista a exarou para emoções vindouras.

De tal pesquisa resulta tambem um grande ensinamento, porque a evolução da arte corresponde á evolução historica e pela arte mais particularmente se pode acompanhar a alma humana,

na sua modalidade intima, normal e serena, sem as perturbações das luctas e ambiciosas conquistas que com sangue assignalam e constituem o progresso.

N'esta occupação espiritual tudo ha pois : gozo da imaginação contentamento da intelligenoia e regalo dos sentidos ; e se o thema a seguir tem, como o que nos occupa, caracter dogmatico, ainda proporciona ensejo a controversias entre scepticos e crentes *ad majorem Dei gloriam*.

A lenda christian bordada em torno de Jesus é sem duvida a mais bella que jamais creou o espirito humano na ancia de communicar com Deus. Dizem sabios, que ella não é nem original nem propria e que, afora as suas ligações arianas, mais remotamente se descobre nos primitivos esboços de religiões cosmogonicas. Talvez. Mas o que de novo e altamente superior ha na nossa religião é a poderosa belleza, a intensidade dramatica — iamós quasi a dizer a unidade scenica da tragedia da Judeia desde a Anunciação da Virgem até á Resurreição de Christo.

Estas qualidades são de tal modo grandes que luminosamente transparecem atravez do texto opaco dos evangelistas — não fallo da amorosa obra de São João — e para a quem brilham como um grande sol offuscante.

Não admira pois que este astro de in-

finda belleza attrahisse as almas dos artistas, mariposas sublimes, eternamente fascinadas pelas labaredas rubras do ideal, na ancia de fabulosas metamorphoses, como phoenix que por premio de halocausto ganhassem as amplidões serenas dos infinitos espaços.

De todos os personagens do christianismo a Virgem é o que inspirou maior numero de artistas, naturalmente, porque sendo mulher foi divina, eleita de Deus e mãe de Deus.

N'ella reside a sublime formosura, a immaculada pureza, a diamantina intelligencia, a inextinguivel bondade, a universal misericordia.

A sua fronte é o espelho da Unica Verdade, os seus cabellos são a fonte d'onde escorre sobre o mundo a verdadeira alegria ; os seus



A Virgem, o Menino e S.-João, por Botticelli.

Museo Nacional do Louvre.

olhos são duas estrelas que amparam os crentes e guiam os perdidos; os lábios são como uma celeste flôr d'onde flebilmente e suavemente irradia o perfume da Fé; os braços, como duas azas que abrigam a humanidade afflicta; o regaço é o berço de Deus e o refugio de nossas Almas; os seus pés, aras aonde sóbe o incenso votivo da christandade.

Em Maria, se realisa a communhão da Divindade com a Humanidade. A forma material reveste a suprema belleza para poder attingir o character divino e da concepção liturgica se infere assim a concepção esthetica da figura da Virgem.

Nenhum artista revelou ainda a meu ver essa figura sagrada. Muitos fizeram-na admiravel rainha, alguns a mais bella entre as mulheres, outros a mais commovedora Mater Dolorosa mas verdadeiramente não houve quem nol-a desse Mãe de Deus. O unico mestre que alheio ao mundo se habituou a pintar o infinito, o

poderoso Miguel Angelo, raramente tentou fixar na téla a deliciosa imagem da virgem por reconhecer que á doce graça de Maria não convinha a rudeza do seu genio masculino; e a Raphael que foi o prestigioso pintor da belleza femenina, do sentimento delicado e subtil, da crença harmoniosa faltou a apprehensão da ideia absoluta, a mystica fulguração que devia pairar sobre as suas Mado-



A Virgem e o Menino por Fabrizio.
Museo do Louvre.



Virgem e o Menino por Pietro Francesca.
Museo do Louvre.



Santa Anna por Leonardo de Vinci.
Museo do Louvre.

nas para que ellas merecessem o qualificativo que elle proprio mereceu.

Não nos incumbe porem fallar aqui da interpretação artistica da Virgem Maria. Muito se tem escripto sobre este assumpto com a erudição e competencia consideravelmente superiores ás nossas. O

que vamos tentar fazer é o estudo rapido ou antes a descripção do modo porque os pintores das differentes escolas trataram a figura do menino Deus.

Este estudo pareceu-nos interessante porque segundo cremos ainda não foi feito e porque é curioso notar o quanto a este respeito como a tantos outros a arte anda alheia da religião que procurou servir e que incontestavelmente serviu.

Os evangelhos pouco ou nada dizem da infancia de Christo. Dos episodios da sua primeira idade só notam que crescia na graça de Deus, que era cheio de intelligencia e que mais tarde, aos doze annos, tendo ido a Jerusalem com seus paes se perdeu e só trez dias depois foi achado no templo discutindo com os doutores escutando-os, interrogando-os e deixando-os maravilhados da sua sabedoria. Entre esta epocha e o nascimento fica pois um largo periodo desconhecido, aberto á rica plantasia dos artistas amorosos do Nazareno. Encantador como todas as creanças, Jesus devia ser mais bello do que ellas, mais risonho porque vinha do ceu, mais carinhoso e meigo porque, quando homem, prégaria o amor, mais branco e luminoso porque era irmão dos anjos, mais louro porque os seus cabellos luziam do resplendor dos santos, e mais adorado porque já nos seus olhos vivos de *bêbê* transparecia talvez por momentos a visão angustiosa do calvario.

E o artistas depois de o terem imaginado assim, entenderam logicamente que elle sentira as descuidadas e felizes alegrias da infancia, que brincara com as outras crianças, correndo pelos viçosos e perfumados outeiros de Nazareth, que afagara rindo os animaes domesticos: as

pombas esquivas, os cordeirinhos mansos, os espertos e silenciosos coelhos — (Veja-se o quadro de Ticiano), que gulosamente desejara os rubidos fructos e, nas tardes calmas e abrazadoras de estio, se esquivara entre as messes de oiro e descera a banhar o corposinho luminoso nos limpidos ribeiros.



A Virgem do Rochedo por Leonardo de Vinci.
Museo do Louvre.

Eis o que viram os artistas da Renascença, não por ignorância, creio, dos textos sagrados, nem essa ignorância se comprehenderia em quem trabalhava para e sob a inspiração da igreja — mas por voluntaria necessidade da belleza physica que elles com razão julgavam concomitante da belleza moral.

Sómente, Jesus nascera Deus, com uma missão sagrada que por intelligencia divina elle infinitamente conhecia. A sua passagem na Terra foi a incarnação do Deus-Filho para salvação dos homens. São Paulo affirma que ao entrar n'este mundo Jesus se offereceu em holocausto a seu Pae. A carreira evangelica começava pois no nascimento e a sua infancia consciente de divindade, devia ter sido grave, reflectida, magestosa, nimbada das superiores qualidades e dos milagrosos attributos que despertam a adoração dos homens.

Foi assim que, differentemente dos pintores, o viram os Santos Padres nas ethereas aparições dos seus extasis. Jesus, segundo elles, nunca sorriu, nem sobre a palha de ouro do seu berço, onde já reis e pastores, prostrados, o adoravam, nem ao collo de Maria nas estreladas noites do Egypto, nem mais tarde entre os ranchos dos trigueiros pequeruchos de Judeia que de longe vinham não para brincar com elle mas para admirar a sua extranha belleza.

Os artistas e os Santos Padres estavam pois em flagrante contradicção. A arte, por ser mais humana, captou pouco a pouco o principio dogmatico e logo veremos como a ingenua alma dos crentes mais amorosamente se apegou á encantadora imagem do Menino Deus tal qual a fizeram os mestres da renascença e tal qual a consentiu a igreja em seus retabulos.

As pinturas dos primeiros seculos christãos tentam approximar-se na sua ingenua e primitiva factura do character soberanamente divino da religião nascente. O mysterio, vivo ainda na viva tradição dos primeiros discipulos, reveste-se de uma grande e magestosa simplicidade. As primeiras virgens, não de todo alheias á influencia greco-romana, têm já na postura symbolica e na serenidade triste do rosto a expressão humana da ideia nova. O menino Jesus não é o risonho *bambino* que mais tarde no seculo XVI será a suave imagem lithurgica; é o Deus nascente, o Rei dos Reis, perante o qual sua mãe se prostra e que n'um gesto rigido de idolo abençoa. Como Maria, o menino está vestido de um amplo manto, cujas pregas descendo em macias curvas cobrem pudicamente o seu corpo de divindade. No rosto bello ha uma fria expressão de magestade que não se harmonisa com a juventude graciosa do Menino.

Esta expressão soberana e grave, attinge pouco a pouco uma severidade senil que desfeia e entristece toda a pintura byzantina tão poderosamente iconographica. As pretendidas virgens de São Lucas, isto é aquellas que se julgava terem sido a obra do santo contemporaneo de Christo e que depois mais tarde sabiamente se reconheceu não remontarem ao seculo IV e serem de origem byzantina têm, a par das linhas gregas dos profis, a expressão antipathica de que fallamos.

E percebe-se até certo ponto esta primeira lucta do processo

artístico e do dogma, em detrimento do primeiro. O genio facilmente realisa o sublime, o sobrehumano, o divino, quando na sua expressão material o divino, o sobrehumano e o sublime revestem a forma physica que segundo o juizo dos homens convem ás qualidades absolutas que exprimem. Venus, que foi a divina belleza nas religiões pagans, incarnou na forma de uma mulher esculptural e formosa; Hercules que symbolisava a força, na robustez musculosa de um homem vigoroso; Apolo deus das artes e da intelligencia, na mais perfeita, harmoniosa e forte belleza mascula. D'estes Deuses, não nos legaram os prodigiosos artistas gregos, senão o mesmo typo mil vezes sublimemente tratado, na idade adolescente ou viril que lhe dera a fabula e que racionalmente se adequava, entre os homens, ás qualidades que o Deus representava. Como teria o immortal Phidias arrancado do marmore uma immortal divindade, se os padres de Jupiter lhe tivessem ordenado de symbolisar o pae dos deuses n'um menino ao mesmo tempo bello e grave, que nos olhos infantis tivesse já o rasgo do lançador de raios, nos membros flexiveis e graciosos o supremo vigor do vencedor de Saturno, na bocca rosada e sorridente o insaciavel amor que abastardou todo o Olympo?

Phidias desesperado teria fugido de Athenas e o mundo antigo não contaria senão seis das falladas maravilhas.

Como poderiam pois os ingenuos e simples artistas byzantinos e os tão engenhosos e obscuros Mestres da idade media incarnar, na infantil imagem do menino Deus, o proprio Deus e exteriorisar sob formas tão suavemente pequenas um ser tão infinitamente grande?

E' em extremo curioso observar o esforço paciente, o prodigioso engenho, que em torno do pequenino nazareno durante os seculos medievaes, empregaram, animados pela fé, os pintores, os miniaturistas, os esculptores. Nos mil quadros, missaes e preciosos objectos do culto que nos legou essa idade de pesada crença e que andam espalhados pelas igrejas e museos, o Menino Jesus apparece, ora de corôa e manto real sustentando na sua leve mão o pesado mundo; ora symbolicamente acompanhado dos objectos da paixão, segurando a cruz do supplicio e tendo sobre os louros cabellos a corôa de espinhos; ora vestido com a toga branca de propheta, abençoando seus paes, os reis e os pastores; ora brincando com São João e o cordeirinho symbolico; ora aprendendo a ler no regaço, de Maria ao lado de Santa Anna; ora passando a alliança-matrimonial no mystico casamento de Santa Thereza; ora (visão turbulenta e apocaliptica) defrontando o diabo ameaçador de cabeça de fauno e rabo de serpente...

E em todas estas attitudes e concepções differentes, a physionomia do Menino-Deus é descurada, porque o artista na impossibilidade de concentrar na expressão ou no movimento do principal personagem as ideias que symbolisa, recorreu aos attributos, aos accessorios representativos, aos personagens adequados. E foi assim que para que o menino Deus fosse rei dos reis lhe puzeram a



Virgem Sixtina por Raphael.
Galeria de Dresde.



Virgem da Cadeira
por Raphael.
Palacio Pitti em Florença.

corôa e o manto, propheta, lhe deram o gesto da bênção; martyr o encostaram á cruz do Golgotha; evangelista, o acompanharam anachronicamente de São João; douto lhe pozeram nas mãos o livro das Escripturas; celestial noivo da egreja, o mostraram mystico esposo de uma santa, e finalmente Deus poderoso, Deus do Bem o representaram luctando victoriosamente com Satanaz...

A arte medievel foi pois uma arte symbolica; mas á medida que a escola aperfeiçoou o processo, e a mão dos artistas se avigorou, a imitação da natureza de tal modo os seduzio a attrahio, que pouco a pouco a sua concepção se despiu: primeiro dos symbolos, depois dos atavios, em seguida das roupas e se concentrou no amoroso estudo da forma. No seculo XIII já o pintor florentino Cimabué pintava virgens de uma grande e doce naturalidade e baminos de não menos natural e graciosa belleza. O seu discipulo Giotto, um dos mais sympathicos genios que jamais illustraram a arte, sedento de verdade, ainda mais buscou no modelo-vivo a forma essencialmente bella, que sem contradizer a verdade physica, exprimisse um elevado ideal. Os seus Meninos Jesus são encantadores e provocaram a admiração do Dante, seu contemporaneo e amigo, mas nada têm de divino e só inspiram a sympathia e causam o enlevo pela formosura infantil que representam. O mesmo com menos entusiasmo se pode dizer de Taddeo di Bartolo, mas não do santo frade de Fiesole, do pintor de anjos, do mystico e seductor Fra Angelico. N'este monastico visionario, a natureza que pouco a pouco ganhara a pintura religiosa, suspende-se outra vez, tentando approximar-se da expressão divina. O Menino Jesus de Fra Angelico tem, como as suas virgens e os seus anjos, qualquer cousa de ethereo talvez por ser pintado com um colorido que parece feito á luz mysteriosa dos extasis. Esta tendencia mais se

tem uma expressão de affecto infinita, uma gravidade triste que nos repassa de unção e enternecimento. Esta qualidade bastaria para compensar a simplicidade tosca do desenho e a sua ignorancia do *metier*, n'uma epocha em que já o Perugino fazia presentir Raphael e em que no horizonte da arte preguiçosamente se erguia, como um grande astro, o mais completo mestre da Renascença, o immortal Leonardo de Vinci.



A Virgem e o Menino.
por Guido Reni.

Não quer isto dizer que o genial autor da Gioconda, fosse o mais consideravel pintor sob o ponto de vista que nos occupa. Não; a classificação que acima fazemos é necessariamente geral. Como pintor religioso e sobretudo como creador de inimitaveis virgens e formosissimos *baminos*, Raphael excedeu-o de muito. Leonardo de Vinci tinha a preocupação da suprema harmonia, e levava a sua paixão pela delicadeza e suavidade das linhas a um tal requinte que Taine com justiça classificou de femenino. A mais completa manifestação d'esta eximia qualidade do mestre é a meu ver o famoso grupo conhecido sob a designação de *Santa-Anna* figura que domina o quadro.

D'esta tela que possui o Louvre, damos aos nossos leitores uma tão reduzida quão imperfeita reprodução. Sentada nos joelhos de sua Mãe a Virgem ampara o menino Jesus que brinca com um manso cordeirinho.

Repare-se como todo o grupo se harmonisa, se funde, se perde, n'um conjuncto de absoluta graça que parece descer do sorriso terno de Santa-Anna, d'esse indizível sorriso que paira sobre todas as obras de Vinci! Note-se como os braços da Virgem flexivelmente descem para amparar, acariciar, e como que envolver seu divino filho n'um amplexo de incommensuravel ternura.

Observe-se como o movimento do *bambino* é natural e infantil e como harmoniosamente completa o todo ornamental da obra.

Vinci, porem, arrastado por esta necessidade de belleza mysteriosa que não poisa sobre os detalhes mas antes envolve todo o quadro, pouco se preocupou com o retrato physico do Menino Jesus. Nas numerosas telas que nos deixou, Jesus é sempre uma linda creança essencialmente humana, talvez o filho de um seu amigo, hypothese que é provavel por saber-se que as virgens que pintou, tão formosas mas tão pouco celestiaes, tinham como modelos as amantes d'esses seus companheiros de prazer.

E' verdade que a mesma accusação se tem feito de Raphael que, ao que parece, legou á adoração dos crentes o retrato da Fornarina, sua formosissima amante. Mas Raphael — como acima dissemos — excedeu de muito Vinci na representação da Santa Familia que foi o seu prodilecto e repetido assumpto. As suas Virgens são sem duvida as mais bellas que existem e os *Baminos* os mais encantadores que se possa imaginar.



Virgem das Cerejas por Annibal Carrache.
Museo do Louvre.

accentua com Botticelli o ramoso pintor florentino, tão longamente e tão injustamente esquecido. Em todos os seus quadros da virgem, que são numerosos e abundantemente espalhados, o Menino Deus



A Santa Familia pelo Perugino.
Museo do Louvre.



Santa Família por Cantarini.
Museo do Louvre.

O pincel genial do mestre carinhosamente se enamorou do Pequenino. Nazareno e em todas as suas numerosíssimas representações do Deus Menino se descobre este religioso cuidado do artista e do crente. E' impossível conhecer toda a prodigiosa obra de Raphael; das suas telas mais celebres, aquella em que, segundo creio, o Mestre mais se aproximou do typo dogmatico de Jesus Menino, é a que se conhece sob a designação de Virgem de São Sixto e da qual junto damos uma reprodução.

O pequenino filho de Maria é realmente n'esta representação mais alguma coisa do que os filhos dos homens e se ainda não é o ser divino que viram os Santos Padres, já na sua attitude grave e magestosa, na expressão intelligente e illuminada do rosto, nos cabellos revoltos, ha como que o presentimento de toda a propheticamente e dolorosa missão que deve cumprir n'este mundo. De toda a variada, iconographia do Menino Jesus, esta imagem é mesmo a unica que revestindo um alto caracter artistico não perdeu de vista a sagrada psychologia do extraordinario personagem cuja infancia representava, e os criticos liturgicos mais severos ter-se-hiam mostrado satisfeitos senão fôra a nudez do filho de Maria, tantas vezes reprehendida pela igreja.



A Virgem do Rosario por Murillo.



A Virgem de Sevilha (Detalhe) por Murillo.
Museo do Louvre.

Dos contemporaneos de Raphael, dos seus rivaes, amigos e discipulos, poucos comprehenderam a figura do Menino Jesus. O grande Ticiano, o mais prodigioso dos coloristas deixou-nos formosos *bambinos* sem expressão; Andrea del Sarto,

adoráveis creanças que certamente brincaram a seu lado; Corregio, o maior rival de Raphael, meninos em que o estudo das formas é de uma incontestavel elegancia; Garofalo, *bebês* encantadores como o que dorme no seu berço sob o olhar vigilante de Maria; Parmesan engraçados pequerruchos que já gostosamente entram na vida. Por este tempo o grande Holbein, um dos melhores senão o melhor artista da escola alleman, pintava o seu tão celebre quadro, conhecido sob a designação da *Virgem da Família Meyer*, familia que como promessa fez pintar esta tella, aonde o Menino Jesus bondosamente a abençoa. A divina creança tem uma expressão agradável mas insignificante quasi confrangida, uma certa ironia triste que tão bem soubera exprimir o autor da *Dansa Macabra*.

No seculo XVI, Tintoretto e Paulo Veronez enriquecem o grupo humilde da Virgem e do Menino, com a pompa exuberante dos adornos que as suas palhetas ricas de côres tão habil e faustosamente delineavam.

O pequenino Redemptor, que nascera na pobre creche de Bethlem,



Virgem do cacho. por Mignard.
Museo do Louvre.

transforma-se n'um principe vestido de purpura, dormindo em leitos dourados no meio de uma côrte vistosa e anachronica. A phantasia abre largamente as azas e foge do campo da verdade para lisongear os grandes senhores; Francisco I e Carlos Quinto banqueteam com Christo em Cana, no quadro gigantesco do Veronez. As Madonas trajam como Eleonora rainha de França, ou Maria rainha de Inglaterra, as casas terreas de Nazareth transformam-se em sumptuosos palacios Renascença.

Não é aqui, certamente, que se pode achar a mais fiel imagem do Deus menino, nem tão pouco nas escolas italianas de seculo XVII com a composição elegante mas immovel dos Carraches, a uniforme e funebre inspiração de Guido Reni, a insipida pintura de Albano o desenho sobrio mas rigido de Dominico; nem entre os mestres flamengos dessa

Adoração dos Pastores por José Ribera.



Adoração dos Pastores por José Ribera.
Museo do Louvre.

epoca que Rubens synthetisa com as suas robustas virgens e os seus Meninos Jesus de uma obesidade rosada e mole. Para de novo achar um pouco de mysticismo e de poesia é preciso esperar que Murillo, pobremente comece a esboçar as suas Virgens e pouco a pouco, esclarecido pelo grande Velasquez, se revele o mais perfeita-

tamente catholico de todos os pintores. A sua pintura so-beja mente conhecida é toda impregnada de uma grande convicção, que alguns chamarão fé e que outros dirão provir do seu amor pela belleza divina. Os Meninos de Murillo são dos mais bellos e dos que, n'um esforço que nem sempre coroou o successo, mais almejam as qualidades

divinas. Se um defeito se pode apontar, n'esta parte da obra do grande pintor hespanhol é a humildade ou melhor a resignada modestia que exprimem os seus *bambinos* e que se por um lado deriva das caridosas doutrinas do Evangelho por outro destoa da magestade de um Deus.

Não podemos — na estreiteza d'este artigo — fallar das escolas francezas dos seculos XVII e XVIII pobremente representadas n'este assumpto, nem da pintura contemporenea que abundantemente e periodicamente reproduz com pouco successo o tentador grupo da Virgem e do Menino.

Do que dissemos pode-se, á maneira de commentario, fazer a seguinte consideração.

A doutrina Christan fez de Christo o filho Deus ou antes o Deus Filho. Para corresponder ás absolutas qualidades de um ser absoluto teve que admitir a consciencia, a razão e sabedoria innatas. A infancia de Jesus teria de ser segundo os dogmas uma infancia grave, intelligente, reflectida portanto triste e sobrenatural. Uma tal concepção não podia attrahir a alma simples dos crentes.

Os pintores por necessidade imperiosa de belleza foram pouco a pouco despindo, o Santo Menino dos seus predicados divinos e symbolicos e pouco a pouco com o magico poder de seus pinceis foram-no incarnando numa imagem graciosa que fez a alegria e amor das almas piedosas e que maravilhando a egreja a convenceu.

A velha iconographia magestosa e idolica desapareceu e na doce alvorada da Renascença uma nova visão sorridente e humana appareceu para que a adoração viesse á natureza.

LUIS SERRA.



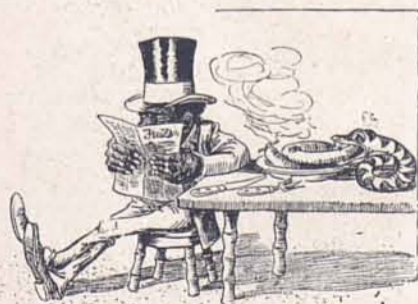
Virgem de Sevilha por Murillo.
Museo do Louvre.



Virgem e o Menino Jesus. — P. P. Rubens.
Museo do Louvre.



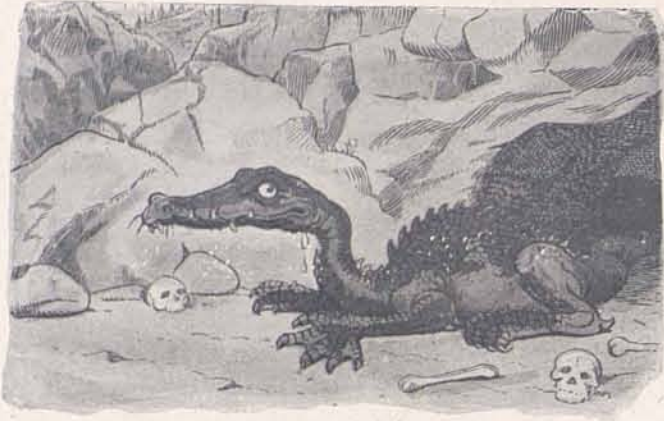
O NEGRO, A SERPENTE E O CHOURIÇO



Uma terrivel transfiguração.

Historia de um Dragão Encantado

CONTO PARA CRIANÇAS



I

Havia outrora nos estados do poderoso Rei Tatú, um terrível monstro conhecido pelo nome de Dragão Azul. Esse pavoroso animal tinha os olhos sempre injectados de sangue e quando estava furioso vomitava fogo e labaredas. Das suas ventas negras e dilatadas sahiam gazes ardentes que suffocavam. Com as garras poderosas tudo estrassalhava e não havia em todo o Reino, um só valente christão que ousasse perseguir essa fera do demonio. O Dragão Azul morava n'uma escura caverna, nas montanhas de pedras e sua alimentação favorita eram os pobres meninos que passeavam descuidosos perto do seu antro.

II

El-Rei-Tatú affligido por essa triste calamidade que enchia constantemente de lucto as familias dos seus subditos convocou, n'uma audiencia solemne, os fidalgos mais corajosos do seo Reino. Sentado n'um throno de ouro e tendo ao lado a sua filha querida a formosa princesa Mariposa, assim fallou aos seus vassallos. Nobres e ousados guerreiros do meu poderoso Reino. Desejando exterminar o monstro infernal chamado Dragão Azul, que tantas desgraças causa ao meo bem-amado povo, prometto a quem d'elle der cabo a mão da minha filha a princesa Mariposa e um milhão de peças d'ouro. Que a minha vontade seja realisada o mais breve possivel.



III

Montados em fogósos corcéis que tinham as cabeças e os peitos cobertos de armaduras de aço, armados de longas e ponteagudas lanças, com escudos e couraças, tendo nas mãos luvas de ferro e na cabeça um capacete de prata com um grande pennacho de côres, partiram pela estrada afóra levantando uma nuvem de poeira, os valentes guerreiros de Sua Magestade El-Rei-Tatú e audaciosamente se derigiram ás Montanhas de Pedras, aonde o monstro vivia como dissemos.

Iam todos pensando na formosa princesa Mariposa, a mais formosa e rica de todas as princezas, dar batalha ao terrível Dragão-Azul.



IV

Mal tinham-se aproximado da caverna do monstro encantado que este soltou um rugido medonho, ouvido a mais de uma legua de distancia e ao mesmo tempo envolvida n'uma columna de fogo viram os fidalgos do Rei-Tatú a sinistra cabeça do dragão que levantava-se duas vezes mais alta que um homem a cavallo.

A pequena tropa dos valentes guerreiros n'uma fila cerrada, atacou-o a golpes de lança, mas o pavoroso animal louco de furor deu uivos atroadores e levantou as possantes garras, esmagando com ellas os infelizes fidalgos dos quaes só um escapou por milagre, trasendo este a Sua Magestade a fatal noticia.



V

Acabava então de chegar à capital do Rei-Tatú, um joven estrangeiro chamado Trombolini, aeronauta de

profissão e que andava à procura de fortuna que lhe ajudasse a fazer a experiencia de um novo balão que inventara.

Passeando tranquillamente, vira Trombolini pregada na esquina de uma rua, a proclamação d'El-Rei promettendo um milhão de peças de ouro e a mão da sua filha a todo aquelle, pobre ou rico, nobre ou plebeu, que conseguisse matar o Dragão-Azul.

O pobre aereonauta resolvido a tudo tentar, dirigio-se ao palacio, pedindo uma audiencia a Sua-Magestade.



VI



Que Deus vos dê longa vida oh poderoso Soberano! e assim tambem, á Real Princesa Mariposa!

Eu sou Trombolini, inoffensivo aeronauta, que não tem lanças, nem escudos, nem capacete e armaduras! Sómente possuo o balão que inventei e com elle me proponho de acabar com o Dragão Azul.

Digna pois, oh Magnanimo Rei garantir ao teu humilde servo, que vem de terras estrangeiras a mesma recompensa que ao teu povo annunciaste.

El-Rei-Tatú respondera :

« Não posso crer Trombolini na tua innocente audacia, mas por todo o mal que fizeres a esse monstro maldito te concederei igual paga, como se fôras o mais nobre dos meus vassallos. »

VII

Trombolini armado de seu balão partira pela manhã cedo á procura do terrivel animal. Depois de duas horas de caminhada começou a avistar as Montanhas das Pedras e alguns minutos depois achava-se nas proximidades da caverna do Dragão, que dormia tendo um dos olhos fechado e o outro aberto. Avistando o aereonauta, levantou o monstro a sua colossal cabeça e abriu a formidavel guela.

« Dragãozinho, meu Dragãozinho-diz Trombolini-eu sou um pacifico rapaz que vem de muito longe, somente para ver-te pois ouvi fallar no meu paiz, muito distante d'aqui que eras a creatura mais bella e poderosa de todo o mundo. Não tenho armas nem feitiços e só trago commigo o meu sacco que tem lá dentro bem no fundo um bonito presentinho para vossê.

O Dragão vaidoso e desconfiado rosnou.



VIII

Mas Trombolini continuou o seu discurso todo risonho e contente. Dragãozinho meu camarada, commigo não ha perigo, podes me examinar dos pés a cabeça e não encontrarás mesmo um alfinete. Já te disse que só tenho o meu sacco que vou desenrolar deante de ti...

Dá-me licenca de approximal-o da tua formosa cara e dá simplesmente uma espreitadella para dentro para ver o presentinho que te trago.

O Dragão tranquillizado com uma tão innocente visita e curioso de ver a surpresa que lhe traziam no fundo d'esse cumprido sacco estendeu o longo pescoço cheio de escamas negras e introduzio a chata cabeça deserpente na argolla que estava costurada na extremidade do balão...

E Trombolini continuava... meu rico Dragãozinho pelo amor de Deus não tenhas medo, olha um pouco mais para dentro que verás o mais bello dos presentes... e o Dragão curioso continuava a espreitar.



o mais bello dos presentes... e o Dragão curioso continuava a espreitar.

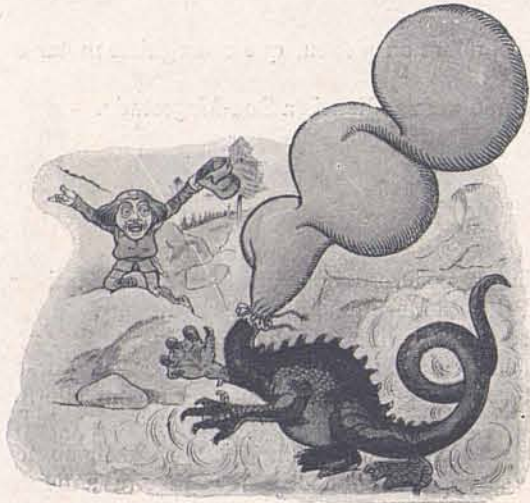
IX

Trombolini vendo que a cabeça do monstro já tinha entrado sufficientemente no interior do seu balão, disse-lhe com uma voz meiga e doce :

« Attenção meu amiguinho, vou amarrar este pequenino cordel, para que melhor te possa mostrar aquillo que tanto desejas vêr. »

E com todo o cuidado começou a enrolar no escamento pescoço do monstro um forte cordel de fios de aço torcido e que especialmente preparara.

E o Dragão desconfiado começou a rosnar surdamente...



X

Quando o sanguinario monstro percebeu que tinha a cabeça completamente presa na entrada do balão de Trombolini, rugiu medonhamente e procurou despedaçar o longo e cumprido sacco.

Mas quanto mais lançava uivos e berros, o balão enchia-se com a fumarada expellida pelas ventas e bocca do Dragão que levantando as garras formidaveis não mais pode alcançal-o pois longamente magestoso começava a se balançar nos ares.

Trombolini, saltava de alegria, chuçava o pavoroso bicho que continuava a atroar céos e terra...

E o balão quasi cheio já estava prestes a partir, arrastando o maldito animal, que esperneava como um doido em convulsões desesperadas.

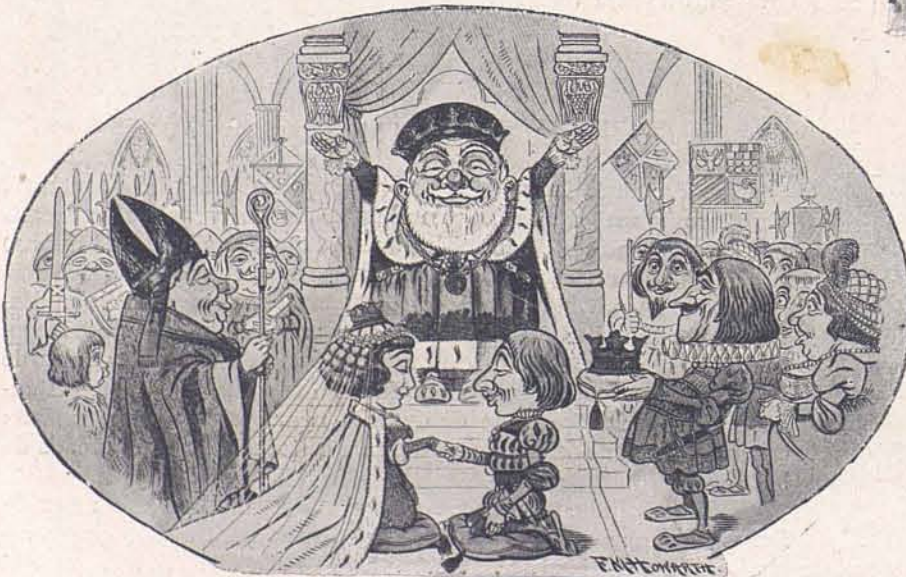


XI

Alguns minutos depois o balão de Trombolini pairava soberbo nos ares, arrastando com elle o Dragão Azul.

Os habitantes da cidade avisados do grande feito do aereonauta enchiam as ruas, contemplando boquiabertos e ainda cheios de terror o negro e terrivel monstro que pendurado lá nas alturas estrebuchava com furor, ameaçando cahir sobre os telhados das casas. Mas o cordel de aço torcido, fabricado por Trombolini apertava-lhe a guela sem piedade e um vento do norte que soprava com violencia levou o balão para os lados do mar.

O commandante de um navio chegado no dia seguinte contou que tinha encontrado pela manhã a vinte milhas de distancia, o balão que boiava arrastando sempre o seu prisioneiro. O monstro tinha estourado de furor cubrindo as ondas de um vasto lençol de sangue negro e que cheirava a enxofre...



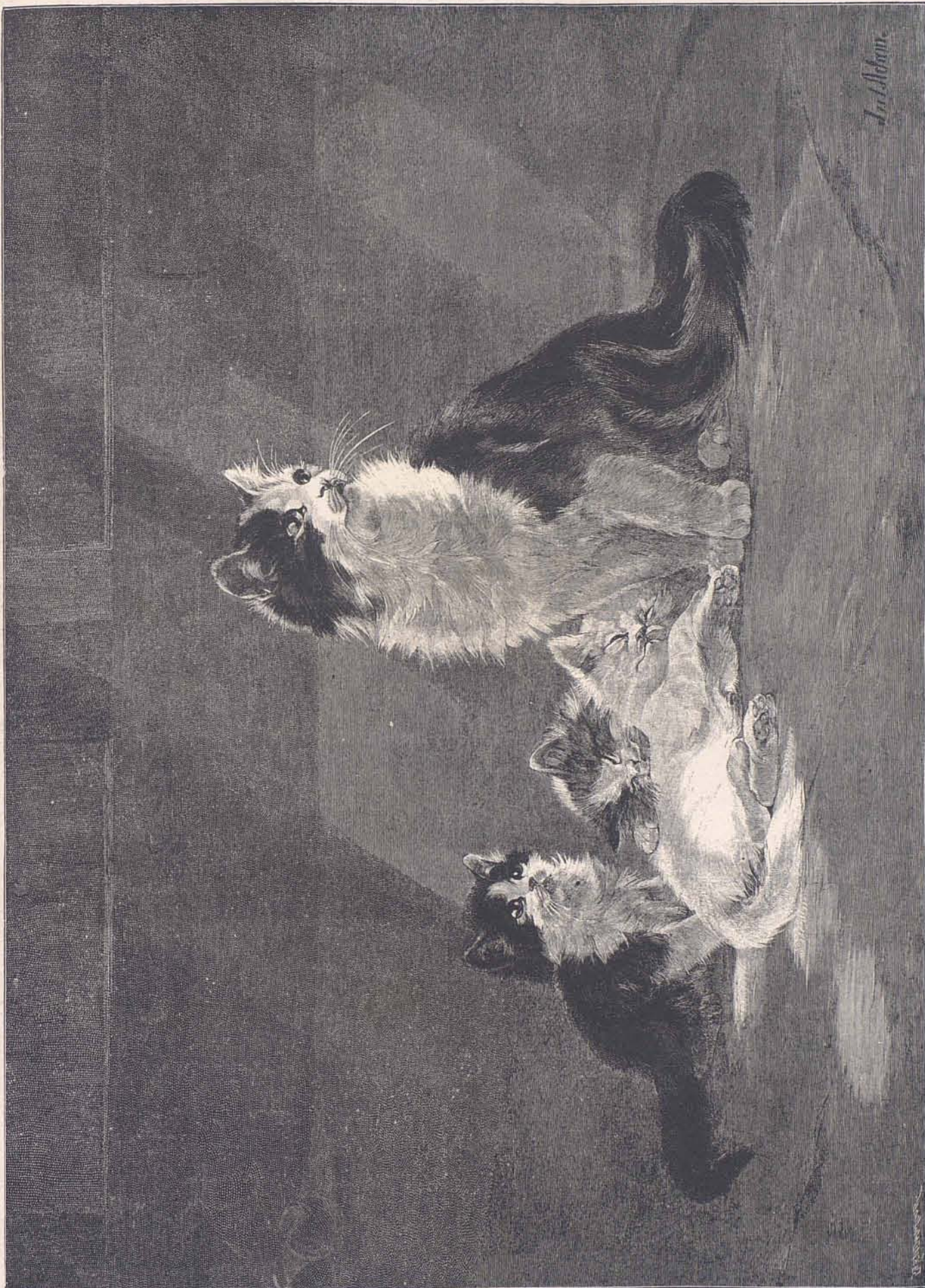
XII

El-Rei Tatú immediatamente avisado da heroica façanha de Trombolini ; contemplou do alto torreão do palacio a passagem do Dragão Azul, enforcado no balão do aereonauta.

Sua Magestade ordenou que em regosijo de tão valente feito todos as habitantes da capital illuminassem e enbandeirassem as suas casas durante trez dias e tres noites festejando assim a morte do abominavel monstro, e Trombolini nomeado Principe Real e herdeiro da corôa casou-se com a formosa Princeza Mariposa.

ROUXINOL.

89



Museo de Mních.

FAMILIA FELIZ
QUADRO DE JULIUS ADAM

Revista Moçé na.

OS ESPINHOS

Tarde de primavera luminosa e embalsamada. — P'lo campo afora. — Arvores em flôr, prados em flôr e até as espinhosas sebes em flôr. Na immensa alegria de um immenso amor, dois noivos passeiam, entre o azul bonançoso do Ceu e o verde esperançoso da Terra...

ELLE. — Espera... os atrevidos espinhos amorosamente se enlearam nas rendas do teu vestido e o prendem, porque não querem que passes e para logo os deixes orphãos da tua graça, do teu perfume, do teu sorriso...

ELLA. — Meu bem amado!... Os espinhos são invejosos e maus... toma sentido; arranca-os um a um, levemente, que não te firam...

ELLE. — As minhas mãos são rudes e vigorosas...

ELLA. — Meigas e acariciadoras.

ELLE, (sorrindo.) — Oh!...

ELLA. — Sim... Escuta... muitas vezes se tem dito que a vida é cheia de espinhos...

ELLE. — Mas não a nossa, espero... Como queres tu que o nosso amor?...

ELLA. — O tempo passa...

ELLE. — Quando nós formos muito velhinhos...

ELLA. — Escuta, escuta! Não me interrompas; quero fazer-te um pedido.

ELLE. — Um só?...

ELLA. — Sim... assegura-me que sempre, pelo caminho tortuoso da existencia, as tuas mãos robustas affastarão de mim os espinhos.

ELLE. — Quaes?

ELLA. — Todos... Os do ciume, espinhos negros e envenenados que astuciosamente se apegam ao mais ardente amor e o dilaceram Os da inveja, que á beira das ridentes verdades da nossa felicidade, espreitam e traidoramente rasgam a nossa alegria. Os da saudade, que quanto mais se afastam mais invisivelmente crescem e, como disse o poeta, deliciosamente pungem nossa alma. Os da fatalidade que nascem a todas as portas e robustamente invadem e derrubam o castello dos sonhos felizes. Os do soffrimento que torturam o corpo e vertem o sangue.

ELLE, (commóvido, mostrando a natureza em volta). — Juro! Juro!... Mas quem falla de soffrimento no meio d'esta apothese de luz, de côr, de felicidade?...

ELLA, (sem ouvir a interrupção)... e que quando chegar a minha hora... ainda as tuas mãos piedosas arrancarão um a um os espinhos da agonia, para que eu me vá emballada na infinita impressão de tua caricia!... Juras?

ELLE. — Louquinha... juro... mas...

ELLA. — Ah! como eu me sinto feliz, bem amado! E como o caminho da Vida me apparece agora direito, plano e desafogado com o arrimo do teu constante e robusto amor...

(Enlaçados, os dois Noivos, continuam caminhando sobre o relva florida. Grandes revoadas de aves passam chilreando e no poente o ceu desmaia e adormece nas primeiras purpuras do crepusculo).

SIRIUS.



A Ilustre Casa de Ramires

Continuado do nº 25.

N'essa manhã Gonçalo, que, desde a visita a Santa Maria de Craquede, arrastava um remorso incommodo por aquella espalhada preguiça a que se abandonara, tão arredado do seu trabalho e da sua Novella — recebeu uma carta do Castanheiro. Era curta, polvilhada de leve ironia; — e declarava ao amigo Gonçalo que, se em fins de Setembro não chegassem a Lisboa tres Capitulos do original, elle, com pezar seu e da Arte, publicaria no primeiro numero dos *Annaes*, em vez da *Torre de D. Ramires*, um drama do Nuno Carreira n'um acto, intitulado *Em Casa do Temerario...* « Apezar de drama (accrescentava) convem á indole erudita dos *Annaes* por que este *Temerario* é Carlos o Temerario, e a acção toda, fortemente tecida, se passa no Castello de Peronne, onde se encontram tambem nada menos que Luis XI de França, e o nosso pobre Affonso V, e Pero da Cavilhan que o acompanhava, e outros figurões de rija estatura historica... Imagine! Está claro, o *chic* supremo seria *Tructezindo Mendes Ramires* contado pelo nosso Gonçalo Mendes Ramires! Mas, pelo que vejo, esse *chic* supremo está impedido por uma indolencia suprema! *Sunt Lacrymæ Revistarum!* »

Gonçalo, finda a carta, gritou pelo Bento, n'uma d'essas suas resoluções que partiam como um dardo:

— Leva para a livraria chá verde, muito forte, com torradas. Hoje só almoço tarde, ás duas... Talvez nem almoce!

E na livraria, com o collarinho desabotoado, as vidraças abertas, decidiu não despegar da banca, como um captivo ao remo sem que rematasse, no Capitulo III, o epico trecho, o desesperado rasgo de Tructesindo. Não! não lhe convinha perder a appareição da sua Novella em tão proveitoso momento, depois da Eleição, na vespera da chegada a Lisboa, quando, para a influencia partidaria e para o prestigio social, o seu nome necessitava d'um nimbo d'Erudição e d'Arte... Felizmente, n'essa luminosa manhã em que as agoas da horta tão fartamente cantavam, elle sentia tambem a veia borbullhando, contente em se soltar e correr. Depois da visita a Craquede a sua imaginação repetidamente se detivera, com interesse, quasi com ternura, nos seus avós Affonsinos: — e como que os comprehendia mais finamente desde que contemplara os grandes tumulos onde se desfazião as suas grandes ossadas...

Diante das tiras de papel esfregou as mãos, n'um saudavel appetite de trabalho creador:

— Bem! estamos com a cavalgada do Bastardo de Bayão subindo para Santa Ireneia... O velho Ordonho, na quadrella da muralha, já o reconheceu, já gritou: « É gente de Bayão!... »

Já os reconhecera! que o pendão do Bastardo, amarello e negro, apparecera na escarpada borda da Ribeira de Coice entre o coriscar de lanças empinadas, passara a antiga e tremula ponte de madeira, e, um momento sumido na espalhada verdura dos alamos, de novo avançara, alto e tendido, parando rente ao rude Cruzeiro de pedra outrora erguido nos limites da Honra por Gonçalo Ramires o *Cortador...* Então, o velho Ordonho, atirando através d'adarves e pateos, o alarmado brado d'« aprestes! aprestes! » correu á Sala d'Armas, com as gordas e curtas pernas a tropeçar d'emoção:

— Snr D. Tructesindo, o Bastardo de Bayão passou a Ribeira, vem sobre nós com grande troço de lanças!

O Rico-Homem saltou do banco onde sombriamente escutava seu primo Garcia Viegas. E arremessando a mão cabelluda, que cerrara com furor como se já pela gorja agarrasse o Bastardo, rugio:

— Por Deus! em boa hora vem que me poupa caminho! Hein, Garcia Viegas? A cavallo e sobre elle... ?

Mas, ao portal da sala encimado por tres cabeças de javali, assomara o Coudel dos Besteiros, sobraçando um molho de virotes:

— Senhor! Senhor! A gente de Bayão parou ao Cruzeiro! E um cavalleiro, accostado por duas lanças, com ramo verde na mão, vem direito ás barbacans como trazendo mensagem...

Tructesindo bateu o sapato de ferro nas lages, indignado com a delonga — e com tal embaixada mandada por tal villão. Mas D. Garcia Niegas, a quem chamavam o *Sabedor*, velho esgrouveado, d'agudissimos olhos n'uma face engilhada e rapada, recordou serenamente os preceitos:

— Por uso e lei d'aquem e d'alem serras, primo, sempre mensageiro com ramo verde se deve escutar...

— Bem! gritou Tructesindo. Ide vós fora ás barreiras com duas lanças, Ordonho, e sabei do recado!

O vellico revoltou pela sombria escada de caracol. No patim, dous accostados, de lança ao hombro, voltando d'alguma rolda, conversavam com o armeiro que pintava de vermelho os cabos d'ascumas novas, e as encostava ao muro assoalhado para seccarem.

— Por ordem do Senhor! gritou Ordonho. Lança direita, e vinde comigo ás barbacans, a receber mensagem!...

E, ladeado pelos dous homens que se aprumaram, galgou a levadiça, varou o postigo da barbacan guardado por um troço de besteiros, e sahio ao vasto terreiro da Honra, onde a um lado ainda se erguiam as traves carcomidas d'uma antiga forca, e do outro se amontoavam, para as obras novas da Alcaçova, as ripas de madeira e os montes de pedra, em torno aos fornos de cal. Depois, sem arredar do postigo, empinando o ventre entre os dous accostados, gritou ao moço Cavalleiro, que esperava, com o ramo verde levantado:

— Dizei de que gente sois! e a que vindes! e que credencia trazeis!

E como, na sua endurecida surdez Ordonho arqueara logo a mão inquieta sobre a orelha — o Cavalleiro, serenamente, entalando o ramo verde entre o coxote e a sella mourisca, arqueou tambem as duas mãos cobertas d'escamas de ferro na abertura do casco, e bradou:

— Cavalleiro do sollar de Bayão! Credencia não trago que não trago embaixada... Mas o Snr. D. Lopo ficou alem ao Cruzeiro e deseja que o nobre senhor da Honra, o Snr. D. Tructesindo Ramires, o escute do eirado da barbacan.

O vellico recolheu pela escura poterna abobadada da torre albarran, murmurando para os dous accostados que o ladeavam: — « O Bastardo vem a tratar o resgate do Snr. D. Lourenço! » Ambos rosaram: — « Feio feito... » Mas, ao desembocar no pateo de Alcaçova, logo avistou D. Tructesindo, que, na irada impaciencia d'aquella mensagem do Bastardo, descera todo armado, com armas negras, onde as suas barbas brancas rebrilhavam, mais brancas, sobre o brião de lá verde-mar. O rijo cinturão taxeadado de prata sustentava a um lado o punhal recurvo, a bozina de marfim — ao outro espada gôda, de folha larga, cujo punho dourado se perdia entre a ponta da barba. Um sargente carregava o seu immenso broquel, da forma d'um coração, recoberto de couro escarlata, com a rude imagem do açôr negro. Um pagem conduzia a lança, de cabo de faia, ornada de bandeirolas vermelhas. Com o velho descera D. Garcia Viegas e outros parentes de Solar — o decrepito Ramiro Ramires,

um veterano da tomada de Santarem, que arrimava os passos tremulos a um chusso; o formoso Leonel, o mais moço dos Samoras de Cendufe, com uma vistosa faixa de seda cõr de rosa através do arnez de malhas; e o agigantado Senhor dos Paços de Argelim, todo coberto, como um peixe fabuloso, de escamas que reluziam. Pelo Castello já se espalhara que o Bastardo, depois da lide fatal aos Ramires, avançara de Canta-Pedra, ameaçava a Honra: — e debruçados dos passadiços pensis que ligavam a muralha aos contrafortes da alcaçova, ou mettidos por entre os vastos engenhos d'arremesso que atulhavam as correioiras, os moços da ucharia, os servos das hortas, os villões acolhidos para dentro das barbacans, espreitavam o Senhor de Santa Ireneia, os seus gestos e os seus commandos, tremendo já do assalto dos de Bayáo, e das horrendas bolas de ferro, cheias de fogo, que agora as mesnadas Christians sabiam arrojear tão destramente como as hordas Sarracenas. O Vellico, lentamente, apresentou a Tructesindo o recado do Bastardo.

— Que se acerque pois! gritou o velho. E com quantos queira dos villões que o seguem!

E immediatamente, detendo os cavalleiros que o cercavam, penetrou sósinho pela negra porta da Torre albarran; galgou a ingreme escada; em cima no eirado, onde o pendão do Açõr balaucava á brisa lenta por sobre a fila de besteiros que guarneciam as ameias com a bésta encurvada, entrou no miradouro, espreitou pela setteira. O arauto de Bayáo, n'esse momento, galopava para o Cruzeiro — que uma selva movediça de altas lanças rodeava, coriscando no sol forte. Curto fõra o recado — porque logo, no seu andaluz negro coberto por uma rede de malha acariellada d'ouro, Lopo de Bayáo despegou de seu troço de cavalleiros, com a viseira toda erguida, sem lança ou ascuma de monte, e, pousadas quietamente sobre o arção da sella mourisca, as mãos onde se enrodilhavam as largas redeas de couro escarlata. Depois, a um toque agudo e triste da buzina avançou para as barbacans da Honra, vagarosamente, como se acompanhasse um sahimento. Não o seguia o seu pendão amarello e negro. Apenas seis cavalleiros o escoltavam, tambem sem lança ou ascuma, com sobrevestes de panno vermelho sobre os saios de malhas, e os capuzes de borla descidos escondendo os capellos de ferro. Logo atraz quatro fortes besteiros, de lorigões de couro, carregavam aos hombros umas andas, rudemente feitas de ramos de arvores, onde um homem jazia, estirado, como morto, todo coberto, contra o calor e os moscardos, por leves folhagens de acacia. E ainda atraz um monge barbudo, com um enorme crucifixo de ferro passado nos cordões da tunica d'estamenha, cavalgava uma possante mula branca d'onde bojavam alforges.

Da alta setteira, mesmo sem descobrir, sob o montão das folhas crespas, a face do homem estendido nas andas, o velho Tructesindo adivinhou seu filho Lourenço! E cerrando os punhos, gritando surdamente — « quietos, besteiros, quietos! » — desceu a escadaria da torre, tão arremessado pela colera e pela magoa que o seu elmo cavamente bateu contra o arco da porta, onde o esperavam, com Garcia Viegas, os Cavalleiros parentes.

— Senhores! gritou. Meu filho Lourenço está deante da barreira, estendido n'umas andas!

Com um rumor d'espanto, um tropel de solas de ferro sobre as lages negras, todos o seguiram pela poterna da albarran, até ao escadão de madeira que levava á quadrella das barbacans. E quando o immenso velho surdiõ no eirado, tão ancioso silencio pesava que se ouviram longe, dos lados do canzil, o latir dos mastins...

No terreiro, em frente á larga cancella gateada de ferro, o Bastardo esperava, com a face bem levantada, a formosa face de *Claro-sol*, onde as barbas anelladas, cahindo d'entre o rico camalho da cervelheira, rebrilhavam n'um raio de sol como ouro novo. Graveemente saudou Tructesindo — que crusara os braços, enrugado e hirto. Depois avançou ainda, n'uma passada larga de ginete. E direito no arção, com commovida lentidão:

— Senhor D. Tructesindo Ramires, n'estas andas deitado está vosso filho Lourenço, que em lide muito leal, no valle de Canta-Pedra, colhi prisioneiro e que me pertence pelo foro dos Ricos-Homens d'Hespanha... E de Canta-Pedra venho com elle para vos pedir que entre nós findem estes homezios, estas negras brigas

que malbaratam sangue de bons Christãos... Senhor D. Tructesindo com vós venho de Reis. Recebi a pranchada de Cavalleiro de D. Affonso de Portugal. Toda a raça de Bayáo se honra em mim! Consenti em me dar a mão de vossa filha D. Violante, que eu quero e que me quer, e mandae erguer a levadiça [para que vosso filho ferido entre no seu solar, e eu vos beije a mão de pae!

Bruscamente, das andas que tremeram, sacudidas sobre os rijos hombros dos besteiros, um desesperado brado partio:

— Não, meu pae!

E hirto, sem descusar os braços rigidos, o velho Tructesindo retomou logo o brado, que rolou por todo o terreiro mais cavamente:

— Elle mesmo, antes de mim, te respondeu, villão: e filho de villão!

Como se uma lança o topasse, o peito do Bastardo vacillou; e colhido pelo repuxão das redeas o seu alto ginete recuou, empinado. Mas logo, com um arremesso para a cancella da barbacan, levantado nos estribos, e uma fera chamma nas faces, Lopo rugio:

— Velho teimoso, que nos perdes! Pelo sangue de Christo e pela alma de todos os meus te juro que, se me não dás n'este instante essa mulher que eu quero e que me quer, sem filho ficarás, que por minhas mãos, e deante de ti, sem que todo o Ceu lhe accuda, lhe arrancarei o resto da negra vida!

O ferro do punhal lampejou na sua mão erguida... Com um gesto immenso, Tructesindo arrancou a espada:

— Mas com a minha espada, covarde! Para que seja ao menos puro, e não vil como o teu, o ferro que atravessar o coração de meu filho!

E ás mãos ambas, furiosamente, arremessou a larga espada, que redemoinhou, silvando e faiscando, se cravou no chão molle. Então com um urro, com um fulgor de raio que desce, o Bastardo, debruçado do arção, enterrou o punhal na garganta de Lourenço, n'um golpe tão fundo que o esguicho do sangue lhe salpicou a clara face e as barbas d'ouro.

Os quatro besteiros, subitamente, descarregaram para o chão as andas e o corpo morto — fugiram n'uma carreira, como já acosados, em torno ao monge que galopava agarrado ás crinas. E o Bastardo, os seis cavalleiros, soltando alarme, galoparam, mergulharam no troço de lanças que cercava o Cruzeiro — e que logo, em desesperado tropel, arrancou d'abalada, com um brilho d'elmos curvados, transpoz a velha ponte, se sumio entre os arvoredos d'alem da Ribeira.

Uma alta grita atroara as muralhas de Santa Ireneia! Virotas, flechas, balas de fundas, zinzim, faiscaram, despedidas no mesmo furioso arremesso, sobre o bando de Bayáo que fugia: — mas apenas o mais grosso dos besteiros que segurava as andas cahio, estrebuchando, com uma flecha na ilharga. Pela cancella das barreiras já Cavalleiros se atiravam, n'um afflictivo tumulto, para recolher o corpo de Lourenço Ramires. E Garcia Viegas, os outros parentes, que o decrepito Ramiro Ramires seguia arquejando e gemendo, galgaram anciosamente ao eirado da barbacan, donde o Tructesindo se [não arredara, com os braços cruzados, fitando o terreiro, mais duro e mudo que uma imagem de pedra. Quando, ao rumor dos passos açodados, elle lentamente se voltou, todos emmudeceram ante a serenidade terrivel da sua face, mais branca que as brancas barbas, e allumiada pelo refulgir dos olhos seccos e vermelhos como brazas n'um forno.

Com um esforço, em que até o arnez de ferro lhe arfara, pousou a mão sobre o hombro do velho Ramiro que tremia, arriado ao seu chusso:

— Amigo! cuida do corpo de meu filho morto, que a alma ainda hoje, por Deus! lh'a vou eu socegar!...

Affastou docemente os senhores que o cercavam, como elle contendo a emoção e as lagrimas. E desceu a ingreme escada de madeira, que rangia sob o peso do enorme Rico-Homem carregado de magoa e de colera.

N'esse momento, entre um bando de besteiros, de servições que se atropellavam, esgazeados, uns berrando pelo Physico, outros por Frei Mucio — entrava a levadiça da barbacan, trazido nos braços do formoso Leonel e de tres cavalleiros, o corpo de Lourenço

Ramires. A' borda da cava uma aveleira sombreava um tosco banco de taboas sobre toros, onde, aos domingos, com o adanel dos besteiros, Lourenço costumava assistir aos jogos de bésta e frecha, e distribuir as recompensas de fructa, cerveja e bolos de mel. Sobre as largas taboas o estenderam — fazendo todos depois em roda, lentamente, o signal da cruz. Na face morta, com a curta barba ensanguentada, os olhos mortos, terrivelmente abertos, fitavam o ceu radiante: da garganta, um fio de sangue grosso ainda escorria, pingava entre taboas: e uma das mãos pendia, vincada pela corda dura que as amarrara em Canta-Pedra.

Tructesindo descia, lento e rigido. E as brazas dos seus olhos efulgiam, mais sangrentas e seccas, em quanto, através do dorido silencio, se acercava do corpo de seu filho. Deante do banco cahio de joelhos, agarrou a mão que pendia, e sobre a face manchada de sangue longamente se demorou, debruçado, n'um rouco murmurio, que não era de choro ou despedida, mas d'alguma suprema e promessa, e que findou n'um profundo beijo sobre a testa livida, onde uma restea de sol tremia, descendo entre as folhas da aveleira. Depois, violentamente erguido, atirando o braço como para n'elle recoher toda a força da sua raça e do seu solar, bradou:

— E agora a cavallo, e vingança brava!

Já pelos pateos, pela corredoiira que cingia a Alcaçova, corria um apressado fragor d'armas. Aos rudes commandos dos adais, as filas de besteiros, d'arceiros, de fundibularios, desciam em tropel dos adarves dos muros para cerrar as quadrilhas. Rapidamente n'um rumor de pragas, os serventes da carga amarravam sobre os dorsos das mulas caixotes de garrunchas e alforjes de rações. O Alferes, deante da levadiça, sacára da funda o pendão, que sacudia, desfraldado. Pelos portas baixas da cosinha peões e sargentos, antes de largar, bebiam á pressa uma conca de cerveja. No campo das barreiras os pesados cavalleiros, chapeados de ferro, lentamente se içavam, com a ajuda dos donzeis, para as altas sellas dos ginetes que o estridor das businas excitava. Depois o grito agudo dos almocadens resou por toda a cerca — *ala! ala!* De cima d'um marco de pedra, junto ao postigo do barbacan, Frei Muncio, estendia o braço, abençoava a hoste. Tructesindo montara a seu mursello acobertado de malha de ferro, — e, colhendo a lança que o Villico lhe estendera depois de a beijar sacudió no ar o ferro agudo. Logo as barreiras se abriram, e a cavalgada tropeou e largou com o pendão solto, — em quanto que, na torre d'Almenara, lento e dolente, o sino grande começava a tanger a finados...

Quando Gonçalo á tarde findou esta pagina de guerra e dôr, e depois, estirado na poltrona á varanda, releu todo esse Capitulo III, sobre que se esfalfára durante a semana, sem arredar da Torre, pensou « que o lançe causaria sensação!... »

Sentio então o desejo de recolher logo os louvores que elle merecia, assim tão épico e medieval, — e de o mostrar em confidencia a Gracinha, ao Padre Sueiro, antes de remetter o manuscrito para o *Annaes*. E mesmo lhe convinha, porque a minuciosa erudição archeologica do Padre Sueiro poderia fornecer algum traço novo, bem Affonsino, que mais avivasse aquella resurreição da Honra de Santa-Ireneia e dos seus senhores formidaveis. E immediatamente resolveu partir de manhã para Oliveira com o seu trabalho — que, depois de esmiuçado pelo Padre Sueiro, confiaria ao procurador de D. Arminda Viegas para elle o copiar na sua famosa lettra, celebrada em todo o Districto e apenas egualada (nas maiusculas) pela do Escrivão da Camara Ecclesiastica...

Com essa idéa sacudió logo uma velha pasta de marroquim escarlate para transportar a Obra amada N'esse momentó o Bento empurrava a porta da livraria, com uma cesta de vime nos braços coberta por uma toalha de rendas.

— Um presente!

— Um presente... De quem?

— Da Feitosa, das senhoras.

— Bravo!

— E com uma carta que vem pregada na toalha.

Com que curiosidade despedaçou o subscripto! Mas, apesar do apparatuso lacre e sello d'Armas, apenas continha um bilhete de

visitas de D. Maria Mendonça, com curtas linhas a lapis: — « Hontem ao jantar fallei de quanto o primo Gonçalo gosta de pecegos, e a Annica toma por isso a liberdade de lhe mandar esse cestinho de pecegos da *Feitosa*, que como o primo sabe são fallados em todo o Portugal. Mil saudades. » — Gonçalo imaginou logo que no fundo da cesta, debaixo dos pecegos, encontraria, docemente escondido, um bilhete da D. Anna!

— Bem! São pecegos... Deixa ahi sobre uma cadeira...

— Era melhor que os levasse para a copa, para os estender na prateleira...

— Deixa sobre a cadeira!

Apenas o Bento cerrara a porta, estendeu no chão a toalha, entornou cuidadosamente por cima os pecegos formosos que espalharam um aroma. Nenhuma carta no fundo da cesta! A offerta era singela e toda de fructa... Levemente desconsolado, cheirou um pecego. Depois considerou que cada pecego na realidade formava como a muda syllaba d'um recado sentimental. Ainda agachado na esteira, comeu o pecego: — e recollocou os outros na cesta para os levar a Maria da Graça.

Mas, ao outro dia, quando se preparava a abalar para Oliveira, já com a parelha do Torto engatada á caleche, já com as luvas calçadas, recebeu uma inesperada visita — a visita do Snr. Visconde de Rio-Manso. Gonçalo raramente se encontrara com o Visconde de Rio-Manso — mas conhecia a sua historia. Era um velho que, no Brasil, durante a guerra do Paraguay, engrossara sua fortuna, recolhera logo ao Reino com a mulher, senhora brasileira graciosa e doente, construiu na sua velha aldea de Canta-Pedra um palacete, e creara em torno uma bella quinta chamada a *Varandinha*: depois enviuvara, perdera a filha unica, morta d'uma angina, perdera o genro excellentemente morto da quédia d'um cavallo: e de todas estas sobresaltadas tristezas resurgira para a adoração d'uma netinha que, agora com treze annos, bonita e forte, passava pela « grande herdeira » do Districto. Na sala, á beira do vasto canapé de velludo lavrado, o Visconde contou que n'essa manhã descera a Villa-Clara, e passando pela Torre vencera o acanhamento para apresentar os seus respeitos ao Snr Gonçalo Ramires — e tambem (como soubera que S. Ex^a se propunha Deputado pelo Circulo) para lhe offerecer inteiramente na freguezia de Canta-Pedra o seu prestimo e os seus votos. E como Gonçalo, defronte, á borda da cadeira, pasmava, sorria, saudava, agradecia, esfregando embaraçadamente as mãos — o Visconde de Rio-Manso não extranhou aquelle pasmo por que de certo o Snr. Gonçalo Ramires o conhecera sempre como um antigo e ferrenho Regenerador... Não é verdade?... Mas então? Elle pertencia á velha Escola, ainda antepunha aos deveres da Politica os deveres da gratidão: — e alem da sympathia que tão largamente lhe merecia o Snr. Gonçalo Ramires (pelo que constava, em todo o districto, do seu talento, da sua affabilidade, da sua caridade) tambem conservava para com S. Ex^a uma divida de gratidão, ainda aberta, não por negligencia, mas por timidez... — O Snr. Gonçalo Ramires não adivinhava — não se lembrava?

— Não, realmente, não...

Pois uma tarde o Snr Gonçalo Mendes Ramires passava em Canta-Pedra, rente do muro da sua quinta da *Varandinha* quando a sua neta, que brincava no terrasso (aquelle terrasso d'onde se debruça uma grande magnolia) deixou escapar uma pela para a estrada. O Snr. Gonçalo Mendes Ramires, rindo, apeou immediatamente, apanhou a pela, e, para a restituir á menina debruçada da grade, saltou para a egoa que abeirou do muro... S. Ex^a não se lembrava?

— Sim, sim, vagamente...

Pois no chão, rente da grade, pousava um jarro cheio de cravos. O Snr. Gonçalo Mendes, depois de gracejar com a menina (que, louvado Deus, não era acanhada!) e de lhe perguntar o nome, pediu um cravo, que ella escolheu e que lhe deu, toda séria, como uma senhora. E elle, que observara da janella do seu quarto, no segundo andar sobre o jardim, pensava: — « Ora ahi está! Este Fidalgo da Torre, um tão grande Fidalgo, que amavel e que sympathico! » E. S. Ex. não tinha que rir e corar... A gentileza fora grande; e a elle, avô, parecera immensa! Mas não ficara na péla

apanhada. O Snr. Gonçalo Mendes Ramires não se recordava?...

— Sim, Snr. Visconde, com effeito, agora...

Pois, logo no outro dia, o Snr. Gonçalo Mendes Ramires mandara da Torre um lindo cesto de rosas, com o seu bilhete, e n'uma linha este gracejo : — « em agradecimento d'um cravo, rosas á Snr^a. D. Rosa ! »

— Sim, sim, Snr. Visconde, perfeitamente... Agora me recordo...

Pois desde essa tarde elle sempre almejava por uma opportuni-
dade de mostrar ao Snr. Gonçalo Mendes Ramires o seu reco-
nhcimento, a sua sympathia... Mas que! era timido, vivia muito
retirado... Agora porem em Villa Clara soubera pelo Gouveia
que S. Ex.^a. se apresentava deputado pelo Circulo, e apezar de ser
eleição tão segura, já pela influencia do Snr. Ramires, já pela
influencia do Governo, logo pensara — « Bem, ahí está a occasião ! »
E, ainda que sempre votava com os Regeneradores, logo resolvera
offerecer a S. Ex., na freguezia de Canta Pedra, o seu prestimo e
os seus votos.

Gonçalo agradeceu, com effusão, com enternecimento :

— Realmente, Snr. Visconde, nada me podia sensibilizar mais
do que uma offerta tão expontanea, tão...

— Sou eu que me sensibilizo por V. Ex. aceitar. E agora não
fallemos mais nesse meu pobre prestimo e n'esses meus pobres
votos... Pois V. Ex. tem aqui uma veneravel vivenda.

E como o Visconde de Rio-Manso, gabando o sitio e a estrada,
alludió ao desejo, já n'elle antigo, de admirar de perto a Torre,
essa famosa Torre mais velha que Portugal — ambos descera-
ram ao pomar. O Visconde, com o guarda-sol ao hombro, pasmou em
silencio para a Torre; confessou (apezar das suas idéas liberaes)
respeito e até humildade por quem vinha de tão alta linhagem
como os Ramires; e gabou sinceramente o laranjal. Depois, sabendo
que o Pereira da Riosa arrendara a quinta, invejou o Snr. Ramires
por tão cuidadoso, tão destro, tão honrado rendeiro... Deante do
portão, o *char-à-bancs* do Visconde esperava, atrelado de duas lindas
mulas, lustrósas e nedias. Gonçalo admirou as mulas; e, abrindo a
portinhola, supplicou ao Snr. Visconde que beijasse, por elle, a
mãosinha da Snr^a. D. Rosa. Commovido, o Visconde declarou que
nada lhe causaria mais gosto do que S. Ex. um dia, á sua escolha,
parar em Canta-Pedra, jantar na quinta, para conhecer mais inti-
mamente a menina da pela e do cravo...

— Mas com immensa honra!... E desde já me proponho a ensi-
nar á Snr^a. D. Rosa, se ella não sabe, o jogo da péla á antiga por-
tuguesa...

O Snr. Visconde saudou, banhado de gosto e riso, com a mão
sobre o coração.

Gonçalo, trepando as escadas, murmurava : — Oh senhores,
que sympathico homem! Homem encantador, que paga rosas com
votos! Ora vejam como ás vezes, por uma pequenina attenção, se
ganha um amigo! Com certeza, para a semana vou a Canta-Pedra
jantar!... Homem encantador!

E na alegria do bello capitulo da Novella que levava na pasta
de marroquim; ainda agradado com o presente sentimental dos
pecegos, que tambem levava no mesmo cesto, com a mesma toalha;
todo lisongeadado por aquella sympathia tão franca e tão bem
exprimida do velho Rio-Manso — foi n'uma disposição d'alma
luminosa e ditosa que entrou para a caleche, e accendeu um grande
charuto, e largou para Oliveira.

No largo d'El-Rey, antes d'apear, perguntou logo alegremente
ao Joaquim « da porta » noticias dos senhores. Oh! os senhores
todos muito bem, graças a Deus... O Snr. José Barrolo partira de
manhã a cavallo para a quinta do Snr. Barão das Marges, só reco-
lhia á noite...

— E o Snr. Padre Sueiro?

— O Snr. Padre Sueiro, creio que está para casa da Snr^a.
D. Arminda...

— E a Snr^a. D. Graça?

— A Snr^a. D. Graça desceu ha um bocado grande para o Mi-
rante, de chapeo... Naturalmente ia á Igreja das Monicas.

— Bem. Leve esse cesto de pecegos, e diga ao Joaquim da

« copa » que o ponha na mesa, assim mesmo no cesto, com as
folhas... E que me subam ao quarto agoa quente.

O palacete repousava n'um claro silencio. Em cima o seu quarto
refrescava com todas as janellas abertas sobre o jardim e a cerca
das Monicas. Gonçalo guardou logo n'uma gaveta da commoda,
cuidadosamente, a pasta de marroquim com o manuscripto da
Novella. Uma creada moça, de negros olhos repolhudos, entrara
com o jarrão d'agoa quente — e o Fidalgo gracejou, no costumado
gracejo, sobre os lindos sargentos de Cavallaria 7, cujo quartel
tentador pegava ao fundo da quinta com o muro do lavadouro, e
retinha as raparigas da casa, todo o dia, a ensaboar furiosamente.
Depois Gonçalo ainda se demorou, mudando o fato empoeirado,
limpando as unhas á varanda sobre a silenciosa rua das Tecedeiras,
O sino das Monicas, lançou um fino e festivo repique... E então
Gonçalo, enfatiado da sua solidão, pensou em descer pelo Mirante,
e surprehender Gracinha, nas suas devoções, na Egreja das Mo-
nicas. Na escada crusou o Joaquim « da copa » :

— Então o Snr. Barrolo hoje não janta?

— O Snr. Barrolo foi jantar com o Snr. Barão das Marges, na
quinta. São os annos da menina. Naturalmente só recolhe á noite...

Gonçalo, no jardim, ainda tardou por entre os alegretes, com-
pondo para o casaco um raminho de flores ligeiras. Depois costeou
a estufa, sorrindo da porta horrenda com que o Barrolo, recente-
mente a ornara — uma porta ogival envidraçada, com monogramma
em cores estridentes sob uma coroa de Marquez. E mettu pela rua,
que conduzia ao, repuxo e que a inclinada rama d'antigos loureiros
cobria de silencio e verdeneira frescura. Adiante, circumdado de
bancos, de buxo, d'arvores de aroma e flor, o fino repuxo cantava
n'um tanque redondo que vasos de louça azul, transbordando de
mangericões ornavam. Certamente na vespera ou de manhã se lavara
o tanque, por que na agoa muito transparente, sobre as lages muito
brancas, nadavam com redobrada vivacidade, em lampejos rosados,
os peixes que Gonçalo um momento perseguiu mergulhando a ben-
gala. Da borda do tanque já no fundo da outra rua, mais larga,
debruada de dhalias, elle avistava o Mirante, uma construcção-
sinha do seculo XVIII, simulando o Templozinho, redondo e clas-
sico do Amor, d'um cor de rosa desbotada, com o seu vaso em
chammas no remate da cupula, e janellinhas de rocalha entre o
meio relevo das columnas, por onde trepava um jasmineiro.

Gonçalo arrancou, como costumava, folhas d'um ramo de lucia-
lima, para esmagar, perfumar as mãos : e continuou para o
mirante, vagarosamente, por entre as dhalias abertas. Na allea,
novamente ensaibrada os sapatos finos de verniz que elle calçara
pousavam sem rumor no saibro molle. E silenciosamente como
uma silenciosa sombra, se acercara do Mirante, cuja janellinha sem
vidraça, conservava corrida a persiana de taboinhas verdes. Rente
d'essa janella era a escada de pedra, que, do longo e alto terrasso
sobre que se estendia o jardim, communicava com a encovada
rampa das Tecedeiras, quasi em frente á Capella das Monicas. E
Gonçalo, sem pressa, descia — quando, através da persiana ligeira,
imaginou sentir dentro do Mirante um susurro, um cochichar per-
turbado. Sorrindo pensou que alguma das creadas da casa, se refu-
giara, n'esse Templozinho do Amor com um dos terriveis sargentos
do 7... Não! impossivel! Pois se, momentos antes, Gracinha pas-
sara pela escada roçara a janella, descendo para a Igreja! E então
uma outra idéa o varou, como uma espada — e tão dolorosa, que
recuou para fugir da beira do Mirante, d'onde ella longemente o
assaltara. Mas já uma desesperada curiosidade o agarrara, o empur-
rava — e collou a face á persiana, com a cautella d'um espião. Den-
tro, o mirante recahiria em silencio — e Gonçalo temeo que o trahis-
sem as pancadas anciosas do seo coração. De novo o murmurio
recomeçou, mais apressado e turbado. Alguem supplicava, balbu-
ciava : — « Não, não, que loucura ! » Alguem rugia, impaciente e
ardente : — « Sim, meu amor! meu amor! » E a ambos os
reconheceu tão claramente como se a persiana se erguesse, e por
ella entrasse toda a claridade do jardim. Era Gracinha! Era o
Cavalleiro!

Colhido por uma immensa vergonha, uma assombrada ver-
gonha, no confuso terror de que o surprehendessem testemunhando
aquella cousa escondida e torpe, mettu logo, todo encolhido, com

os sapatos leves sobre o saibro molle, pela rua das dhalias até ao repuxo que rodeou sumidamente, por entre o buxo e as arvore. Sempre encolhido, mergulhou na sombra loureiros. E depois, collado aos vidros da estufa, agachado por entre os alegretes, esgueiramente deslisando pelas salas desertas, resvalando abafadamente pela escadaria nobre do Palacete, assim seguio, até ao Largo n'uma confusa vergonha, todo encolhido sob o murmurio do Mirante que crescia, rolava em torno, com um fragor de trovoada — « Não, não, que loucura !... » « Sim, meu amor ! meu amor !... »

Só no Largo, parando, deante do relógio do sol, o invadio a anciedade desesperada d'abalar para longe, para immensamente longe, d'aquella vergonha escondida no Mirante. Correu á alqui-laria do Bento, mandou engatar uma caleche fechada. E esperando, n'um banco, á porta, com os olhos vagos e cravados n'outra porta

d'uma taverna fronteira, e no seu ramo de louro recordava o divan de riscadinho, que guarnecia o Mirante... Por sobre o divan tremia ardentemente o murmurio. As molas rangiam. O murmurio, mais lento, desfallecia. « Não, que loucara ! sim, meu amor ! »

Furioso, com um salto, gritou para dentro, para a cavallariça escura :

— Então, que inferno, não acaba, essa carruagem ?

— Já a largar, meu Fidalgo.

No relógio do Governo Civil seis horas battiam — quando elle se atirou para a caleche, e fechou as velhas *stores*, e se enterrou no fundo bem sumido, e partio n'um grande trote para a Torre.

EÇA DE QUEIROZ.

(Continua.)

Extrema Crença

*Esses que pela vida vão passando,
Das illusões, dos sonhos desterrados,
E que seguem na sombra como um bando
Sombrio de infelizes condemnados,*

*Esses hão de zombar destas cadeias
E deste amor profundo como os mares,
Amor que vibra, quando tu me enleias
Na carícia ideal dos teus olhares.*

*Quanto mais me assoberba e me avigora
Toda a certeza de me pertenceres,
Mais eu desejo que me enleve a aurora
Do teu olhar, bem dita entre as mulheres.*

*Como eu te amo digam-l'ò, criança,
Toda a força do amor que me avassala,
Toda essa crença e toda essa esperança,
De que vivo no ardor de eternizal-a.*

*Esses que pela vida vão passando,
Não saberão, carícia dos rosas,
Que o mesmo sonho vamos nós sonhando,
Iguaes no riso e no prazer iguaes.*

*Almas pares, irmãs na desventura,
Irmãs tambem no indominado amor,
Ha de seguir-me a tua imagem pura,
Como um balsamo ás horas de amargor.*

Para.

*Pomba divina, e casta, e immaculada,
Ó fulgurante estrella da alliança,
Foste e serás a minha uncção sagrada,
Ultimo sonho e ultima esperança.*

*Neste oceano revolto da existencia,
De penedo em penedo a alma partida,
Foram teus olhos cheios de clemencia,
Que me trouxeram novamente á vida.*

*Quantos não vão pelo viver a fóra,
Torturados no tedio que os supplanta,
Sem saberem chorar, se a alma chora,
Sem saberem cantar, se a alma canta ?*

*Quantos não deixam ver a chaga aberta
Do soffrer de encontrar abandonada,
Sombria a vida, lugubre e deserta
Dessa ventura tanta vez sonhada ?*

*Quantos !... E passarão atormentados,
Arrastando o barço do destino...
A rir — o riso dos desesperados,
Riso feito de fel, riso assassino.*

*E nós ?... Nesta loucura indefinida,
Presos da crença pelo intenso ardor,
Vamos vivendo desta mesma vida,
Do mesmos sonhos e do mesmo amor.*

THEODORO RODRIGUES.

SPORT

OS " COUNTRY CLUBS " NA INGLATERRA SPORTS D'INVERNO E SPORT DE VERÃO

E cousa geralmente sabida que o paiz que cultiva com mais amor os grandes exercicios ao ar livre é a velha e poderosa Albion.

Foi ella quem inventou essas fatigantes correrias, denominadas *criket*, *foot-balls*, *lawn-tennis*, *polo* e outras muitas que figuram n'uma ordem secundaria, e para as quaes, a força, a agilidade e a resistencia são condições essenciaes. E tambem por meio d'essa escola mascula e viril, piedosamente seguida por todas as gerações que ella conseguiu desenvolver e aperfeicoar uma raça que representa actualmente no mundo, o typo mais completo e são, o specimen mais perfeito da belleza physica. Para conseguir esse resultado cuja origem perde-se na tradição da sua historia, os anglo-saxonios possuiram em todos os tempos associações e centros especialmente organizados para a pratica dos exercicios corporaes.

Essas associações conhecidas em geral pelo nome de *Clubs Campestres*, são uma especie de prolongação da familia, com todas as suas liberdades e tambem com todas as garantias.

Homens, mulheres e creanças frequenta-n'a com uma assiduidade diaria e em numero consideravel, dando a essas reuniões um caracter da mais pura e franca intimidade.

D'esde a loura menina de oito annos até a respeitavel vovó com grandes oculos redondos d'esde o peralta de calças curtas até o respeitavel septuagenario professor da Universidade, todos correm e saltam com mais ou menos ardor, praticando com prazer e consciencia, essa segunda religião nacional e sobre cujos dogmas não ha divergencias nem separações.

Dominadores de uma grande parte de mundo elles levaram para os novos paizes que fundaram e para as vastas e estupendas colonias que possuem a mesma devoção para esse culto do musculo e do biceps.

É assim que nos Estados-Unidos, no Canadá, Australia e Nova-Zelandia, nas Indias, no Cabo e Ceylão, em Malta e outras diferentes terras, o sport em geral attinge um desenvolvimento igual ao da mãe-patria.

Melburne possui os mais famosos jogadores de criket e ainda na ultima primavera, n'um match sensacional em Philadelphia derrotaram brilhantemente os Americanos.

A Irlanda fornece os melhores cavalleiros para o Polo e a Inglaterra e o Paiz de Galles primana arte de remar e dos *yatchmans*. O Canadá orgulha-se com as mais bellas patinadoras e as Indias têm os mais ageis e velozes andarilhos.

tão cheias de vida e de contraste. Na primeira vê-se jogadores de lawn-tenis que n'uma cordeal sem cerimonia descansam sobre a verde relva, após uma bem disputada partida, na segunda o scenario é todo outro, as arvores não têm mais folhas e a neve branca do natal substitue as flores da primavera.



Sobre o gelo duro e resistente elegantes Miss e correctos rapazes deslisam sem ruido sobre o equilibrio dos patins, recebendo em pleno rosto, o ar glacial e vivificador de uma temperatura de Dezembro.

Não existe em toda a Inglaterra e acreditamos mesmo que em todos os paizes fundados por inglezes, a mais insignificante cidade que não possua o seu Club-Campestre organizado de um modo completo e com incedivel conforto.

Durante o verão as familias ahi reúnem-se todas as tardes n'uma hospitaleira intimidade e sob a sombra das arvores tomam o classico chá e comem o nacional *plum-puding* e no inverno, quando rapazes e raparigas, meninos e meninas, aproveitam o ultimo raio de sol nos longos exercicios de patinagem, trenós e bolas de neve, o vasto salão bem aquecido espera-os, para continuar na dansa e nos diferentes jogos, as boas palestras interrompidas ao cair da noute.

Na Allemanha e na Austria procura-se faser qualquer cousa que se assemelha, mas a imitação fica muito a quem da realidade e somente a pequena burguezia se associa de um modo muito limitado e modesto.

E os raros, mesmos rarissimos « Clubs-Campestres » que se encontram n'esses dous paizes, são insignificantes e outros não são mais que vulgares *brasseries* onde o sport dos *chops* é cultivado com acrysolado fervor.

Nos paizes de raça latina elles não existem completamente e sómente na França, isto é em Paris, vemos no Bois de Boulogne, dous « Clubs Campestres ».

Mas estes mesmos são frequentados por elegantes, que facilmente fatigam os seus pobres musculos já enfraquecidos pelos champagnes da vespera, e senhoras anemicas que muitos se preocupam com as pennas do chapeo, as fitas do vestido, e os frisados do penteado.

A leitora concordará commigo que o Sport muito pouco ganhará com semelhantes adeptas.

S. MARCELLO.



As gravuras que illustam esta pagina representam combastante fidelidade uma d'essas pittorescas scenas de inverno e de verão.

COISAS D'ARTE

PEQUENAS EXPOSIÇÕES

O Ceramista Lachenal — Raphael Bordallo

OFELIZ acaso que na redacção dos *Debats* me fez conhecer, ha tempos, o ceramista Lachenal, tornou-me duplamente interessante e instructiva a visita que um dia d'estes fiz á sua exposição da galeria Georges Petit.

Muito simplesmente, com a serenidade de quem estivesse explicando coisas feitas calculada e friamente segundo formulas dadas, o grande artista, commentando alguns dos trabalhos expostos, toda a sua genesis, fazia-me notar ao lado d'um grande vaso d'uma pureza de linhas impeccavelmente gregas, d'onde emergia voluptuosamente da curva doce d'uma onda a linha maravilhosa e indecisa d'um dorso de mulher, um pequeno azulejo d'um tom doce e uniformemente bello — primeira tentativa d'um effeito a tirar, e que, por feliz, servira ao artista como base para a realisação da obra que elle, methodica e propositadamente, lhe collocara ao lado.

Processos especiaes, *trouvailles* como essa do *bleu nocturne*, que o ceramista conseguiu tornar inalteravel mesmo á crueza da luz artificial, tudo elle me ia explicando com uma tal e tão maravilhosa lucidez de raciocinio, que, ainda mesmo nas particularidades especiaes do *métier*, tudo isso se me revelava n'uma inteira e completa clareza. E comtudo essa obra que eu via ali, essa obra que me prendia por completo, era a obra d'um exilado voluntario, d'um temperamento raro e bizarro, obra que eu sabia feita de febre; — tentativas aonde ao fim de mil decepções e falhas desesperantes, a infinita paciencia do investigador, por exgotada, vinha accender impaciente todo um desequilibrio febril nos aquecidos nervos do artista. E coisa admiravel, aquelle homem que eu sabia ter-se feito pouco e pouco a meio de medonhas privações e d'outras difficuldades similarmemente negras, commentando agora ali a sua obra era sereno, natural, porque realisado o seu fim, se julgava pago no successo obtido; e tudo, ainda mesmo feito em meio de tamanhos sacrificios, lhe apparecia mesquinho, como tudo o que é conseguido apparece sempre ao artista, que, o sendo verdadeiramente, vê só, no caminho andado, um escalão, facil percorrido, da estrada a vencer para o fim irrealisavelmente grande e mysterioso da Arte.

Uma das grandes peças expostas, um gallo surprehendido na attitude orgulhosa d'um altivo D. Juan de capoeira descobre bem todo o poder intensivo do colorista forte e quente que é Lachenal. Na rutilancia da cor este barro tem o colorido quente e uberrimo d'um fructo maduro que, esmagado, deitasse cá para fora toda a forte e fecundante violencia da sua seiva. Faria um bello *pendant* a um outro, admiravel, do mesmo genero, que conheço de Bordallo e que faz parte da tão interessante collecção d'arte do meu querido amigo, o Dr Jacintho de Magalhães.

Ainda n'esta mesma nota, — patos voando, pintainhos, rãs, mil animalculos de castas extranhas, alguns mesmo stylizados pelo artista, a vida emfim quasi sempre apanhada em flagrante e n'uma tal justeza de cores e movimentos que surprehende e tira ao barro e em especial á faiança, toda a sua propria e ingrata dureza. Depois e a avolumar e salientar mais este quente alarido de cor, este gritar, por vezes metallico da faiança, a sua arte vaporisa-se, indeterminando-se em mil nuanças d'uma doce e ideal suavidade. Ao lado da rutilancia pimpante d'um gallo e do espelhado azulejado e brilhante d'um pato, a linha, já por si vaga, d'um vaso levemente decorado apaga-se ainda mais na transparencia do seu tom uniformemente doce.

Por toda a parte, tanto nos seus barros modelarmente bellos, como nas suas faianças d'um desenho por vezes bizarro, sempre a mesma affirmacão intensa e poderosa de visão. — Toda a gamma da cor realisada com uma maestria que revela no artista uma retina admiravel, e um poder de colorido fortemente pessoal.

Como o nosso Bordallo tão originalmente grande, Lachenal não precisaria marcar nem os seus barros nem as suas faianças, tanto, como n'aquelle, lhe é propria e pessoal a sua maneira de os colorir e modelar. A meu vêr e á parte ainda as qualidades superiores de temperamento do nosso ceramista, qualidades que por lhe serem naturalmente facéis muitas vezes o prejudicam no conjuncto d'algumás das suas obras, um artista não desmerece do outro, e a effectivar o francez a ideia que projecta — ideia em que fallámos largamente, — de realisar, em seguida á exposiçáo que agora vae fazer em Vienna d'Austria, uma outra em Lisboa, terá então o nosso publico occasião de vêr, pela comparação das duas obras, qual a consagração que n'um meio artistica-

mente educado como este, teria um artista do valor de Raphael Bordallo.

De resto ha mesmo nestes dois magnificos artistas, á parte o volume de carnes e o proporcional augmento em Bordallo do seu cabelo revoltamente negro, uma bizarra e extranha analogia de typo. Na mesma energia de mascara, o olhar resalta fundo e brilhante, — mixto que fosse do vago ideal d'um poeta sonhador e da petulancia atrevida e violenta d'um lendario e medievido D. Fuas. O combate que elles dão, é tambem um combate dado pelo ideal, mas por um ideal fugidio, incerto como a mulher o era já para aquelles seus cavalheirosos ancestraes, e mytico como ella, assim para elles esse ideal lhes é enigmatico e difficil.

Feitas mil combinações diversas, tudo o que de novo e precisamente scientifico, a chimica complicou na ceramica actual, o artista, modelada e colorida a sua obra, entrega-a assim já de todo trabalhada, producto — eu sei lá! — de que enormes sacrificios, ao



BORDALLO PINHEIRO

(No seu atelier da Manufatura das Caldas).

capricho doido e incerto do fogo, que a maior parte das veses reduz a nada, tudo o que elle realisara com tão sacrificado e devotado amor. Jogo do acaso, e bem do acaso esse em que a mais do que a antiga e cavalheiresca probabilidade d'uma estocada ainda mesmo



Hymno a Beethoven
(Vaso Artístico de Bordallo).

até á suprema altura, Bordallo, poisando ahi n'um diadema de luz, bem mais luminoso que a consagrante e classica corôa do verde loureiro, é, com a belleza e intensidade d'essa mesma divina luz, que elle, ao tocar da sua obra, a vivifica e anima. Regras, preceitos, toda essa *mnemónica* embrulhada, que, na ceramica, funde o artista no industrial, caldeando a impetuosidade do primeiro com sciencia raciocinada do segundo, tudo isso elle esquece quando cria e produz. Cada pequena parte do conjuncto, sob a acção dos seus dedos febris, cresce, avoluma, toma de per si só, — tanta e tão grande é a vida que elle lhe dá, — toda a importancia e relevo d'uma obra propria, sendo consequentemente bella de per si, mas vivendo d'uma vida tão forte e intensa, que, grande de mais para o pequeno fim a que era destinada, n'elle se torna monstruosa e quasi aleijão.

Lachenal é talvez n'este sentido mais propriamente ceramista, por isso que, dado o character fundamentalmente utilitario, que deve ter sempre qualquer trabalho de ceramica, e, não tendo elle a poderosa faculdade de *manejador de motivos*, que é, a meu ver, a qualidade principal de Bordallo, é mais sobrio do que este, não lhe acontecendo tão facilmente como ao nosso, no realizar de algumas das suas obras, o sobrecarregal-as, tornando-as incoherentes, e prejudicando-as até mesmo, por vezes, na belleza da sua linha geral,

Isto pelo que respeita a objectos que já um tanto mais decorados pelo artista, elle comtudo destina ainda a um fim pratico, de uso domestico.

E' portanto uma superioridade de poder o que algumas vezes prejudica Bordallo, poder que por excessivamente facil para elle o leva involuntariamente ao abuso. Consequencia esta, immediatamente directa da intuição propria, e do seu mesmo temperamento, que se pode dizer lhe vem de jacto, directamente, sem a aprendizagem difficil e longa, que é para outros, n'este caso especial, o freio mais natural e seguro.

Assim é que a meio do *décor* das suas jarras magnificas, e dos seus admiraveis centros de meza, nós topámos a cada passo com mil maravilhas d'arte, effeitos extraordinarios de côr, linhas d'uma belleza impeccavelmente grega, figuras e silhuetas emergindo vagamente da curva d'um contorno, e isto d'um modelado tão sobrio e seguro, que por si só bastaria para marcar ao artista um logar dos mais distinctos entre os dos nossos melhores esculptores. Ha figu-

ras suas de faunos que pelo modelado sobrio e intensamente accentuado lembram Teixeira Lopes, esse temperamento raro e poderoso de artista cuja obra me evoca sempre a maneira pessoalmente extranha do genial Rodin, como por vezes, na linha modelarmente voluptuosa das suas encantadoras nymphas eu vislumbro o poder sensualmente facil e gracioso, que dá um cunho tão pessoal e interessante á já hoje longa obra d'esse outro bello temperamento de esculptor que é Thomaz Costa.

Não basta porem olhar ao de cima com olhos de quem só quer vêr d'alto, na ideia d'uma impressão subita a tomar; é preciso descer ao detalhe, sem ahi comtudo ser necessario procurar e rebuscar, tanto tudo é bom, de primeira agua, trabalho de honesto, e honestamente feito. D'esta forma o mesmo seu defeito de incoherencia e sobrecarga de motivo, defeito que lhe prejudica em muito a linha geral da sua obra, por ella assim não offerer o lado pratico, de uso domestico, que deve ser sempre, como já dissemos, a caracteristica de todo e qualquer objecto de ceramica, esse mesmo nos esquece, e quasi o abençoamos, tanto é o genio que trasborda a meio do magnifico poder que o artista espalha em todos os seus trabalhos, fortemente e ás mãos cheias.

Com o seu temperamento, o temperamento d'um verdadeiro meridional, d'uma intensidade tão ardente como o lume brazeante dos seus fornos das Caldas, Bordallo, mergulhando nos mil e extraordinarios thesoiros que constituem o seu fundo individual, a sua extranha e propria idysioncrazia, arranca de lá tantas e tamanhas bellezas, que a sua obra, somma de todas ellas, se perde por vezes a sobriedade que, dado o seu fim especial, deveria ter, é comtudo infinitamente grande, da mesma grandeza do sonho da alma que a creou. Como um d'esses ancestraes navios, que poisando no Oriente mysterioso, regressavam de lá, bordejando pesadamente, sem o donaire que á ida tinham levado na ligeireza fina das suas velas, elle, como elles, na riqueza e maravilha dos magnificos thesoiros que a dentro de si traziam, dá-nos tambem na louca e larga prodigalidade do seu temperamento admiravel, compensação que farte para esse unico defeito, que por vezes a sua arte nos accusa.

Parallela e conjunctamente com esta sua qualidade — defeito e a compensar-lhe o lado mau pelo que ella poderia prejudicar essa sua tão patriotica tentativa do nosso renascimento ceramico, a sua honestidade, — essa suprema tara do verdadeiro artista, — é n'elle sem limites, tão grande como grande é o seu proprio genio, e assim, emquanto a maios parte dos ceramistas estrangeiros que conheço, na idea do lucro, se cantonam na exploração da peça unica, no fabrico quasi exclusivo do exemplar de amator, elle, fazendo-a em grande numero, e o mais largamente possivel, vulgarisa-a, tornando-a accessivel, ainda que em prejuizo proprio, e isto mais especialmente entre nós, dada a nossa estreiteza do meio, até ás bolsas mais acanhadas e pobres. Potes, como alguns dos seus, vendidos ahi difficilmente por quaesquers magros e minguados tostões, não se conseguem aqui, aonde comtudo a concurrencia é já grande e perfeitamente estabelecida, a menos d'algumas dezenas de francos. Assim é que tambem cá fóra, a ceramica, apesar de já bem industrialmente realisada, continua comtudo a ser um objecto de *biblot*, como ha alguns annos, poucos, quando da sua maior expansão, com a influencia, então ainda mal comprehendida da arte japoneza, emquanto

Com esse seu admiravel temperamento, que, por vezes, attinge

Com esse seu admiravel temperamento, que, por vezes, attinge



LACHENAL
(No seu deposito de barro).

Com esse seu admiravel temperamento, que, por vezes, attinge

que ahi, apesar da nossa falta de meio proprio e sufficientemente educado, ella começa já a entrar nas despesas ordinarias dos forçamentos ainda os mais escassamente magros.

Depois e no seu largo e verdadeiro campo, trabalhos como o seu

magnifico *Hymno a Beethoven* são a consagração inteira e completa do artista-que tão alto se levanta, a meio de tão levantada e grandiosa concepção. A linha fina d'esta jarra, que já não é restrictamente uma obra de ceramica, não tendo por isso as relativas exigencias, ainda que profuzamente decorada, destaca-se nobre e docemente a meio da belleza esplendente do *décór*; e este vaso se n'ella por maneira tão harmonicamente bella, que, logo á primeira vista,



Vaso artistico de Lachenal.

todo o seu conjuncto nos prende sem que, por qualquer parcella, a nossa attenção se quebre e disperse. Com a doçura de linhas, crescendo, avolumando brandamente do recorte nitido do vaso, a *nuance* da côr é, por vezes, tão maravilhosa e docemente consequente, que até o barro marcado do mesma fluidez do sonho do artista, n'uma ou n'outra parte, perde por completo toda a opacidade que lhe é natural, e que em Bordallo accresce ainda mais, dada a nota funda do seu colorido de meridional sempre intensivo e quente.

Com todos os seus defeitos e incoherencias, a sua obra, desigual como quasi todas as d'aquelles em que o genio, escandecendo, queima por vezes da sua chamma sagrada, bastaria tal como ella já hoje é, a fixar-lhe o nome n'uma brilhante aureola de luz, mas grande e irremediavel mal seria para o paiz, que o que ella arrastava comsigo, no vencer da sua marcha triumphal, se perdesse de todo. Fallo d'essa tentativa de renascimento da nossa ceramica, tentativa que sustentada tão maravilhosamente pelo nosso grande artista, soffrerá um rude golpe, se os nossos governantes não virem com mais afflicto interesse, do que aquelle que n'essa ordem de coisas costuma pôr a indifferença do nosso povo, que, para o lado das Caldas, n'um pequeno e esquecido recanto, o artista que ahi se recolheu n'uma discreção toda amorosa ao conseguimento d'um grande fim, se viu obrigado a abandoná-lo, elle mesmo, abandonado de todos, exgottados que foram os ultimos recursos de que para tal podia dispôr.

Tão irremediavel mal avultará ainda mais se Bordallo, por vencido e desgostado, abandonar, de vez, esse recolhido ermetario, de que elle fizeza o seu amado asylo d'arte, e aonde o seu temperamento, como n'um meio adquado e propriamente puro, se retemperava sem influencias extranhas que a nada mais serviriam do que a deformal-o e pjudical-o.

Dado o forte sensualismo d'este artista poderoso, se é certo que a sua individualidade, por accentuadamente original, pôde resistir ás pessimas influencias d'um meio tão deprimente, para temperamentos d'esta ordem, como o é esse meio de Lisboa, e isso no que diz respeito ao desgosto que qualquer poderia fazer ao seu relevo proprio, o prejuizo não me parece comtudo, nem menor, nem menos grave. Sem o contacto permanente da Natureza, do que o seu eu, é, por assim dizer, um pouco o rebento, uma das suas forças esparsas, o artista terá de ir procurar ao proprio combate imagetico, impressões, que essa mesma Natureza, no seu poder creador e fecundante, lhe traria facilmente aos sentidos, impressões essas

assim mais nitidas e vigorosas, sem o obrigarem a um gasto, que, por grande, o desequilibrará, reflectindo-se-lhe na sua obra, e no seu proprio ser. A evolução propria, que assim se faria, seria feita mais completa, e até maior altura, sempre fecundante e productora por as visões, d'esta forma, lhe virem d'uma transformação natural e progressiva; d'outra forma, far-se-lhe-há aos haustos, intermitente, e, se muitas vezes, d'ahi mesmo, a dentro d'esse desequilibrio, é certo, o genio poderá romper, a allumiar mais violento e fundo da violencia d'esse mesmo embate, a intensidade, comtudo, de tal chamma vir-lhe-ha d'essa mesma ephemera e curta violencia. N'essa ascensão, que deveria ser serena e gradual, a labareda queimando extemporaneamente, não deixará ficar alicerce onde o artista poise, com segurança, a continuar a sua manhã gloriosa; onde aonde a sua obra assim realisada morderá talvez mais fundo n'um ou n'outro ponto, mas falha da sua belleza integral, não terá nunca a grandeza larga e poderosa, que, vivida no seu proprio meio, poderia e deveria ter.

Ultimamente aqui, e na idea d'essa mesma vulgarisação da ceramica de que ha pouco fallei, visto a difficuldade da creação de novos typos de esmalte, sem a elevação do barro, quando da sua cozedura, a um alto grau de calor, tenta-se a substituição d'aquella pela porcellana muito mais forte e resistente. Vi outro dia em Versailles, aonde ha pouco e n'este proposito se fundou uma empresa, a empresa Glatigny, algumas peças d'uma certa belleza, mas como quer que seja e ainda com o concurso de artistas de valor como aquelles que em tal trabalham, não me parece estar ahi a solução do problema; pois se é certo e materialmente grande o prejuizo que representa para o artista, o deixar perdido no forno grande parte da seu trabalho, a meu ver tambem nunca a porcelana pela sua polidez uniforme dará á obra de ceramica, quando realisada, esse caracter e cunho artistico, que é ao barro tão proprio e bellamente particular. Isto a não ser que o artista se limite ás peças completamente esmaltadas, tendo porém de pôr de parte os mil e interessantes effeitos que se tiram das peças que só o são parcialmente genero esse de que Bordallo nos tem dado como no seu *Zé Povinho*, *Policia*, etc., exemplares tão caracteristicos e originaes.

Quando sahi da exposição Lachenal, era já noite fechada, e Paris, todo o dia brumoso e indeciso, cobria-se por completo d'um manto tragicamente negro. Da linha tumultuosa dos grandes boulevards vinha um grande halo de luz, de movimento a romper da treva, rasgando-a extranhamente, dando ao compacto agitado da *foule* que a dentro d'ella se movia, o aspecto phantastico e por vezes feerico d'um diabolico sabbat.

A meio d'esse sombrio *décór*, todo em linhas duras e agudas a obra que eu acabara de vêr, emergia ainda mais doce, como um sorriso pallido de sol a meio da calma subita d'um dia de duro e desabrido inverno. Coisa bem extranha essa da Arte, que faz com que creaturas humanas, vivendo quasi constantemente a meio de paysagens similares, ahi mesmo vençam a impressão que de tal lhes tragam os sentidos, para, continuando a viver chymericamente

da belleza d'um sonho proprio, n'elle mesmo conseguem amalgamar e confundir tanto etanto a sua propria alma, que ella, espe-



Vasos artisticos de Lachenal.

lhando-se-lhe, lhes illumine d'essa mesma divina luz toda a sua obra, que, como se divinamente fosse, elles tocam do poder suggestivo e forte das suas mãos de artistas poderosos!

JOSÉ DE FIGUEIREDO.

O CORONEL PICQUART

JA tivemos occasião de consagrar algumas linhas a este official francez, cuja attitudo francamente revisionista fez d'elle o alvo principal dos violentos ataques e da extremada campanha por parte d'aquelles que não admittem a possibilidade de um engano judiciario contra o capitão Dreyfus. O coronel Picquart, severamente punido pelos depoimentos que fez no processo Zola, foi ha mezes atraz preso e recolhido ao Monte Valeriano, por ordem do governador militar de Paris, que o accusava de ter fabricado alguns dos documentos que se servira para justificar as declarações que fizera deante dos Jurados do Sena. O partido revisionista protestou com energia contra esse acto da justiça militar e os innumerous jornaes que sustentam a causa da revisão, romperam contra o Estado-Maior do exercito uma campanha violentissima que até hoje perdura.

Do Monte-Valeriano foi o coronel Picquart removido para a prisão militar do Cherche-Midi, a espera do proximo conselho de guerra que deve julgalo.

O Supremo Tribunal de Justiça, que desde Setembro começou a revisão do processo Dreyfus, procedendo a um inquerito completissimo e imparcial, ordenou ultimamente que o coronel Picquart se apresentasse para ser ouvido como testemunha, sendo o seu depoimento considerado como um dos mais importantes. Após as primeiras audiencias em que o prisioneiro veio depor, apparece uma ordem do governo militar de Paris ordenando que o mesmo seja julgado o mais depressa possivel e fixando a reunião do conselho de guerra para uma data proxima. Nova campanha contra o governador militar, pela imprensa revisionista que sustentou a illegalidade de um julgamento appressado, contra uma testemunha

que estava sendo ouvida pelo supremo tribunal e pediu ao mesmo que ordenasse o adiamento do Conselho de Guerra até que o inquerito Dreyfus fosse concluido. O eminente advogado Labori, defensor do coronel Picquart apresentou a questão juridicamente ao Supremo Tribunal que deu razão aos revisionistas, intimando o Conselho de Guerra a que adiasse o julgamento, para uma data posterior e a fixar.

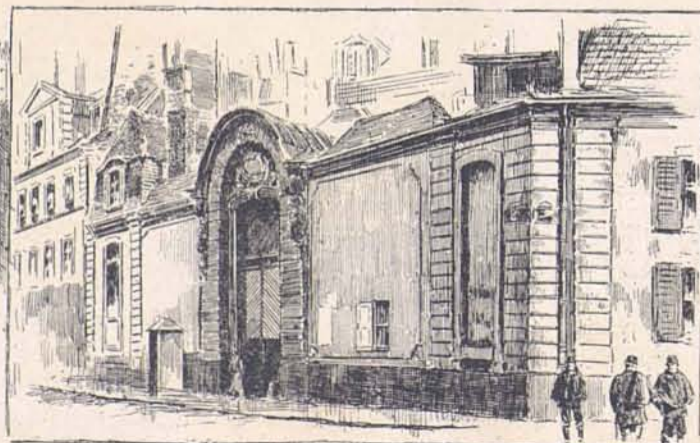
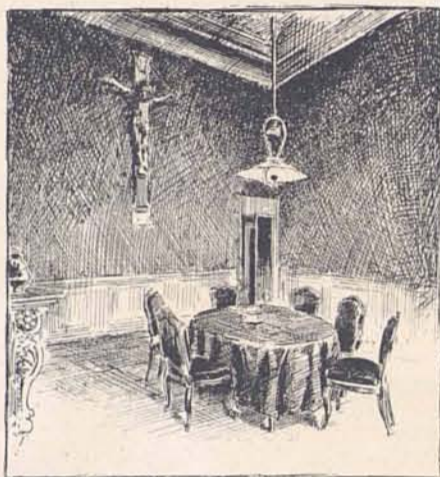
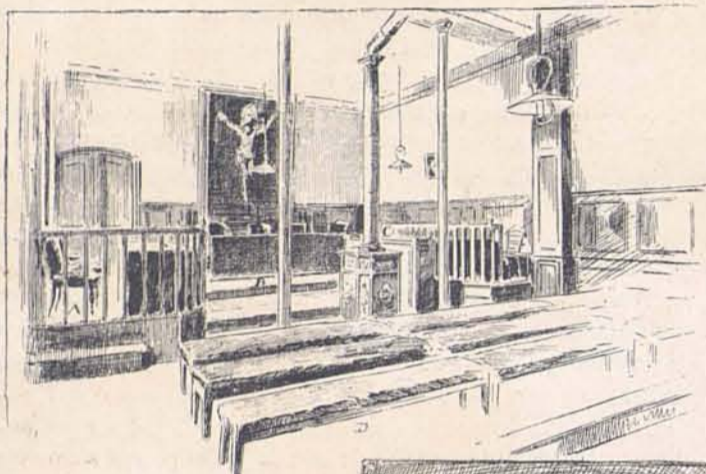
No meio de todas estas luctas e paixões que felizmente parecem em breve acabar, o nome do prisioneiro do Cherche-Midi é a bandeira de combate de um grande partido que, acaba ultimamente de receber a mais estrondosa manifestação do professorado superior da França. Não deixou de causar enorme impressão em todo o paiz e mesmo no estrangeiro, esse espontaneo movimento dos chamados « intellectuaes » em favor da questão Dreyfus.

A independencia d'esses homens que constituem tambem o poderoso estado maior da sciencia, das artes, do professorado, da litteratura, muitos d'elles verdadeiros sabios e especialistas de reputação universal, está acima de toda e qualquer suspeita.

A gravura que junto damos representa um croquis de grande actualidade e mostrará aos nossos leitores de um modo pittoresco uma serie de scenas e typos que diariamente se observa na prisão militar do Cherche-Midi.

E' ella a reproducção de um desenho feito — *d'après nature* — pelo distinto correspondente do importante jornal londrino *Black and White*.

REPORTER.



Sala d'audencia.
Os generaes do Conselho de Guerra.
Jornalistas e Reporters.
Sentinela da celula de Picquart.

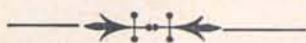
O CORONEL PICQUART
Fachada da Prisão do Cherche-Midi.

Sala de Deliberações.
Mr. Labori.
Os dois policias civis que guardam o prisioneiro.
O carcereiro.

Revista Moderna

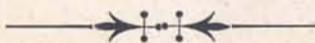
Ilustração Brasileira

MAGAZINE LITTERARIO E ARTISTICO



Apparecendo com a maxima regularidade todos os mezes e dando aos seus leitores **cincoenta** paginas de texto e perto de **cem** illustrações impressas em magnifico papel, n'uma artistica capa em **chromo-typographia** e um bellissimo **hors texte** consistindo na reproducção, a côres, dos quadros mais celebres dos pintores contemporaneos.

O texto contido em cada numero da **Revista Moderna** equivale ao de um volume ordinario de mais de trezentas paginas.



Brinde da Revista Moderna

Aos seus antigos assignantes que renovarem a sua assignatura por um anno e aos leitores que tomarem uma assignatura pelo mesmo tempo — até 31 de Janeiro proximo — offerece a *Revista Moderna* **uma esplendida gravura a côres copia do famoso quadro de Boucher — O NINHO — do Museo Nacional do Louvre.**

Esta reproducção que é rarissima — e que no mercado Europêo attinge preços fabulosos — tem sessenta centimetros de base sobre quarenta de alto. — Nos fins de Janeiro já estará em poder dos nossos agentes que farão a sua distribução nas condições, que n'outro local indicamos.



J. COSTA & C^o

BOOT-MAKERS · BOTTIERS · ZAPATEROS

277, RUE SAINT HONORÉ, 277

(PRÈS DE LA RUE ROYALE)

PARIS

TÉLÉPHONE

◆◆◆◆◆
ESPINGARDA DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1^a qualidade

A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

8, Avenue de l'Opéra, PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica
da Casa Guinard.

◆◆◆◆◆
ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inoffensivo. Quando se toma em qualquer momento de um acesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dor em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A **Cerebrine** actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes*, contra o *zona (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a extenuação resultante da fadiga, do *trabalho á sobreposse* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depositos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Pariz.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ

1878 — MÉDALHA DE OURO — 1878

A mais alta Recompensa dada aos Adubos

1889 — FORA DE CONCURSO — 1889

Membro do Jury de Recompensas

SOCIEDADE ANONYMA

DE

PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Séde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE

ADMINISTRADORES

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para caféeeiro, despeza por pé : 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.
— cacoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.
— canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

◆◆◆◆◆
INFORMAÇÕES, ANALYSES

LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA
EM PARIZ E EM BORDEAUX

◆◆◆◆◆
DIRIGIR-SE AOS ADMINISTRADORES DA SOCIEDADE :

30, rua des Allamandiers, BORDEAUX.

15, rua des Petits-Hôtels, PARIS.

REVISTA MODERNA

Ilustração Brasileira e Magazine Litterario e Artistico

Director : M. BOTELHO

COUPON DE ASSIGNATURA DE UM ANNO

Ill^{mos} Sen^{rs} _____

Agentes da *Revista Moderna* _____

Junto enviamos a quantia de 50\$000 Reis importancia de uma Assignatura de um Anno a comecar do N^o 25 e terminando com o N^o 36, que os Sen^{rs} farão o obsequio de enviar-me a direcção abaixo :

Nome do Assignante _____

Endereço _____

Os Assignantes do interior enviarão aos nossos agentes, afara a importancia da Assignatura, mais *Mil réis* para a remessa pelo correio do grande quadro a côres, que constitue o valiosissimo e artistico brinde que a *Revista Moderna* offerece a todos os seus assignantes.

MATHIEU-DEROUCHE

PARIS — 39, Boulevard des Capucines — PARIS

ASCENSEUR * TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteráveis** vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, à luz e à humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889

Membro do Jury 1893. — Membro dos Comitês d'admissão da Exposição 1900

ENVIA-SE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

CAVALLOS E CARROS DE LUXO

TÉLÉPHONE
N° 51355

DEMARS

TÉLÉPHONE
N° 51355

27, Rua Cardinet, 27

PARIS



Recebe-se animaes
em pensão



27, Rua Cardinet, 27

PARIS



Recebe-se animaes
em pensão



EQUIPAGENS DE LUXO PARA PASSEIOS E SOIRÉES

Alugéis de carros particulares por dia e por mez

SERVIÇO E MATERIAL DE PRIMEIRA ORDEM PREÇOS MODERADOS

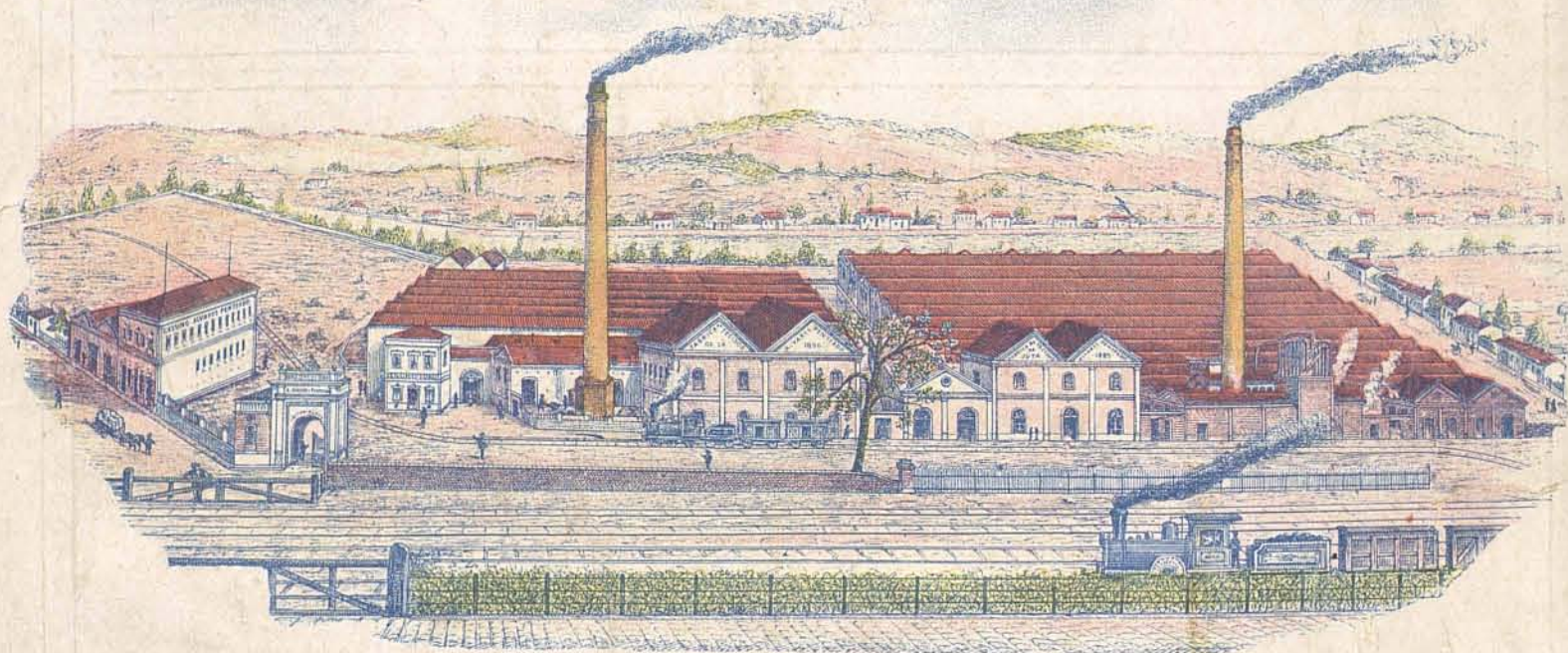
FABRICAS DE TECIDOS

DE

A. ALVARES PENTEADO

Rua Florida. ❖ SÃO-PAULO. ❖ Suburbio do Braz

As maiores e as mais importantes do Brasil, rivalizando com as principaes fabricas européas



A FABRICA DE TECIDOS DE LÃ "PENTEADO"

Tem uma producção diaria de 4 a 5.000 metros de:

CACHEMIRAS, SARJAS,
CHEVIOTES, DRAPS, PANNOS, FLANELLAS, COBERTORES, etc.

Cores garantidas e fixas pelos
mais aperfeiçoados processos da tinturaria chimica.

A FABRICA DE TECIDOS DE JUTA "SANTA-ANNA"

Fabrica diaramente de 60 a 70.000 metros de:

ANIAGEM PARA SACCOS DE CAFÉ E CEREAE. ANIAGEM
ESPECIAL PARA LENÇÓES DE CAFÉ

O mesmo tecido, superior e em cores para colxões
e ontras applicações.

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA PARA O

Escriptorio Central : 57, Rua de São Bento, 57, SÃO-PAULO